HAROLDO BRUNO

PÉRSIO

Introdução, tradução e notas.

Monografia de Mestrado
em Latim apresentada ao De
partamento de Letras Clás-
sicas e Vernâculas da F.F.
L.C.H. da Universidade de
São Paulo.

Orientador

Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini

HAROLDO BRUNO

PÊRSIO

Introdução, tradução e notas.

Monografia de Mestrado
em Latim apresentada ao De-
partamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador

Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini

São Paulo

- 1980 -

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini, pelo empenho dispensado à nossa orientação e pela confiança em nós depositada;

À Profa. Dra. Aída Costa, por guiar-nos os primeiros passos nos estudos de Pós-Graduação;

Aos meus pais e irmã, pelo incentivo;

À Regina, Tata, Daniel e Calu, esposa e filhos, pela compreensão às nossas constantes ausências do lar

Nossa Gratidão.

C O N S I D E R A Ç Õ E S
G E R A I S

Nossa Monografia de Mestrado consiste, fundamentalmente, em uma tradução das sátiras de Pérsio, a qual se faz acompanhar de uma série de notas que têm a intenção de esclarecer dúvidas frequentemente suscitadas pelo texto.

Precede à tradução um estudo preambular que pretende oferecer subsídios à leitura das sátiras, com a discussão dos dois problemas de Pérsio: a sua obscuridade e o seu valor literário.

Dentre os poetas satíricos latinos, Lucílio, Horácio e Juvenal, Pérsio parece ter sido relegado a uma posição que, acreditamos, não deve merecer (01). A preocupação em investigar os motivos determinantes do juízo negativo generalizado acerca da obra de Pérsio estimulou-nos a optar por suas sátiras como tema da presente Monografia.

Embora os primeiros contatos com o texto de Pérsio denunciasses já os elementos condicionantes da situação de inferioridade das sátiras de Pérsio em relação às de Horácio e Juvenal, o manuseio constante com o texto do poeta de Volterra foi-nos, paulatinamente, despertando a atenção para as qualidades que a sua própria obscuridade encobria. Esses aspectos literariamente positivos induziram-nos a sugerir, com este trabalho, uma reavaliação da obra de Pérsio no quadro da poesia satírica de Roma.

Consta a primeira parte deste trabalho de quatro capítulos.

No primeiro apresentamos, sucintamente, as informações biográficas de Pérsio; justifica-se a presença desse breve estudo pelo fato de alguns passos das sátiras estarem diretamente associados a acontecimentos da sua vida.

Após tratarmos rapidamente das pri-

meiras obras de Pêrsio, da tradição manuscrita das sâ-tiras, e após tecermos considerações acerca da inten-ção de Pêrsio ao compor sâ-tiras, apresentamos os argu-mentos de cada uma delas. Se precedessem à tradução das respectivas peças, os argumentos estariam, por cer-to, mais bem colocados; julgamos, entretanto, impres-cindível a disposição, a que procedemos, pela necessi-dade de frequentes remissões às sâ-tiras, nos capítulos seguintes.

No terceiro capítulo, procuramos, pri-meiramente, documentar a opinião de historiôgrafos da Literatura Latina, comentadores e críticos da obra de Pêrsio acerca da obscuridade das sâ-tiras, para apresen-tar ou discutir, sem querer esgotá-los, os principais motivos da obscuridade.

No último capítulo da primeira parte, buscamos trazer à discussão o problema do valor literá-rio de Pêrsio, com a apresentação dos aspectos em que, cremos, ele se manifesta.

A segunda parte consta da tradução co-mentada das sâ-tiras.

Preocupamo-nos com uma tradução o quan-to possível fiel ao texto latino; propusemo-nos, pois, uma tradução que buscasse ser exata (02). O cuidado com a exatidão levou-nos a, sistematicamente, conser-var as mesmas imagens de Pêrsio, mesmo quando o origi-nal pudesse vir marcado pela sua tão censurada obscuri-dade.

Devido às peculiaridades das sâ-tiras, às frequentes alusões a pessoas, fatos e hábitos con-temporâneos a Pêrsio, e, principalmente, dada a obscu-ridade das sâ-tiras, cumpre observar que se tornou difí-cil estabelecer, quanto às notas, critérios que deter-minassem os limites do indispensável e do prescindível.

Seria desnecessário tecer aqui considerações a respeito da dificuldade de acesso a uma bibliografia ao trabalho que nos propusemos, fato, aliás, que é frequente, quando se pretende elaborar um trabalho, mesmo que de relativo fôlego na área de Letras Clássicas.

Nossa dificuldade acentuou-se ainda mais por nossa Monografia ter como tema a obra de um poeta satírico que não é tão celebrado quanto Horácio ou Juvenal. Conseguimos, contudo, acesso a uma bibliografia sobre Pêrsio substancial, ainda que restrita (03), na Biblioteca da Faculdade de Letras da USP, na Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", em bibliotecas de diversos Institutos Particulares e junto a amigos, aos quais somos gratos.

“”

NOTAS ÀS "CONSIDERAÇÕES GERAIS"

- 01- Enquanto Ernesto Faria (*Introdução à Didática do Latim*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.) arrola 28 edições críticas da obra de Horácio, apresenta apenas 11 edições de Pérsio. Cumpre também notar que não se tem nenhuma tradução comentada, em português, das sátiras de Pérsio, o que não ocorre com as de Horácio e de Juvenal. Para o juízo negativo da obra de Pérsio, vejam-se, por exemplo, as anedotas de São Jerônimo e Santo Ambrósio (cf. p. 36 deste trabalho) e as afirmações sobre a sua obscuridade (cf. p. 34, nota 5).
- 02- Procuramos, na tradução, basear-nos em Cartault quanto ao conceito de exatidão: "*A exatidão consiste em reproduzir tão fielmente quanto possí-vel em uma língua estrangeira, sem violentá-la, o torneio do pensamento do autor, o movimento, a cor do seu estilo, tudo o que constitui o seu caráter específico e a sua originalidade.*" (Perse, *Satires*, "Les Belles Lettres", 1929, p. 7).
- 03- Das seis edições das sátiras de Pérsio a que conseguimos acesso, consideramos fundamentais a de Perreau (*Satires*. Paris, Panckoucke, 1832), de Ramorino (*Le Satire*. Torino, Giovanni Chiantore, 1920), de Cartault (*Satires*. Paris, "Les Belles Lettres", 1929) e a de Dolç (*Sátiras*. Barcelona, C.S.I.C., 1949).

I N T R O D U Ç Ã O

B I O G R A F I A

Os raros dados biográficos que se têm de Pêrsio foram registrados por Probo (01), cuja *Vita Aulis Persi Flacci* (02) aparece nas edições de Pêrsio de Jahn, Cartault, Ramorino, Owen e Villeneuve (03).

Aules Persius Flaccus (04) nasceu na cidade etrusca de Volterra (05), a 4 de dezembro do ano 34 da nossa era, em uma família de cavaleiros romanos.

Aos seis anos de idade, perdeu o pai, Flaccus; embora a *Vita* silencie a respeito, Dolç (06) e Ramorino (07) registram que Pêrsio, nessa época, foi iniciado nos estudos por sua mãe, Fulvia Sisennia, e por uma tia, "*damas de uma sociedade impregnada das recordações do passado*" (08), que lhe deram esmerada educação de caráter estóico.

Sua mãe casou-se em segundas núpcias com um certo Fusius, também cavaleiro romano, o qual morreu pouco tempo após o casamento. Apoiando-se em um escólio acerca do verso 6 da sexta sátira ("*Se ipsum Persius significat secessisse in Liguriae fines propter Fulviam Sisenniam matrem suam, quae post mortem prioris uiri ibi nupta erat.*"), Dolç afirma que Pêrsio teve a oportunidade de passar longas temporadas na costa da Ligúria, graças ao segundo casamento da mãe (09); Pêrsio, aliás, demonstra ter apreciado sobremaneira as praias da Ligúria, haja vista a descrição apaixonada que delas faz em VI, 6-8.

Pêrsio permaneceu em Volterra até o ano 46, quando sua mãe o levou para Roma, onde prosseguiu os estudos com o gramático Remmius Palaemon (10) e com o retor Verginius Flauus (11); aos 16 anos de idade conhece Annaeus Cornutus (12), com quem inicia uma amizade que perduraria até a sua morte. Ele é quem o aprofunda no estudo do estoicismo, moldando definitivamente o seu caráter (13). Teve também por amigos, desde a primeira adolescência, a Caesius Bassus, poeta

lírico, a quem Pêrsio dedica a sexta sátira, e a um certo Calpurnius Statura, a respeito de quem não se possuem outras informações; estimou como pai a Seruilius Nonianus, orador e historiador elogiado por Tácito e Quintiliano (14).

Por meio de Cornutus conhece a Annaeus Lucanus cuja admiração pelos poemas de Pêrsio era tanta que, ouvindo-os, exclamava que aquela era a verdadeira poesia. Mais tarde conhece também a Sêneca; acredita-se que Pêrsio não concordasse com o espírito estóico de Sêneca, talvez por considerá-lo superficial e inautêntico, pois, como se lê na *Vita*, "*non ut caperetur eius ingenio*" (15). Por quase dez anos manteve íntimo relacionamento de amizade com Paetus Thrasea, com quem faz uma viagem e de cuja mulher era parente.

Segundo o que nos relata Probo, Pêrsio "*fuit morum lenissimorum; uerecundiae uirginalis, famae pulchrae, ... frugi, pudicus*" (16), o que se deve, certamente, ao fato de viver e ter moldado o seu caráter inteiramente conforme à doutrina do Pórtico.

Pêrsio morreu a 24 de novembro de 62, em uma sua propriedade na Via Ápia, a oito milhas de Roma, vitimado por um mal de estômago. Contrariando o testemunho de Probo, Herrmann afirma que Pêrsio teria sido envenenado, sem, contudo, documentar a afirmação (17).

Deixou para a mãe e para a irmã cerca de dois milhões de sestércios e para Cornutus, por meio de *codicilli* escritos à mãe, cem mil sestércios e toda a sua biblioteca; segundo Probo, Cornutus aceitou os livros, mas recusou o dinheiro (18).

NOTAS AO CAPÍTULO "BIOGRAFIA"

- 01- *Valerius Probus*, que viveu no tempo dos Flávios, foi gramático e comentador de Terêncio, Lucrécio, Vergílio e Pérsio.
- 02- Segundo Dolç, opus cit., p. 11, Probo costumava preceder as suas recensões e comentários de um esboço biográfico do autor cuja obra era por ele estudada; a *Vita* parece pertencer ao número desses esboços.
- 03- Apud Dolç, opus cit., p. 11.
- 04- O *praenomen Aules*, de origem etrusca, aparece sob a forma latinizada, *Aulus*, em Dolç, opus cit., p. 11.
- 05- Em alguns códices citados por Jahn, vêm-se as formas *Volaterris*, *Volterris* ou *Vulterris*. O códice laurentiano 37, 20, traz a forma *Vulturnis*, que é considerada por Ramorino, opus cit., p. VI, um simples erro de escrita, em lugar de *Vulterris*.
- 06- Opus cit., p. 12.
- 07- Opus cit., p. VI.
- 08- Dolç, opus cit., p. 12.
- 09- Opus cit., p. 13.
- 10- *Quintus* ou *Caius Remmius Palaemon*, nascido em Vicenza, filho de escravo, ensinou em Roma sob Tibério e Cláudio.
- 11- *Verginius Flauus*, autor de um tratado de Retórica, foi desterrado em 65 da nossa era, juntamente com o filósofo *Musonius Rufus*, devido à influência que exerciam sobre a juventude. Cf. Dolç, opus cit., p. 13, e Ramorino, opus cit., p. VII.

- 12- *Lucius Annaeus Cornutus*, filósofo estóico, nascido na Léptis Magna, chegou a Roma sob Cláudio, provavelmente como escravo; manumisso, tomou o nome da *gens Annaea*. Foi autor de várias obras de filosofia, retórica e crítica literária. Cf. Ramorino, opus cit., p. VII, e Dolç, opus cit., p. 14.
- 13- Pérsio dedicou a Cornuto um testemunho da mais profunda gratidão em V, 19-51.
- 14- Tácito, *Dial.* 23; *Ann.* XIV, 19; Quintiliano, XI, 1, 109.
- 15- *Vita*, V.
- 16- *Vita*, VI.
- 17- HERRMANN, L. *Neron et la morte de Perse*. Latomus, XXII 236 . N.Y., - London, Johnson R. C., 1963.
- 18- *Vita*, VII.

O B R A S

O pouco que se sabe a respeito da produção literária de Pêrsio foi-nos deixado por Valério Probo, no capítulo VIII das notícias biográficas do poeta de Volterra.

Relata-nos o célebre gramático que Pêrsio "*escreveu rara e lentamente*" (01), o que nos permite antever que a sua obra não será quantitativamente significativa. De fato, segundo Probo, Pêrsio compôs, além das sátiras, três obras: uma *praetexta* intitulada *Vescio*, um livro de aventuras (02) ou de viagens, *hodoeporicon* (03), e alguns versos dedicados a Árria Maior, mulher de Cecina Peto (04) e sogra de Trásea Peto (05).

Outra informação que se tem acerca das obras de Pêrsio, mais particularmente quanto à *praetexta* que teria composto, é-nos dada pelo próprio poeta, na sátira V. Admitindo como certo que Pêrsio reproduza fielmente, nos versos 5-18, orientações e conselhos do seu mestre e amigo, é lícito inferir não só que ele havia composto ou se dedicava à composição de uma tragédia, mas também que Cornuto não aprovou a incursão do seu pupilo no terreno do gênero trágico: tendo aludido às tragédias de Tieste e Procne, recomenda a Pêrsio, nos versos 8 e 9, que "*...mensasque relinque Mycenis / Cum capite et pedibus*".

Lê-se, também, no capítulo VIII da *Vita* que, após a morte do poeta, Cornuto aconselhou à sua mãe que destruísse todas as suas obras, à exceção das sátiras (06); a *Vita*, contudo, não registra os motivos que teriam levado o amigo e mestre de Pêrsio a semelhante atitude. Quanto a isso, Ramorino e Dolç aventam a hipótese de que Cornuto não as tivesse considerado dignas de publicação (07). Julgando inconsistente tal conjectura e procurando interpretar o capítulo X da *Vita*, o qual nos refere que Cornuto substituiu o verso "*Auriculas asini Mida rex habet*" por "*Auriculas asini quis non habet?*", Herrmann aventura-se à tese de

que as obras de Pérsio foram destruídas "*porque poderiam parecer subversivas à autoridade imperial*" (08).

Dada a falta de informações mais precisas a respeito das obras de Pérsio que foram destruídas, nada mais se pode acrescentar.

As sãtiras

Segundo Probo, após ter lido o décimo livro de Lucílio, Pérsio foi levado a, impetuosamente, escrever *saturas* (09), cujo livro deixou inacabado (10); foram suprimidos alguns versos do final do livro para que se tivesse a impressão de obra concluída. Cornuto entregou, depois, o manuscrito ao amigo do poeta, Césio Basso, que exigia ser o seu editor (11). As *saturas* foram publicadas provavelmente no ano 63 d.C., alcançando logo grande sucesso (12).

O livro das sãtiras é contituído por seis peças, num total de 650 versos.

A tradição manuscrita

Os manuscritos do texto de Pérsio são muito numerosos. Em sua edição de Pérsio de 1843, Jahn arrolava 67 manuscritos; em 1911, Consoli apresentava cerca de 140 (13).

O mais antigo manuscrito de Pérsio, conservado na Biblioteca Vaticana, é o códice palimpsesto de Bobbio (14), hoje *Vaticanus 5750*, que contém apenas um fragmento da primeira sãtira, do verso 53 ao 104.

No início do século V, em 402, um certo Flavius Iulius Tryfonianus Sabinus, um *protector domesticus*, emendou, em Barcelona, um texto de Pêrsio, sem possuir uma cópia para confronto (15).

No século IX, apareceram dois códices, o *Montepessulanus* 212, conservado na Biblioteca Médica de Montpellier, denominado pela letra A, e o *Vaticanus tabularii basilicae* H 36, indicado pela letra B, conservado, em Roma, no Arquivo Capitular da Basílica de São Pedro. Tanto A como B apresentam a *subscriptio* de Tryfonianus Sabinus, o que prova que provêm de um mesmo arquétipo, o qual será indicado por α (*horum codicum consensus* (16)).

Ainda no século IX, surgiu o códice *Montepessulanus* H125, denominado P, ex-*Pithoeanus* (17), conservado na Biblioteca Médica de Montpellier, o qual foi emendado no século XI, sofrendo, então, o acréscimo dos colímbos, sendo designado pela letra p.

Os códices P e α (= AB) são as fontes fundamentais para o estabelecimento do texto de Pêrsio. Não só segundo Cartault (18), como também segundo Dolç (19), ambos os códices são obras de copistas negligentes e ignorantes que cometeram um grande número de faltas de leitura; muitas palavras que o copista de P não conseguiu decifrar com exatidão, aparecem frequentemente desfiguradas, mas, como são equívocos involuntários, são fáceis de corrigir e o texto não foi alterado conscientemente. O texto de α apresenta faltas de leitura em maior número que P.

Segundo os testemunhos de Cartault (20) e de Dolç (21), as faltas de leitura de ambos os códices normalmente não são coincidentes, fato que possibilita, pelo cotejamento de um e outro, fáceis retificações. Quando os erros coincidem, provêm do original, que comportava certo número de incorreções, embora fosse suficientemente exato (22).

A distinção básica entre α e P é que o primeiro apresenta interpolações deliberadas, que se poderiam considerar legítimas, se não fosse possível o confronto com P . Deste modo, além de negligente, α é um testemunho infiel que suscita justas desconfianças do leitor.

Em sua grande maioria, os manuscritos secundários não foram classificados ou sequer inventariados. Há, contudo, um grupo de oito códices, geralmente provenientes de monastérios alemães e franceses, que parecem ter derivação análoga aos códices da recensão sabiniana.

Primeiramente, há três códices ingleses do século X: o $O = Oxoniensis$, da Biblioteca Bodleiana, Auct. F. 15; o $T = Cantabrigiensis$, do Colégio da Trindade, O, IV, 10; o terceiro códice é o do British Museum, Reg. 15, B. XIX.

Na Biblioteca de Berna, há o $Bng. = Bongarsianus$ 257, que pertenceu por algum tempo a J. Bongars (1554-1612), a que faltam os versos de I, 96 a II, 48.

Na Biblioteca de Tréveris, há o códice $Tr. = Trevirensis$ 1089, também do século X, a que faltam os versos de I, 76 a III, 58.

Na Biblioteca de Leide, há o $Leidensis$ 78, do século X ou XII.

Há, finalmente, dois códices italianos, ambos do século XI, na Biblioteca Laurentina de Florença, denominados $La = Laurentianus$ 37, 19, e $Lr. = Laurentianus$ 68, 24.

Estes oito códices apresentam as sátiras com os mesmos títulos da recensão sabiniana: II, *ad Macrinum de uitae honestate*; III, *ad desidiosos*; IV, *de his qui ambiunt honores*; V, *ad magistrum suum*; VI, *Caesium Bassum lyricum Persius adloquitur* (23).

A recensão Piteana, contudo, possui títulos próprios: I, *Thebaidorum Persii Saturae*; II, *ad Plotium Macrinum de bona mente*; III, *Increpatio desiderae humanae*; a IV é a continuação da terceira; V, *ad magistrum equitum (!) Cornutum*; VI, *ad Cestum Bassum lyricurium poetam* (24).

Satira ou Saturae

Não é inteiramente simples o problema da designação da poesia satírica não só de Pérsio, como também dos outros poetas satíricos romanos.

Afora a questão da origem do nome (25), acresça-se que os satíricos pareceram evitar designar, com este ou aquele nome, de modo específico, as suas peças.

Lucílio referia-se à sua obra, denominando-a indistintamente *sermo*, *iocus* ou *ludus*, como nos informa Charpin (26).

Horácio, por sua vez, designou-as, servindo-se do substantivo *sermones*, como se pode ler em *Ep.* I, IV, 1 ("*Albi, nostrum sermonum candide iudex.*") e em *Ep.* II, II, 59-60 ("*carmine tu gaudes, hic delectatur iambis / ille Bioneis sermonibus et sale nigro*"), quando discorria a respeito da diversidade dos gostos literários dos homens. Já no segundo livro das sátiras, primeiramente em I, 1-2 ("*Sunt quibus in satyra uidear nimis acer et ultra / legem tenere opus.*") e, depois, em VI, 16-17 ("*ergo ubi me in montis et in arcem ex urbe remoui / quid prius inlustrem saturis musaque pedestri?*"), denomina-as *satura*.

Os manuscritos das sátiras de Horácio

trazem *sermones* como título (27).

Outro poeta satírico, Juvenal, na primeira das suas peças, nomeia-as com o substantivo *farrago* ("*quidquid agunt homines, uotum, timor, ira, uoluptas, / gaudia, discursus, nostri farrago libelli est.*" - vv. 85-86).

Nos parágrafos da *Vita*, em que trata das obras de Pêrsio, Probo alude às sátiras, primeiramente de modo superficial ("*Hunc ipsum librum imperfectum reliquit.*" - VII); relatando, mais além, como Pêrsio sentiu-se levado a esse gênero de poesia, serve-se o autor da *Vita* do substantivo *satura*, para designá-lo ("*... lecto Lucili libro decimo uehementer saturas componere instituit.*" - X).

O próprio Pêrsio, porém, designou a sua obra satírica, apenas vagamente e em um único passo; em I, 120, refere-se a ela através do vocativo *libelle* e, logo após, por meio dos sintagmas *hoc operum*, I, 121, e *hoc ridere meum*, I, 122.

Baseando-se em Quintiliano, que se serve de *satira* para designar a poesia satírica não só de Lucílio, como também de Horácio e do próprio Pêrsio (28), pode-se chegar à conclusão de que *satira* e *satura* foram, em termos de gênero literário, empregados indistintamente.

A intenção de Pêrsio

Nos versos 67-68 da sátira I ("*Sitne opus in mores, in luxum, in prandia regum / Dicere, res grandis nostro dat Musa poetae.*"), no passo em que um interlocutor anônimo procura, ironicamente por sinal, opor a obra de Pêrsio à poesia da moda (29),

encontra-se já o prenúncio do conteúdo crítico das sátiras: é necessário falar contra os costumes, contra o luxo, contra os banquetes dos reis (30).

Nos versos 45-46 da mesma sátira (*"Non ego, cum scribo, si forte quid aptius exit / - Quando hoc? Rara quis est. - ..."*), tem-se, de algum modo, a intenção de Pêrsio: não possui ele compromissos com a arte literária; essa intenção será reafirmada em V, 19-20 (*"Non equidem hoc studeo, pullatis ut mihi nugis / Pagina turgescat dare pondus idonea fumo."*). Nos versos 83-84 da primeira sátira (*"Nilne pudet capiti non posse pericula cano / Pellere..."*), podemos ver, muito claramente, qual seja o verdadeiro comprometimento da sua obra: pellere pericula, ou seja, preocupação moralizante, antes de tudo.

Em V, 10-16 (*"Tu neque anhelanti, coquitur dum massa camino / Folle premis uentos nec clauso murmure raucus / Nescio quid tecum graue cornicaris inepte / Nec scloppo intendis rumpere buccas. / Verba togae sequeris iunctura callidus acri. / Ore teres modico, pallentis radere mores / Doctus et ingenuo culpam defigere ludo."*), por boca de Cornuto, Pêrsio caracteriza a sua própria poesia; de início, do verso 10 ao 13, tem-se a poesia que Pêrsio não compõe (31). No verso 14, tem-se a caracterização da língua utilizada por Pêrsio (*"Verba togae sequeris..."*) e do seu estilo (*"...iunctura callidus acri"*). A oração *"ore teres modico"*, v. 15, somente pode ter o seu sentido esclarecido, se for relacionada com os versos 323-324 da *Arte Poética* de Horácio (*"...Grais dedit ore rotundo / Musa loqui..."*), em que *ore rotundo* indica o estilo e a versificação elaborada sem afetação. Nos versos 15-16 (*"...pallentis radere mores / Doctus et ingenuo culpam defigere ludo."*), tem-se a proposição do conteúdo das sátiras de Pêrsio; segundo Cornuto, o poe

ta de Volterra é sábio na arte de arranhar os costumes que fazem empalidecer, trespassando o vício com uma brincadeira digna de homem livre (32). Mencionam-se, nesses dois versos, os vocábulos *mores* e *culpam*, que, associados aos versos 83-84 da primeira sátira ("*Nilne pudet capiti non posse periculum / Pellere...*"), demonstram, de modo inequívoco, a função satírica da obra de Pêrsio, a sua preocupação moralizante.

Argumento das sátiras

Sátira I

A primeira das sátiras do livro de Pêrsio contém duas linhas de argumentação, desenvolvidas pelo diálogo entre o poeta e um desconhecido. Se, por um lado, o poeta investe contra a poesia da moda, por outro, defende o seu direito de escrever sátiras, embora saiba que terá poucos leitores e que os críticos preferirão a ele qualquer poeta da moda.

A sátira é aberta com um verso ("*occuras hominum, o quantum est in rebus inane!*") que revela o seu arcabouço moral; a ele sucede um diálogo em que o interlocutor adverte Pêrsio de que não terá leitores. Baseado no dogma estóico da auto-suficiência do sábio ("*...nec te quaesiveris extra.*", v. 7), refuta o poeta a admoestação do seu interlocutor (vv. 1-12).

Em pinceladas rápidas, mas incisivas, do verso 13 ao 23, Pêrsio apresenta a cena de uma declamação pública (33), em que se expõe uma poesia grandiloquente e vazia, mostrando suas conse

quências danosas. Nos versos 24-25, o interlocutor pretende justificar-se diante da censura que lhe foi dirigida. Nos versos 26-27, Pêrsio retoma o dogma da auto-suficiência do sábio, sendo contraditado pelo interlocutor nos versos 28 e 30. Contrapondo-se ao interlocutor, o poeta apresenta mais uma cena de *recitatio*, ridicularizando-a e concluindo, ironicamente, que o poeta morto não se poderá aproveitar da glória póstuma (vv. 30-40). O adversário de Pêrsio retoma o discurso acerca da glória literária, insinuando a possibilidade de Pêrsio também preocupar-se com ela (vv. 40-43). Respondendo à insinuação, Pêrsio não se mostra insensível à glória, prevenindo, porém, o interlocutor de que não admite que os *euge* e *belle* sejam o objetivo da sua obra (vv. 44-49), por considerá-los de mau gosto (vv. 50-53); em seguida, denuncia a hipocrisia dos comensais que, pela frente, aplaudem a poesia do anfitrião, dele caçoando, depois, pelas costas (vv. 53-62).

No verso 63, Pêrsio simula querer instruir-se do gosto do público. O interlocutor discorre a respeito da perfeição métrica e grandiloquência do estilo, não perdendo a oportunidade de censurar Pêrsio por escrever sátiras (vv. 63-68). O poeta arremete contra a educação que impinge à juventude, incapaz das mais elementares lições da retórica, exercícios gregos (vv. 69-75). Tomando a palavra, o interlocutor espezinha a poesia de Âcio e Pacúvio, por considerá-las ultrapassadas (vv. 75-78); Pêrsio incrimina os pais de corromperem os gostos dos filhos, considerando vergonhosa a sua atitude (vv. 79-84). Pondo em cena um certo Pêdio, que se defendeu da acusação de roubo, empregando antíteses e figuras eruditas, e um naufrago perambulando com o quadro do seu naufrágio, conclui Pêrsio que somente a verdade será capaz de comovê-lo (vv. 85-91).

O interlocutor insiste sobre a perfeição da forma da poesia contemporânea, citando alguns exemplos que opõe aos versos de Vergílio (vv. 92-102). Contestando-o, Pérsio lamenta o desaparecimento da virilidade dos romanos (vv. 103-106).

Retomando o tema da poesia satírica, o adversário admoesta Pérsio do perigo que correrá, se persistir nesse gênero literário. Argumentando que, se não houver motivos para tanto, não escreverá sátiras (vv. 110-114), procurando autorizar-se com Lucílio e Horácio, Pérsio arroga-se o direito de ser poeta satírico (vv. 114-120). Vociferando que todos têm orelhas de asno, afirma não abrir mão da sua poesia, reivindicando-lhes leitores que admirem Cratino, Eupólido e Aristófanes, mas não os que se comprazam em zombar dos gregos e dos sábios (vv. 121- 134).

Sátira II

A sátira II é uma epístola endereçada por Pérsio ao amigo Plôcio Macrino, por ocasião do seu aniversário; na realidade, porém, apenas os quatro primeiros versos dirigem-se efetivamente a Macrino, já que a sátira procura combater vícios de que ele não é portador.

Pérsio felicita afetivamente o amigo pela passagem do seu aniversário, lembrando-lhe a libação ao gênio tutelar (vv. 1-3), louvando-o por não dirigir preces impiedosas aos deuses (vv. 3-4).

Abruptamente, inicia Pérsio a sua

investida contra a hipocrisia daqueles que pedem "sabe^udoria, fama e honra" aos deuses de forma que todos os que estão no templo possam ouvir, enquanto, intimamente, suplicam enriquecer com a morte de um tio ou do primeiro herdeiro, tendo-se antes submetido a um rito de purificação nas águas do Tibre (vv. 5-16). Em segui^uda, passa o poeta bruscamente a questionar um pretenso interlocutor a respeito das divindades, acusando-o de querer comprar as graças divinas com as oferendas (vv. 17-30).

Após tratar da hipocrisia, apresenta diversos pequenos quadros em que investe contra as preces insensatas, cujo atendimento é impossível: no primeiro quadro apresenta-se uma avó ou tia materna, que, nas cerimônias do *dies lustricus*, suplica à divindade, para o recém-nascido, vasta riqueza, êxitos amorosos e caminhos de rosa (vv. 31-40); em outra cena, alguém pede força para os músculos e um corpo firme para a velhice, mas entrega-se a grandes pratos e a comidas succulentas (vv. 41-43); outro pede que o seu rebanho aumente, sacrificando as suas novilhas (vv. 44-46); finalmente, no último dos quadros, vê-se alguém levado à miséria pelos sacrifícios a que procedeu (vv. 47-51).

Argumentando que o homem se deixa influenciar pelo ouro (vv. 52-54), acusa-o de projetar todas as suas ambições nas divindades, corrompendo, assim, o culto religioso (vv. 55-67), concluindo que o ouro nada representa para os deuses (vv. 68-70).

Nos últimos versos da peça, à guisa de peroração, o poeta propõe normas que devem reger o espírito dos sacrifícios: pensamentos puros e um coração virtuoso. Com isso, um pouco de trigo bastará ao sacrifício (vv. 71-75).

Sátira III

A sátira III é dirigida contra os jovens presunçosos e insolentes que, tendo iniciado o estudo do estoicismo, nele não persistem. Não conquistando inteiramente a sabedoria, descaram das enfermidades do espírito e do destino que a divindade lhes assinalou. A idéia defendida pelo poeta nesta peça é a de que se deve ser constante no estudo da filosofia.

A sátira é aberta por um diálogo: um *comes* indigna-se por encontrar na cama, a altas horas da manhã, o seu pupilo, que curte o vinho bebido na noite anterior, e acorda-o (vv. 1-9). O *comes*, ou o poeta, dirige-lhe um sermão, mostrando-lhe o desleixo nos estudos (vv. 10-18). O jovem preguiçoso responde evasivamente à admoestação; o que lhe vale uma advertência incisiva: deverá moldar o espírito enquanto é jovem (vv. 19-24); prossegue o poeta em seu discurso contra o preguiçoso, argumentando agora que ele se esconde por trás de uma modesta fortuna familiar, orgulhando-se, também, da sua alta linhagem toscana (vv. 24-29); prevê o poeta que esse gênero de vida levará o jovem relapso ao remorso (vv. 30-43).

Em um quadro de grande vivacidade, o autor confessa que, quando criança, se valeu de artimanhas para fugir ao estudo, já que suas preocupações eram outras (vv. 44-51); o poeta afirma que o jovem presunçoso já é suficientemente experiente para compreender o real valor da filosofia e para estabelecer um objetivo para a sua vida (vv. 52-62).

Retomando a idéia de que se deve moldar o espírito enquanto jovem, do mesmo modo que se deve procurar o auxílio do médico no início da doença (vv. 63-65), dando dimensão mais geral à sátira, o poeta convoca a todos para aprender os princípios filosóficos, libertando-se, assim, da inveja (vv. 66-76).

À sua conclamação ao estudo, o autor opõe o desprezo que os centuriões e a juventude nutrem pela filosofia (vv. 77-87).

O poeta põe em cena um enfermo que busca socorro junto a um médico, que lhe prescreve repouso (vv. 88-90); julgando-se, porém, restabelecido, o doente foge aos conselhos médicos, falecendo subitamente (vv. 90-106).

No último segmento da peça, o poeta funde enfermidade física e paixão, concluindo enfaticamente que quem foge ao estudo da filosofia é verdadeiramente louco (vv. 107-118).

Sátira IV

A sátira IV, peça moral que prega o *nosce te ipsum*, desenvolve duas idéias: o homem não deve lançar-se temerariamente à vida pública sem conhecer a sua própria capacidade, nem pode criticar os vícios alheios, sem antes analisar conscientemente os seus.

A sátira é aberta por um diálogo: Sócrates dirige um sermão ao jovem Alcebiades, censurando-lhe, de modo agressivo, a ânsia com que, prematuramente, pretende entrar nos negócios públicos, não possuindo, para tanto, atitudes e preparação necessárias (vv. 1-13); Alcebiades vangloria-se da sua beleza física e alta linhagem, não tendo, porém, consciência de que a sua sabedoria não é maior que a de uma vendedora de basilicão (vv. 14-22).

Terminado o diálogo entre Sócrates e Alcebiades, ao iniciar-se a segunda parte, a sátira

ganha dimensões mais abrangentes; o poeta passa a tratar do *nosce te ipsum* (vv. 23-24). Surgem inesperadamente duas personagens que, falando de um certo Vetí-dio, criticam a sua avareza (vv. 25-32). Em outra cena, vê-se um desconhecido que, tocando uma das personagens com o cotovelo, aponta-lhe os vícios degradantes (vv. 32-41).

Iniciando a conclusão e incluindo-se no número dos que possuem o vício, o poeta simula capitular diante dele (vv. 42-43); a seguir, porém, acusando provavelmente o ouvinte de querer esconder as mazelas da alma com vestimentas luxuosas (vv. 43-46), acrescenta que não pode acreditar na sinceridade dos elogios, quem tem a alma carregada de vícios (vv. 46-50). Como conclusão, aconselha que o homem deve rejeitar o que não é, para poder conhecer-se a si próprio (vv. 51-52).

Sátira V

A sátira V, uma epístola dirigida por Pérsio ao seu amigo e mestre de estocismo, Cornuto, tem como tema a liberdade; não a liberdade civil, que opõe cidadão a escravo, mas a liberdade que somente a sabedoria pode oferecer, o autodomínio, próprio de quem venceu as paixões.

A peça divide-se em duas partes. No início, o poeta ensaia pedir solenemente para a sua poesia cem vozes, cem bocas e cem línguas (vv. 1-4). Bruscamente Pérsio é interrompido por um interlocutor, Cornuto, que, louvando-lhe as qualidades poéticas, o aconselha a dedicar-se apenas às sátiras (vv. 5-18). Após afirmar que não aspira a uma poesia inútil, o au

tor dirige um largo elogio a Cornuto, declarando que, se ousa exigir cem gargantas para a sua poesia, é por que deseja demonstrar toda a afeição que lhe dispensa (vv. 21-29). Procedendo a uma retrospectiva autobiográfica, o poeta revela que, desde a adolescência, se entregou à sua orientação e que, sendo os sentimentos de ambos tão recíprocos, ele e Cornuto se poderiam julgar nascidos sob um único astro (vv. 30-51).

Em um trecho de transição, o poeta discorre sobre os diferentes tipos de homens e sobre suas diferentes aspirações, sendo todos igualmente consumidos pelas paixões (vv. 53-61). Opondo, em um último rasgo de elogio, Cornuto ao quadro dos viciosos, convida a todos, jovens e velhos, que se entreguem aos ensinamentos de Cornuto (vv. 62-65). Concluindo a transição, o poeta retoma a idéia de que não se deve poupar o tempo no estudo da filosofia (vv. 66-72).

A segunda parte da peça é inteiramente dedicada à exposição da teoria acerca da liberdade que, segundo o estoicismo, não consiste em se fazer o que se quer (vv. 73-90). Não se consegue a verdadeira liberdade através do pretor, o qual não possui condições para dá-la (vv. 91-95), opondo-se a razão e a natureza a que assim seja (vv. 96-104); a verdadeira liberdade é alcançada somente através da filosofia (vv. 104-114) e consiste na renúncia aos senhores interiores (vv. 115-131). Para provar que os piores tiranos são os que escravizam o coração, o poeta apresenta alguns quadros: no primeiro, põe em cena a Avareza, que ordena a uma personagem que se enriqueça (vv. 132-141); no segundo, contrastando com a Avareza, surge a Luxúria, que procura demover a mesma personagem de entregar-se avidamente ao comércio, mostrando-lhe os percalços por que haveria de passar, procurando seduzi-lo para uma vida de prazeres (vv. 141-153). Após

retomar a idéia de que há tiranos interiores que escravizam os homens (vv. 154-155), o poeta põe em cena o Amor, ou, mais propriamente, os prazeres que se podem obter junto a uma meretriz (vv. 156-174). Enfatizando que a verdadeira liberdade não se consegue com o auxílio do pretor (vv. 174-175), apresenta Pérsio a ambição política como um dos tiranos do homem (vv. 176-179); finalizando a apresentação dos quadros, cita a superstição que aterroriza o homem, induzindo-o a rituais insensatos e estúpidos (vv. 179-188).

Simulando reconhecer que a sua exposição não encontrará apoio, principalmente entre os centuriões, conclui o poeta que os militares se rirão da sua teoria acerca da liberdade, propondo-se a comprar cem gregos por menos de cem asses (vv. 189-191).

Sátira VI

A última das sátiras de Pérsio é também uma epístola; dirige-a o poeta ao seu amigo, o poeta lírico Césio Basso. Pode-se, contudo, afirmar que o espírito epistolar existe apenas nos dezessete primeiros versos da peça; a partir do verso 18, inicia-se o desenvolvimento acerca do uso dos bens materiais.

Na abertura da peça, após pedir notícias do seu amigo, o poeta louva-lhe o talento (vv. 1-6), passando, depois, a falar de si, da vida tranquila que gozava, isento de preocupações, longe da inveja e da avareza, no litoral da Ligúria (vv. 6-17).

Para introduzir mais concretamente o argumento moral, o poeta discorre sobre os diferentes tipos de homens, cujo exemplo é a índole oposta de dois gêmeos, um avaro e outro magnânimo (vv. 18-22). Servindo-se da oposição estabelecida no quadro anterior, Pêrsio declara optar pelo meio termo; usará sua fortuna, sem magnanimidade (vv. 22-24) e, quando preciso, mesmo que seja obrigado a diminuir o capital, ajudará a um amigo necessitado (vv. 25-33).

Ao iniciar a segunda parte da sátira, o poeta demonstra antever o descontentamento do seu possível herdeiro que, contrariado por ver a herança diminuída, procurará recuperar o que, segundo ele, foi desperdiçado, amesquinhando-se nos gastos da cerimônias fúnebres do seu benfeitor (vv. 33-36); o poeta põe em cena um certo Bestius que defende a conduta do herdeiro, incriminando a filosofia de corromper os costumes romanos; incisivamente conclui Pêrsio este quadro, argumentando que não se pode nada temer, quando já se está morto (vv. 37-41).

Bruscamente, o autor convoca o seu herdeiro para um desafio (vv. 41-42): vai-se celebrar um triunfo em honra de César e o poeta pretende participar das homenagens, patrocinando uma luta de cem gladiadores (vv. 43-49), instigando-o a opor-se a isso (vv. 49-50); como que para provocá-lo a uma resposta, comunica ao herdeiro que distribuirá ao povo óleo e pão com carne, perguntando-lhe se há, por parte dele, alguma objeção (vv. 50-51). Diante dos gastos que ocorreriam, o herdeiro recusa a herança (vv. 51-52). Já que não possui parentes a quem possa deixar os bens, o poeta ameaça fazer herdeiro a um "filho da terra qualquer" (vv. 53-60). Segundo Pêrsio, não é direito do seu herdeiro exigir que se contenham os gastos para que não se diminua a herança; deve ele satisfazer-se com o que lhe for deixado (vv. 61-65). O herdeiro contra-argumenta, sugerindo que o poeta aplique

sua fortuna para aumentar o capital (vv. 66-68); in dignado, Pérsio propõe-se a gastar mais dos seus bens (vv. 68-74).

Como conclusão, aconselha o poeta que o herdeiro se dedique ao comércio, se pretende enriquecer-se (vv. 75-79), finalizando a sátira com a idéia de que nunca o homem se satisfaz com o que tem (v. 80).

NOTAS AO CAPÍTULO " AS OBRAS DE PÉRSIO"

- 01- *Vita*, VIII.
- 02- Dolç, opus cit., p. 17.
- 03- Dolç, opus cit., p. 17, supõe que Pérsio tratas se, nessa obra, de uma viagem que empreendeu com seu parente e amigo Trásea Peto.
- 04- Cecina Peto foi condenado à morte por Cláudio. Sua esposa encorajou-o ao suicídio, apunhalando-se diante dele, dizendo-lhe "*Paete, non dolet*". Cf. Plínio, *Ep.* III, 16.
- 05- Lê-se na *Vita*, V, que Pérsio "...*decem fere annis summe dilectus a Paeto Thrasea est, ita ut perigrinaretur quoque cum eo aliquando cognatam eius Arriam uxorem habente*".
- 06- *Vita*, VIII.
- 07- Ramorino, opus cit., p. IX; Dolç, opus cit., p. 17.
- 08- *Les premières oeuvres de Perse*. Latomus, XI: 199. N.Y. - London, Johnson R. C., 1952.
- 09- *Vita*, X.
- 10- *Vita*, VIII.
- 11- *Vita*, VIII.
- 12- *Vita*, VIII.
- 13- Apud Dolç, opus cit., p. 48.
- 14- Segundo Dolç, opus cit., p. 49, o palimpsesto foi escrito em fins do século IV; para Cartault, opus cit., p. 5, o palimpsesto deve datar do III ou IV século.
- 15- O códice α apresenta a seguinte *subscriptio*:
"*Flavius Tryfonianus Sabinus u. c. protector domesticus temptauit emendare sine antigrapho meum et adnotauit Barcellone coss. dd. nn. Arcadio et*

- Honorio V*". - apud Cartault, opus cit., p. 5.
- 16- Cartault, opus cit., p. 13.
- 17- O código foi denominado *Pithoeanus* por ter estado em poder do filólogo francês Pithou, conforme relatam Ramorino, opus cit., p. XXI, e Dolç, opus cit., p. 49.
- 18- Opus cit., p. 5-6.
- 19- Opus cit., p. 50.
- 20- Opus cit., p. 6.
- 21- Opus cit., p. 51.
- 22- Dolç, opus cit., p. 51.
- 23- Apud Ramorino, opus cit., p. XXII, e Dolç, opus cit., p. 53.
- 24- Apud Ramorino, opus cit., p. XXII, e Dolç, opus cit., p. 53.
- 25- As etimologias de *satura* (*satira*, na época imperial, segundo Ernout e Meillet - *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*. 3^e édition, revue et corrigée. Paris, Klincksieck, 1951, v. *satura*) são várias.
- *Satura* pode derivar da expressão *lex satura*, uma lei que compreendia diferentes projetos e que era submetida ao Senado em um único processo de votação. Cf. Festus, 314: "*Satura et cibi genus... et lex multis aliis legibus conferta. Itaque in sanctione legum adscribitur 'neue per saturam abrogato aut derogato'*". Isid., *Orig.* 5, 16: "*Satura uero lex de pluribus simul eloquitur, dicta a copia rerum et quasi a saturitate unde et satyras scribere est poemata uaria condere ut Horatii, Iuuenalis et Persii.*" Paul. Fest. 315: "*Satura et cibi genus dicitur ex uariis rebus conditum et lex multis aliis*

conferta legibus et genus carminis ubi de multis rebus disputatur." Diomedes, G. L. K. 486, 10: "*Alii autem dictam putant a lege satura quae uno rogatu multa simul comprehendat quod scilicet et satura carmine multa simul poemata comprehendatur.*"

- Pode-se ter como etimologia de *satura* a expressão *lanx satura*, um prato com as primícias oferecidas a Ceres. Cf. Diomedes, G. L. K. 485, 36: "...siue satura a lance quae referta uariis multisque primitiis in sacro apud priscos diis inferebatur et a copia et saturitate res satura uocabatur. Cuius generis lancium et Vergilius in Georgicis meminit, cum hoc modo dicit (2, 194) 'lancibus et pandis fumantia reddimus exta'." Escol., Hor. Sat. 1: "*Plerique satyrum a lance quae plena diuersis frugibus in templo Cereris infertur nomen accepisse dicunt; nam et ea hoc nomine appellatur. Ergo et hoc carmen propterea satyram nominarunt quia ita multis et uariis rebus refertum est ut audientes saturet.*"

- Devido ao caráter, às vezes licencioso, da *satura*, outra etimologia que se apresenta é *satyri*, que apareciam nos coros dramáticos. Cf. Diomedes, G. L. K. I, 485, 33: "*Satura autem dicta siue a satyris quod similiter in hoc carmine ridiculae res pudendaeque dicuntur, quae uelut a saturis proferuntur et fiunt.*" Isid., Orig. 8, 7, 7, : "...aut satyris nomen dictum qui inulta habent ea quae per uiolentiam dicuntur." Evanthius, De Com., p. 16 W: "*et hinc deinde aliud genus fabulae id est satyra sumpsit exordium; quae a satyris quos innocis semper ac petulantes deos scimus esse, uocitata est, etsi aliud nomen praeue putant habere. Haec satyra igitur eiusmodi fuit ut in ea quam*

uis duro et uelut agresti loco de uitiis ciuium, tamen siue ullo proprii nominis titulo carmen esset. Quod idem genus comoediae offuit poetis, cum in suspicionem polentibus ciuium uenissent illorum facta descripsisse in peius ac deformasse genus stilo carminis. Quod primus Lucilius nouo conscripsit modo, ut poesin inde fecisset, id est unius carminis plurimos libros."

- *Satura* poderia provir do nome de uma iguaria constituída de vários componentes. Cf. Diomedes, G. L. K. I, 486, 7: "*Siue a quod genere farciminis quod multis rebus refertum satiram dicit Varro uocitatum. Est autem hoc positum in secundo libro Plautinarum quaestionum 'satura est una passa et polenta et nucleii pini ex mulso comparsi; ad haec alii dicunt et de malo Punico grana.'*"

- 26- LUCILIUS. *Satires*. Texte établi, traduit et annoté par F. Charpin. Paris, "Les Belles Lettres", 1978, t. 1, p. 25.
- 27- HORACE. *Satires*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, "Les Belles Lettres", 1951, p. 8.
- 28- *Instit. orat.* X, 93-94.
- 29- Por poesia da moda, deve entender-se a poesia contra que se insurge Pêrsio ("...o mores...", v. 26), os poemetos que considera grandiloquentes ("*Grande aliquid, quod pulmo animae praelargus anhelet.*", v. 14), vazios de conteúdo ("...uanum et plorabile siquid / Eliquat...", vv. 33-34).
- 30- Não podemos concordar com o escoliasta de Pêrsio, que entende que *mores* está empregado por comédias, *luxum* por sátira contra o luxo desmedido e *prandia regum* por argumentos trágicos

como o de Tieste. - apud Dolç, opus cit., p. 93.

31- Cf. p.46-7. deste trabalho.

32- Cf. p. 157, nota 12.

33- As *recitationes* eram sessões públicas de leitura de poesias breves que fugiam ao pensamento profundo e buscavam a sutileza. Os ouvintes eram sensíveis à erudição, às imitações, às alusões e às perífrases, segundo Bornecque e Mornet (*Roma e os Romanos*. Tradução portuguesa de Alceu Dias Lima. São Paulo, E.P.U.-EDUSP, (1977), p. 42.

A O B S C U R I D A D E

A acreditarmos na afirmação de Bayle, registrada por Perreau, ter-se-iam São Jerônimo e Santo Ambrósio indignado com o livro das Sátiras do poeta de Volterra. Tê-lo-ia o segundo arremessado a um canto, bradando "*Fica aí, pois não queres ser entendido*" (01); o primeiro tê-lo-ia lançado ao fogo, bradando "*Queimemo-lo, para torná-lo mais claro*" (02). Confirmando a informação de Bayle, ainda que alterando-a ligeiramente, Ramorino relata que "*enfadado por não entender a Pêrsio, Santo Ambrósio atirou fora o livro das Sátiras, vociferando 'si non uis intelligi, non debes legi'*" e que, por semelhante motivo, "*São Jerônimo o botou no fogo para que as chamas iluminassem a escuridão*" (03).

Verdadeiras ou não (04), é certo que essas anedotas ilustram, e com muito propriedade, o mais grave problemas que se encontra em Pêrsio; historiôgrafos da literatura latina, comentadores e críticos da obra do satírico de Volterra são concordes quanto à sua obscuridade (05).

Ainda que haja consenso em apontar a obscuridade na obra de Pêrsio, as considerações acerca das suas causas são um pouco divergentes. Tratando dos "*Défauts du style de Perse*", Perreau desenvolve a teoria de que se deve justificar ou explicar a obscuridade de Pêrsio como decorrente da necessidade de camuflar "*as verdades perigosas que devia dizer aos poderosos*" (06) e, interpretando os versos 119-21 da primeira sátira ("*Me muttire nefas? Nec clam, nec cum scrobe, nusquam? / Hic tamen infodiam... /... Hoc ego opertum.*"), explica que o próprio poeta "*adverte que fala com palavras veladas, com meias palavras, que foi obrigado a dissimular seus pensamentos nos seus versos*" (07). Há que se considerar com muita prudência o raciocínio de Perreau.

Cumpre, em primeiro lugar, atentar para a situação contextual em que Pêrsio exterioriza, de modo intensamente irônico, por sinal, um seu desabafo; o que verdadeiramente pretende o poeta do estoicismo do verso 114 ao verso 121 dessa mesma sátira, citando Lucílio e Horácio,

é estabelecer um contraste de "direitos": se a seus predecessores se permitiram críticas contundentes aos vícios do seu tempo, por que a ele, Pêrsio, seriam elas vetadas? Esse é, realmente, o raciocínio de Pêrsio nesse passo.

Em segundo lugar, convém ter muito nítida a função das suas sátiras. Segundo Cousin, Pêrsio concebeu muito claramente sua missão e optou por uma arte sincera, franca em sua exposição, máscula, distante dos *versiculi* dos efeminados (08). Vismara considera Pêrsio não um filósofo especulativo, mas um mestre da moral, "*um soldado de uma reação, um conselheiro de consciência*" (09). Pichon vê em Pêrsio um moralista (10). D'Onofrio entende que o dever do escritor de sátiras seja apontar vícios e defeitos da sociedade, mesmo que não se preocupe com suas causas nem lhes apresente meios de correção (11), admitindo, porém, logo a seguir que, não poucas vezes, "*o poeta satírico toma o lugar do moralista e insinua medicamentos que ele acha idôneos para a cura do mal*" (12); em outro passo, afirma D'Onofrio que Pêrsio foi um "*fiel e fervoroso adepto do estoicismo romano*" (13), cujos princípios morais procurou divulgar, visando com as suas sátiras a "*incentivar os homens para que aceitassem e praticassem a doutrina do Pórtico, considerada a única âncora de salvação no mar tempestuoso das prevenções sociais*" (14). Segundo Paratore, Pêrsio havia visto na sátira de Lucílio o modelo "*para exprimir a sua pretensão de pregador em versos*" (15), sentindo-se impelido pela formação estoica e intemperanças da idade a investir-se da "*missão de iluminar o mundo com a luz da sua sabedoria*" (16).

Um grande representante do estoicismo romano, Marco Aurélio, ensinou que "*os homens foram feitos uns para os outros*", concluindo que se deve, por isso, ensiná-los ou suportá-los (17). Pêrsio parece ter preferido a primeira alternativa e foi assim que escreveu as suas sátiras. Segundo D'Onofrio, o poeta de Volterra sentiu-se estimulado a ser útil à sociedade, "*pondo a serviço dela a sua inteligência e entusiasmo*" (18), reputando a sátira o instru

mento mais adequado para a difusão da doutrina do estoicismo (19). Para Dolç, Pérsio propôs-se a "*anunciar o verdadeiro caminho da virtude*" (20), pretendendo que os homens fossem mais perfeitos, sem veleidades e misérias, acoessando covardes, politicastros, viciosos, "*indicando-lhes o espelho da verdadeira liberdade humana*" (21). Stano, finalmente, considera que Pérsio "*ditava com ardor de apóstolo, com a segurança de um vidente, normas rígidas do viver social*" (22).

Ora, se Pérsio foi um poeta que optou por uma arte sincera e franca; se foi um mestre da moral e conselheiro de consciência; se muitas vezes o poeta satírico sugere medicamentos para os males; se Pérsio foi um divulgador do estoicismo, incentivando os homens a que aceitassem e praticassem a doutrina do Pórtico; se foi um pregador em versos, investido da missão de iluminar o mundo com a sua sabedoria; e se a função das suas sátiras é combater o vício, a paixão que escraviza o homem, visando à sua libertação moral, como haveria ele de ensinar, pregar, persuadir, converter, se o leitor não o pudesse entender? Ramorino declara parecer-lhe absurda a idéia de que Pérsio decidira obscurecer o pensamento (23); Dolç adverte que se deve afastar a idéia de que Pérsio buscou intencionalmente a obscuridade (24); Cartault energicamente declara que a obscuridade do poeta não é voluntária (25).

As causas da obscuridade

Como se haverá de entender a obscuridade de Pérsio?

Após considerá-la intentada pelo próprio autor, pretende Perreau creditá-la "*à singularidade e concisão particulares da linguagem dos estóicos*" (26). Tendo primeiramente caracterizado Pérsio como "*poeta árduo, voluntariamente áspero e difícil*" (27), refletindo, ainda que indiretamente, a lição de Perreau, Bignone subordina a

obscuridade do poeta ao seu temperamento e às suas amizades (28). Para Bardon, que concorda com a censura que se faz a Pêrsio por sua obscuridade, justificando-a pela visão que nosso poeta tem da realidade, dos seres e de sua complexidade (29), a causa principal da sua obscuridade decorre da sua concepção de vida (30); segundo Bardon, Pêrsio não é um especulativo indiferente, "*ele participa da vida da rua; observa; daí, em sua obra, uma agitação buliçosa...*" (31), a qual acarretará nas sátiras uma sensação de ruptura do plano lógico.

Embora não se possa duvidar das lições de Bignone e Bardon, julgamos que elas refletem dois motivos da obscuridade de Pêrsio de modo superficial, já que ficam em um plano abstrato por não penetrarem na própria obra. É mister, para se aquilatar a obscuridade do poeta e investigarem-se as suas causas, prender-se aos elementos em que ela se manifesta.

““

A língua (32)

Para Perreau, a língua empregada por Pêrsio é causa de obscuridade, porque é ele o escritor latino cuja frase mais se apresenta carregada de helenismos (33).

Bardon revela que a sensação de ruptura, a que aludimos acima, é também buscada por Pêrsio pelo emprego do infinitivo perfeito em lugar do presente, que pareceria mais oportuno (34). Nota-se, de fato, nas sátiras de Pêrsio grande incidência do emprego de infinitivos, os quais aparecem em cerca de 22% dos versos (35), e, entre essas formas nominais, devem-se citar os infinitivos substantivados (36).

Quanto ao emprego acentuado do infinitivo, Bardon defende a tese de que, no tempo de Pêrsio, "*com certeza, no falar corrente, o sistema casual está para reduzir-se e o infinitivo começa a ganhar muito terre*u

no...e o infinitivo substantivado responde a uma *tendência muito antiga da língua*" (37), concluindo que, para Pêrsio, denotando a ação verbal no estado puro, o uso do infinitivo, mesmo que substantivado, confere à sua própria significação a nuance de participação no ato (38), advertindo, por fim, que "*a obscuridade que resulta frequentemente deste emprego provém de um desejo de conferir à visão, vale dizer, à idéia, a mais forte intensidade possível*" (39).

Não se pretende, nem se pode, discordar da lição de Bardon acerca de o infinitivo responder a uma possível tentativa de Pêrsio aproximar a língua, de que se serve nas suas sátiras, da língua popular, já que, como afirma Paratore, possui ele uma preferência pelo *sermo vulgaris* (40); é, aliás, o que se lê em V, 14, na imagem "*Verba togae sequeris...*" com que Cornuto pretende caracterizar a língua utilizada por Pêrsio (41). Não é, contudo, exato explicar o emprego do infinitivo em Pêrsio, apenas relacionando-o com o latim popular; faz-se necessário examinar não só o instrumento com que o poeta concretizou sua obra, como também os elementos culturais condicionantes do seu espírito.

É por demais conhecido que Pêrsio foi um poeta cujo caráter se moldou conforme à doutrina do Pórtico, a qual ele pretendeu divulgar (42). Segundo Bréhier, procuravam os estóicos exprimir em um julgamento não uma propriedade do tipo "*um corpo está quente, mas um acontecimento, como 'um corpo se esquentar'*" (43), o que também é relatado por Brun, quando afirma que a proposição estóica anuncia acontecimentos do tipo "*É dia*" e "*Dion passeia*" (44). Não é, pois, incorreto subordinar o emprego do infinitivo em Pêrsio à propensão que tinham os estóicos pelas proposições indicadoras de acontecimentos. Se o infinitivo denuncia a ação verbal em estado puro, é certo que expressa um acontecimento. Tendo formação estóica, serviu-se o poeta dessa forma nominal também para responder a essa inclinação da retórica do Pórtico e fê-lo mais

arrojadamente ao empregar infinitivos substantivados, fundindo em uma única palavra conceito e acontecimento, como ocorre em I, 9 ("*... et nostrum istud uiuere triste.*"), para citar apenas um dos sete casos de substantivação do infinitivo.

A afirmação de Bardon de que um dos motivos da obscuridade de Pérsio reside no emprego do infinitivo merece ser vista com certa reserva; o emprego do infinitivo foi uma estrutura linguística normal em latim, como bem atestam as orações infinitivas. A surpresa do seu uso em Pérsio limita-se a alguns poucos casos em que ele empregou o infinitivo perfeito em lugar do presente, fato que, devido à sua singularidade, poderia obscurecer o pensamento (45).

O diálogo

Um dos motivos que se costuma apontar no estudo da sua obscuridade é a estrutura do diálogo de que se serviu Pérsio (46). Não se podem, em alguns casos, estabelecer os limites exatos das falas dos interlocutores (47) e, frequentemente, identificar, na primeira leitura, os participantes do diálogo, principalmente quando há a intrusão inesperada de um interlocutor. Podem-se arrolar vários exemplos, dos quais, a título de comprovação, apresentamos alguns.

Em II, 17, Pérsio passa bruscamente a dirigir-se a alguém em particular ("*Heus age, responde...*"), que não pode ser claramente identificado; a quem se dirigiria Pérsio? A Macrino, a quem é endereçada a sátira? Certamente que não, já que no verso 5, com o emprego de *at*, Pérsio opõe a Macrino os hipócritas que, sutilmente, murmuram suas preces no templo. Poderia Pérsio estar dirigindo-se ao leitor? Isso seria possível, se um pretenso interlocutor não tomasse a palavra para dizer apenas "*Cui nan?*" (II, 19). Nos versos 56-58 ("*Nam fratres inter ae-*

nos / Somnia pituita qui purgatissima mittunt, / Praecipui sunt sitque illis aurea barba."), o pretense interlocutor, ou um outro talvez, retoma a palavra, permanecendo o problema da sua identificação. O que se pode depreender destes passos é uma estratégia de Pêrsio: pôr na boca de um interlocutor imaginário um pensamento que pretende refutar, constituindo-se, assim, a fala do interlocutor em mero pretexto para que ele, Pêrsio, possa desenvolver a sua crítica; desta forma, serve-se de "*aurea barba*" para, nos versos 29-60, mostrar como o ouro corrompeu a tradição dos romanos.

A sátira III é aberta por uma fala que se prolonga até o verso 5. Não se pode, de imediato, identificar o interlocutor, o que vai ocorrer somente no primeiro hemistíquio do verso 6 ("*Vnus ait comitum...*"), o qual, dado o prosseguimento do diálogo, poderia também, em uma primeira leitura, referir-se à fala do jovem preguiçoso (vv. 6-8). Nos versos 41-42 da mesma sátira, há a colocação de uma fala ("*Imus, / Imus praecipites...*") na boca de um corrupto, uma personagem pretensamente presente; as suas palavras têm por função tornar mais vivo o discurso filosófico do poeta.

Introduzido por *Quaesiueris*, ocorre em IV, 25-32, um diálogo entre duas personagens ("*Nostin Vettidi praedia?*" - "*Cuius?*" - *Diues arat Curibus quantum non miluus errat.*" / "*Hunc ais, hunc dis iratis genioque sinistro, / Qui, quandoque iugum pertusa ad compita figit, / Seriolae ueterem metuens deradere limum / Ingemit: 'Hoc bene sit', tunicatum cum sale mordens / Caete et, farratam pueris plaudentibus ollam, / Pannosam faciem morientis sorbet aceti?*"). A dúvida desse diálogo reside igualmente na identificação de seus participantes: um deles, o que discorre sobre a extrema avareza de Vetídio, visto o teor crítico da sua fala, poderia ser identificado como o próprio Pêrsio. O segundo, por sua vez, a considerarmos o *quaesiueris* do verso 25, somente haveria de ser uma personagem presente à ação da sátira; is-

so, contudo, não ocorre, já que o poeta faz o diálogo suceder a uma sua imprecisão, em termos eminentemente genéricos; assim, a personagem permanece desconhecida.

Um interlocutor, que, de imediato, não é identificado, toma inesperadamente a palavra em V, 5, conduzindo-a até o verso 18. No verso 19, Pêrsio inicia a resposta à fala do seu interlocutor, que será conhecido somente no verso 23 ("*Pars tua sit, Cornute, animae, tibi, dulcis amice*"), quando Pêrsio a ele se refere através do vocativo *Cornute*.

Em V, 73, quando Pêrsio principia o segmento acerca da liberdade, segundo a doutrina do estoicismo ("*Libertate opus est*"), habilmente, com o emprego de "*non haec*", cria condições para que alguém tome a palavra ("*Vt quisque Velina / Publius emeruit, scabiosum tesserula far/ Possidet.*", vv. 73-75). Considerando que o autor tira proveito da fala dessa personagem para deixar bem assentado que não pretende tratar da liberdade civil, física, podemos entendê-la procedente de alguém que ou concorda com as idéias do poeta, ou busca esclarecer-se de que liberdade tratará efetivamente o poeta, citando um exemplo para que seja confirmado ou negado.

Em V, 82-85 ("*Haec mera libertas, hoc nobis pillea donant. / An quisquis est alius liber, nisi ducere uitam / Cui licet ut uoluit? Licet ut uolo uiuere: non sim liberior Bruto?*"), há a fala de uma personagem a cuja identificação concorrem duas interpretações: o discurso poderia provir de Marcus Dama, introduzido no verso 76 para ser tomado como símbolo da liberdade civil, ou da mesma personagem que, para esclarecer-se, tomou a palavra nos versos 73-75; é evidente que, nesta segunda alternativa, o interlocutor mostra a sua discordância em relação à liberdade defendida por Pêrsio.

As imagens

Costuma-se alegar como causa da obscuridade

de Pêrsio o emprego de numerosas metáforas, metonímias e outras figuras de linguagem que, em virtude de sua insólita concepção, causam estranheza ao leitor, dele exigindo reflexão profunda para que seja possível penetrar no mundo das suas idéias (48).

A título de exemplo, arrolamos abaixo as construções mais significativas.

Condenando a educação literária com que os pais impõem exercícios gregos aos filhos incapazes de sair-se bem nos mais simples rudimentos literários, refere-se Pêrsio a essas práticas, ou ao seu resultado, em termos sarcasticamente irônicos, denominando-as "*sartago loquendi*", I, 80, literalmente, *frigideira de falar*. A tradução que adotamos, *este falar de frigideira*, aproxima-se do verdadeiro sentido da expressão "*sartago loquendi*", a qual, possivelmente dotada de intenção onomatopáica, foi calcada no som produzido pelo óleo ao ferver na frigideira.

Em um passo (II, 33-38) em que pretende mostrar a sandice de uma avó ou tia materna nas cerimônias do *dies lustricus*, dia em que se purificavam as crianças recém-nascidas, Pêrsio designa perifrasticamente o mau olhar com o sintagma *urentis oculos* (II, 34), *olhos que queimam*. Por si só, o emprego da sinédoque *oculos* não causa sensação de estranheza; na realidade, ela se encontra no epíteto *urentis*, que confere à construção intensa força expressiva.

Visando a denunciar que o homem tomado pelo vício se encontra irremediavelmente perdido, compara-o o poeta, em III, 33-34 ("*et alto / Demersus summa rursus non bullit in unda.*"), a um objeto que, lançado à água, vai ao fundo, não podendo retornar à superfície. O arrojo dessa imagem localiza-se no emprego do verbo *bullire*, *cobrir-se de bolhas*, para designar a idéia de *subir à superfície*.

No verso 39, ainda da sátira III ("*...Si-*

culi gemuerunt aera iuuenti"), ocorre a animização não do touro de Faláride, como de deveria esperar, mas sim do bronze de que havia sido construído. A imagem, na realidade, é portadora de grande complexidade. Com o emprego de *gemuerunt*, Pêrsio alude não ao bronze, mas às vítimas que eram queimadas vivas na boca do animal; esta interpretação torna-se possível com o testemunho de Plínio: "*Perillum nemo laudet saeuiolem Phalaride tyranno, cui taurum fecit, mugitus hominis pollicetus igni subdito...*" - *Hist. nat.*, XXXIV, 89.

Em III, 58 ("*...laxumque caput conpage soluta*"), para caracterizar a vida desregrada do pretense estudante, apresenta-o Pêrsio com a cabeça vacilante, com uma articulação solta. À primeira leitura, o sintagma *conpage soluta* gera no leitor uma sensação de quebra do plano lógico do desenvolvimento, dada a aparente falta de nexu lógico entre o sintagma e *caput*.

O verso 91 da sátira III, ("*Tertia compositas uidit nox currere uenas*") traz a personificação arrojada da *tertia nox*. Segundo Dolç, justifica-se o emprego do numeral *tertia* por entenderem os antigos que a terceira noite fosse o ponto crítico para o diagnóstico da febre (49).

Para dizer em IV, 17-18 ("*...Vincta uixisse patella / semper...*") que Alcebiades nunca se dedicara ao estudo da filosofia, serve-se Pêrsio do sintagma *uncta patella*. Torna-se possível essa interpretação, relacionando-se os versos 17-18 com os versos 54-55 da sátira III ("*...insomnis quibus et detonsa iuuentus / Inuigilat siliquis et grandi pasta polenta.*"), em que Pêrsio mostra a privação a que se submetiam os jovens estudantes do estoicismo; tem-se, assim, a oposição entre *uncta patella* e *siliquis et grandi polenta*, o contraste entre dois sistemas de vida.

Em IV, 48-49 ("*...amarum / Si puteal multa cautus uibice flagellas*"), encontra-se, indubitavelmente, uma das imagens mais arrojadas; literalmente deve-se ler

"...se, cauteloso, flagelas o puteal amargo com muitos golpes". Sabe-se que o *puteal* era uma pequena marca circular que se punha em torno das árvores sagradas ou dos lugares que haviam sido atingidos pelo raio, que eram considerados sagrados e inacessíveis. Segundo Ramorino, Pêrsio designa o *puteal Libonis*, no *Forum*, em redor do qual se reuniam banqueiros, usurários e homens de negócio em geral; assim, *flagellare puteal* significa *acoitar os devedores*; o sintagma *multa uibice* representa "*as muitas cicatrizes da usura*"; o emprego de *cautus* assinala o cuidado que se deveria ter para não incorrer nas penalidades do Código Penal (50). Tem-se, então, uma perífrase que, procurando designar a avidez do usurário, se transforma em um verdadeiro enigma.

Em V, 8-9, ("*Siquibus aut Prognos aut si quibus olla Thyestae / Feruebit saepe inuiso cenanda Gliconi.*"), Pêrsio emprega o termo *olla Prognos aut Thyestae* para mencionar tragédias de argumento baseado nas lendas de Tereu e Tieste; *olla* alude, evidentemente, à preparação do banquete oferecido a Tereu e a Tieste; a imagem prossegue com o emprego irônico de *cenare*, com o sentido de *representar*.

Em V, 10-11 ("*Tu neque anhelanti, coquitur dum massa camino, / Folle premis uentos...*"), a composição poética é, na fala de Cornuto, comparada ao trabalho na forja. Nessa imagem a poesia é *massa*, compô-la é *coquere*. Sendo o *uentus* o que fomenta o fogo no *caminus*, é lícito julgar que *uentus* represente a inspiração poética, que alimenta a poesia. Nesse contexto, *premere uentos* somente poderia significar *impedir o trabalho na forja* e, na comparação, opor-se, pela contensão da inspiração, à atividade poética. É necessário, contudo, assinalar o tom sarcástico desse passo; a imagem contida em *folle anhelanti* aproxima-se, sem dúvida, da imagem contida em "...*quod pulmo animae praelargus anhelet*", I, 41, com que, mordazmente, Pêrsio caracteriza a poesia grandiloquente, altissonante, cuja declamação exi-

gia grande fôlego, embora o seu conteúdo fosse desprezível; a aproximação *folle anhelanti* / *pulmo praelargus* torna-se ainda mais consistente, quando o *uentus* é a inspiração poética. Desse modo, a poesia a que se refere o mestre de Pérsio pode somente ser a grandiloquente, altissonante, embora vazia de conteúdo; poesia que Pérsio realmente não compõe. Amplia-se o sarcasmo nos versos 11-13 ("*...nec clauso murmure raucus / Nescio quid tecum graue cornicaris inepte / Nec scloppo tumidas intendis rumpere buccas.*") em que o *nescio* de Cornuto equivale a um *non facis*; assim, Pérsio não grasma consigo mesmo nem tenciona estourar as bochechas cheias de ar com um "esclopo" (51). O "esclopo" retoma a idéia do *uentus* e do *folle anhelanti*, reforçando a crítica à futilidade da poesia da moda.

O sintagma *pallentis grana cumini*, V, 55, é portador de certo arrojo relativamente ao emprego do particípio *pallentis*, conferindo a *cuminum* um sentido agente que se pode explicar apenas com o conhecimento das suas propriedades; segundo Plínio, *Hist. Nat.*, XIX, 160, e XX, 159, "*omne cuminum pallorem bibentibus gignit*"; daí o epíteto de *pallentis* que a ele é atribuído.

Em V, 58-59 ("*...set cum lapidosa chera-gra / Fecerit articulos ueteris ramalia fagi*"), para mostrar os efeitos nefastos da gota, compara os dedos do gotoso às ramagens de uma velha faia.

Em V, 92 ("*Dum ueteres auias tibi de pulmone reuello*"), Pérsio serve-se do termo *ueteres auias* para designar os preconceitos e mesmo os votos tolos das velhas avós; essa interpretação ganha em substância, se se lembrarem os votos feitos por uma avó ou tia materna, os quais são apresentados na sátira II, 31-38.

Em VI, 10-11 ("*Cor iubet hoc Enni, postquam destertuit esse / Maeonides, Quintus ex Pythagoreo.*"), Pérsio alude ao famoso sonho que Ênio relata no início dos seus *Annales*. Deve-se, nesse passo, mencionar especialmente o termo "*Quintus pauone ex Pythagoreo*",

que somente se pode explicar com a lição do escoliasta de Pérsio; segundo o escoliasta (52), Homero apareceu a Ênio em um sonho e, tendo-lhe apresentado a teoria da metempsicose, disse-lhe que a alma de Pitágoras havia transmigrado para um pavão real, encarnando-se, depois, em Euforbo, passando posteriormente para o seu corpo e, finalmente, para o do próprio Ênio. Deve-se observar a ambiguidade, ou um real trocadilho, contida no numeral *Quintus*, que, a lém de ser o *praenomen* de Ênio, indica ironicamente que e le foi o quinto da série das transmigrações.

Um dos passos mais obscuros de Pérsio encontra-se, indubitavelmente, em VI, 38-39 ("*Ita fit; postquam sapere urbi / Cum pipere et palmis uenit ... / ... nostrum hoc maris expers.*") com que Bestius condena os sábios gregos. A interpretação, que se considera mais plausível, foi apresentada por Turnêbe e defendida por Villeneuve (53); subtende-se nela *et sapere* após *uenit* e *fit* após *expers*. Dessa fôrma, ler-se-ia "*eis o que sucede, depois que a sabedoria chegou a Roma com a pimenta e as tâmaras e a nossa sabedoria se tornou produto cismarino*" (54). Ramorino, contudo, prefere a lição de Casaubon, autor de uma edição de Pérsio em 1605, na qual se vê em *maris* o genitivo de *mas*; assim, *hoc nostrum maris expers* deve ser traduzido por "*esta nossa sabedoria de efeminados*" (55). Dolç, contudo, considera estranha tal interpretação (56). Julgamos mais adequada a interpretação de Turnêbe, Villeneuve e Dolç, já que é possível haver na fala de Bestius um confronto entre a sabedoria e o poder militar dos romanos; enquanto este se expandiu por força das armas, aquela foi importada. De qualquer modo, deve-se registrar a sensação de estranheza gerada pela insólita caracterização da sabedoria estrangeira através do sintagma *cum pipere et palmis*, mercadorias importadas por Roma.

Para mostrar a extrema miséria em que poderia incidir, caso procurasse poupar seus bens para satisfazer a ambição do herdeiro, serve-se Pérsio da oração "*Mihi trama figurae / sit reliqua...*", VI, 73-74, estabe-

cendo causticamente uma oposição entre ele e o herdeiro ("...ast illi tremat omento popa uenter?" - VI, 74). *Trama*, um vocábulo próprio da indústria têxtil para designar o esboço da figura a ser tecida, constitui, nesse verso, uma metáfora que busca indicar a acentuada magreza de Pêrsio, se acedesse aos desejos do herdeiro.

As transladações

Não raras vezes, encontram-se em Pêrsio transladações de atributos que, embora normais em literatura, obrigam o leitor a frequentes releituras já que, à primeira vista, sugerem ruptura do plano lógico do enunciado, fato que, inegavelmente, é gerador de obscuridade. Dentre elas, devem-se citar:

"*Non tu prece poscis emaci*" (II, 3): para censurar a impiedade dos homens que querem "negociar" com os deuses, buscando comprar suas graças com oferendas, Pêrsio transfere o atributo *emaci*, próprio do homem, para a oração, conferindo à construção carga irônica muito acentuada.

"*At bona pars procerum tacita libabit acerra*" (II, 5): com receio de que seus pedidos imorais sejam ouvidos por aqueles que se encontram no templo, os hipócritas, silenciosamente, dirigem suas orações aos deuses; em Pêrsio, porém, não podendo caracterizar *bona pars*, já que é ablativo, *tacita* prende-se a *acerra*; assim, não são silenciosos os hipócritas, mas sim a *acerra* em que se guarda o incenso com que se procede ao sacrifício.

"...*fundo suspiret nummus in immo*" (II, 51): esta imagem, a personificação de uma moeda que suspira no fundo de uma bolsa, retoma agressivamente a ironia contida nos versos 46-47 ("...*Quo, pessime, pacto, / Tot tibi cum in flammis iunicum omenta liquescant?*") com que o poeta procura mostrar o disparate no procedimento

de quem pede aos deuses que lhe multipliquem o rebanho, sacrificando-lhes as novilhas, que poderiam gerar novas reses. O verso 51 denuncia a penúria a que chegou o infeliz, após tantos sacrifícios. É evidente que quem suspira pela moeda no fundo da bolsa é o próprio infeliz; com a personificação, Pérsio transfere para a moeda o que, logicamente, é atributo do homem, intensificando, assim, a sua extrema miséria.

"...murmura et rabiosa silentia rodunt"

(III, 81): o emprego de *rabiosa* como caracterizador de *silentia* constitui-se em uma das mais arrojadas translações. Do verso 78 ao 85, quem tem a palavra é um centurião, *gens hircosa* para Pérsio. A fala do militar, inteiramente voltado contra a filosofia, procura ridicularizar os filósofos; assim, a *rabies* do soldado projeta-se contra os *silentia* dos filósofos; daí o sintagma *rabiosa silentia*.

“”

"...modice sitiente lagoena / ... sibi

... rogabit" (III, 92-93): a cena, de onde se extraíram esses versos, apresenta um jovem doente que, crendo-se restabelecido, pede um pouco de vinho, não atendendo aos conselhos médicos. Pretendendo assinalar ironicamente a falsa prudência do enfermo, serve-se Pérsio de uma expressão ("*modice sitiente lagoena*") que transporta para a *lagoena* a pouca sede do doente.

"Pannosam faecem morientis sorbet aceti"

(IV, 32): visanso a revelar a acentuada avareza de Vetídio, vale-se Pérsio de uma expressão hiperbólica estruturada sobre o sintagma *morientis aceti*; além de animizar o próprio vinho - *acetum*, para Pérsio -, o emprego do particípio *morientis* confere à construção intensa carga irônica: o vinho, animizado, está morrendo e Vetídio sofre com isso, fato que reforça sua avareza, já que terá que substituí-lo por outro. Não é imprudência ver em *morientis aceti* uma transladação de atributos: embora formalmente preso a *aceti*, *morientis* poderia, pela idéia, ligar-se a Vetídio; assim, o avarento é que

morreria, de desgosto certamente, por ter de adquirir outro vinho.

"...Ilia subter / Caecum uulnus habes, sed lato balteus auro / Praetegit." (IV, 43-45): no contexto em que se situam esses versos, Pérsio opõe o exterior, representado por *lato balteus auro*, ao interior do homem, simbolizado por *caecum uulnus*, em uma imagem semelhante à dos versos 113-114 da sátira III ("...tenero *ulcus in ore putre...*"). Traduz-se literalmente *caecum uulnus* por *ferida cega*; ocorre, nesse sintagma, a transladação do sentido da visão: o *caecum uulnus* é encoberto pelo *balteus lato auro*, de tal modo que se torna impossível vê-lo. Assim, o homem é que é cego por não poder ou não querer vê-lo. Desse modo, a visão - ou a sua falta -, faculdade própria do homem, é trasladada a *uulnus*.

"Stat contra ratio et secretam garrit in aurem" (V, 96): no passo em que se localiza esse verso, Pérsio, aludindo ao preceito estoico de viver conforme à razão, passa a enunciar uma série de atos a que se opõe a razão. A construção *et secretam garrit in aurem*, além da ousada personificação de *ratio*, é portadora também de uma transladação: formalmente preso a *aurem*, o adjetivo *secretam* é, no plano lógico, um modificador da ação verbal.

"...renque omnem surdaque uota / Condidit Ionio..." (VI, 28-29): ao narrar as cenas de um naufrágio, emprega o poeta o sintagma *surdaque uota*, imagem análoga à de *caecum uulnus* (IV, 44), procedendo à transladação da faculdade da audição. O adjetivo *surda* equivale à locução *non exaudita*; assim, o que seria pertinente aos deuses (*non exaudire uota*) é atribuído aos próprios *uota*, fato que rompe o nexu lógico do verso.

"...seu spirent cinnama surdum" (VI, 35): descrevendo o descaso do herdeiro nas cerimônias do funeral do próprio poeta, Pérsio translada o sentido de *surdum* da audição para o olfato.

As alusões

O abuso de alusões não só a pessoas, como também a costumes e fatos históricos é um elemento que dificulta o entendimento das sátiras de Pêrsio (57).

Normalmente, quando alude a pessoas, Pêrsio fá-lo a pessoas já mortas ou imaginárias, quase sempre tomadas metonimicamente; encontram-se, assim, alusões a Polidamante (I, 4), Ácio, I, 50), Quíntio (I, 72), Ácio Briseu (I, 75), Pacúvio (I, 75), Pêdio (I, 85), Lupo (I, 115), Cratino (I, 123), Eupólido (I, 123), Aristófanes (I, 124), Estaio (II, 26), Licínio (II, 36), Crasso (II, 36), Numa (II, 58), Messalae propago (II, 71), Nata (III, 31), Cratero (III, 65), Marso (III, 75), Vetídio (IV, 75), Glicão (V, 9), Cleanto (V, 64), Publius (V, 74), Bruto (V, 85), Masúrio (V, 90), Bestius (VI, 37), Calígula (VI, 43), Cesônia (VI, 47), Tadius (VI, 66) e a Crisipo (VI, 80).

Entre as alusões a costumes e fatos, as quais a simples leitura das sátiras não permite esclarecer, pode-se contar a alusão aos exercícios de retórica (I, 70-71), ao hábito religioso da purificação nas águas do Tibre (II, 15-16), à superstição do raio (II, 24-25), ao bidental (II, 27), ao hábito de as moças oferecerem suas bonecas a Vênus, ao casar-se (II, 70), à corrida de bigas no estádio (III, 68), à cerimônia dos funerais romanos (III, 103-106), às atividades no Campo de Marte (V, 57), à cerimônia da manumissão (V, 76) e ao falso triunfo de Calígula (VI, 43).

A mudança brusca das cenas

Os críticos da obra de Pêrsio costumam também apontar como causa da obscuridade do poeta de Volterra as frequentes transições imprevistas de um trecho a outro (58), as quais obrigam o leitor a reler todo o pas-

so ou toda a composição para poder inteirar-se da sequência das idéias.

A imaturidade

Devem-se, sem dúvida, atribuir muitos dos problemas da obscuridade de Pérsio à sua própria imaturidade (59) e, principalmente, à sua própria inexperiência poética, já que Pérsio "*scriptiavit raro et tarde*" (60), e também por não poder procedera uma revisão das sátiras, pois morreu antes de concluí-las.

Não é, por isso, possível aquilatar até que ponto as imagens, a estrutura dos diálogos e outros problemas apontados pela crítica refletem realmente as tendências artísticas de Pérsio, ou o seu desejo de que as sátiras fossem tais como se nos apresentam. Embora não seja lícito raciocinar sobre hipóteses, é inegável que esse seja um ponto importante para a explicação da sua obscuridade.

NOTAS AO CAPÍTULO "OBSCURIDADE"

- 01- opus cit., p. X.
- 02- Perreau, opus cit., locus cit.
- 03- opus cit., p. XV.
- 04- Dolç, opus cit., p. 35, também registra as anedotas de São Jerônimo e Santo Ambrósio, pretendendo historiá-las; parece-lhe que o primeiro a divulgar tais lendas tenha sido Vigenère (*Traité des chiffres ou secrètes manières d'crire*. Paris, 1537), o qual, segundo Dolç, afirma que São Jerônimo, "*desdenhando o livro, 'intellecturis ignibus ille dedit'*". Lê-se, ainda em Dolç, que "*E. Lubin (Ed. Pêrsio, 1603) transferiu a lenda para Santo Ambrósio, atribuindo-lhe a frase 'si non uis intellegi non debes legi'*"; a partir de então, as lendas frequentemente se fundiram.
- 05- Declara Ramorino que "...*muito usou Pêrsio... ..e até abusou da obscuridade*" (opus cit., p. XII), acrescentando, mais além, que ela "*se estende como névoa diante dos olhos do leitor, impedindo-o de seguir o suceder-se e o concatenar-se das idéias*" (opus, cit., p. XV). Embora reconheça em Pêrsio "*um exponencial da época de Nero*", Bignone (*Historia de la Literatura Latina*. Tradução castelhana de Gregorio Alperín. Buenos Aires, Editorial Losada, 1952, p. 377-78) não se esquece de tachá-lo de "*obscuro, retorcido*" (locus cit.). Perreau declara que não é sem razão que se lamenta a obscuridade em Pêrsio (opus cit., p. XXXI). Para Cartault, "*a obscuridade em Pêrsio é célebre*" (opus cit., p. 8). Segundo Nageotte, o poeta de Volterra é "*um dos mais difíceis autores*" da literatura latina (*Précis d'Histoire de la Litterature Latine*. Paris, Hacette, s. d., p. 378). Pichon considera proverbial a obscuridade de Pêrsio (*Histoire de la Litterature Latine*. Paris,

s. d., p. 566). Para Bayet, as sátiras de Pêrsio são de "uma obscuridade legendária" (*Litterature Latine*. Paris, Armand Colin, (1977), p. 332). Stano reconhece a existência de "certa obscuridade" não só "nas ligações das idéias, como também em muitas expressões" (A. PERSIO FALCCO. *Le Satire*. Testo, versione e note di Giovani Stano. Bologna, L. Capelli Editore, s. d., p. XII), embora declare existir muito exagero acerca da obscuridade do poeta de Volterra (opus cit., p. XIII), considerando "não digna de seriedade uma argumentação que pretende confirmar a excessiva obscuridade do poeta" (locus cit.). Não negando que "uma névoa, não invencível certamente, se estende diante dos olhos do leitor", impedindo-o de acompanhar o encadeamento das idéias (opus cit., p. 35), afirma Dolç que "Pêrsio foi sempre reputado o mais obscuro autor de toda a latinidade" (opus cit., p. 39) e, embora reconheça que "a proclamação milenar da obscuridade de Pêrsio não seja infundada" (locus cit.), crê que "com esforço e vontade se pode apreciar a leitura de Pêrsio, como o faziam seus contemporâneos" (locus cit.).

06- opus cit., p. XXXI.

07- Perreau, opus cit., locus cit.

08- COUSIN, J. *Études sur la Poésie Latine*. Nature et Mission du Poète. Paris, Boivin & Cie. Editeurs, (1945), p. 180.

09- PERSIO e GIOVENALE. *Satire Scelte*, con introduzione e commento di Felice Vismara. Milano, Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, 1904, p. 3.

10- opus cit., p. 552.

11- D'ONOFRIO, S. *Os Motivos da Sátira Latina*. Marília, F.F.C.L., 1968, p. 71.

12- Opus et locus cit.

13- opus cit., p. 49.

- 14- opus cit., p. 49-50.
- 15- PARATORE. *Storia della Litteratura Latina*. Firenze, (1962), p. 590.
- 16- opus cit., p. 591.
- 17- MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução e notas de Jaime Bruna. In *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, v. V, p. 3, VIII, 59.
- 18- opus cit., p. 49.
- 19- Opus et locus cit.
- 20- opus cit., p. 23.
- 21- opus cit., p. 24.
- 22- opus cit., p. XIII.
- 23- opus cit., p. XVI.
- 24- opus cit., p. 39.
- 25- opus cit., p. 8.
- 26- opus cit., p. XXXII.
- 27- Bignone, opus cit., p. 382.
- 28- Opus et locus cit.
- 29- BARDON, H. *Perse et la réalité des choses*. Latomus, XXXIV (2):329, 1975.
- 30- opus cit., p. 331.
- 31- opus cit., p. 333.
- 32- Neste capítulo sobre a obscuridade de Pérsio, trataremos apenas de alguns aspectos do latim que ele utiliza, já que consideramos que a obscuridade do poeta de Volterra não é proveniente da língua, mas sim da expressão dos pensamentos.
- 33- opus cit., p. XXVI.
- 34- BARDON, H. *A propos de Perse: Surrealisme ou Collage*. Latomus, XXXIV(3): 691, 1975.
- 35- Vêem-se infinitivos em I, 8, 9, 20, 24, 27, 28, 29,

36, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 53, 54, 59, 61, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 79, 83, 84, 86, 91, 107, 118, 119, 122, 128, 132; em II, 4, 7, 17, 18, 21, 24, 28, 34, 43, 44, 45, 48, 54, 62, 63, 66, 71; em III, 3, 9, 17, 18, 21, 27, 31, 35, 46, 49, 50, 51, 52, 65, 69, 71, 84, 90, 91, 114, 118; em IV, 2, 7, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 27, 36; em V, 1, 2, 6, 7, 13, 15, 16, 20, 24, 26, 33, 37, 39, 41, 45, 46, 53, 56, 60, 61, 62, 71, 83, 84, 88, 93, 94, 95, 99, 103, 104, 105, 111, 112, 122, 123, 138, 139, 158, 161, 170, 179, 180, 181, 187; e em VI, 4, 5, 6, 16, 17, 23, 24, 36, 39, 64, 65, 75 e 77.

36- I, 9, 27, 122; III, 17, 18; V, 53 e VI, 38.

37- *Perse et la réalité des choses*, p. 331.

38- opus cit., p. 332.

39- opus et locus cit.

40- opus cit., p. 590.

41- Sendo a *toga* o hábito usual dos romanos, o sintagma *uerba togae*, por extensão, designa as palavras usuais aos romanos: a língua popular.

42- Para Paratore, "*a aspereza intransigente da filosofia estóica... modelará seu espírito definitivamente*" (opus cit., p. 589). Segundo Bardon, Pêrsio, além de estóico em sua prédica e objetivo moral, foi estóico também em sua forma de exposição (*Perse et la réalité des choses*, p. 329). Lê-se em Marmorale que a sátira de Pêrsio foi formada "*segundo a rigidez da escola estóica*" (*História da Literatura Latina*. Tradução portuguesa de João Bartolomeu Júnior. Lisboa, Editorial Estúdio Cor, 1974, v. II, p. 17). Finalmente, para D'Onofrio, a vida, a personalidade e a obra de Pêrsio estão profundamente ligadas aos princípios do estoicismo (opus cit., p. 88).

43- BRÉHIER, E. *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*. Paris, Librairie Philosophique J. Urin, 1970, p. 21.

44- BRUN, J. *Le stoïcisme*. 7^e édition. (Paris), PUF, (1976), p. 46.

45- Encontra-se infinitivo perfeito em lugar do presente em I, 24, 29, 42, 86, 91 e 132; em II, 24 e 66; em IV, 7 e 17; em V, 24, 33, 60 e 103; em VI, 4, 6, 17 e 77.

Em cinco desses casos (I, 29, 86; II, 24; V, 60 e 103), o infinitivo perfeito vem empregado propriamente, isto é, com o real valor de perfectum. Em I, 24, IV, 17 e V, 24, podem-se entender os infinitivos no seu aspecto próprio ou como empregados em lugar do infinitivo presente, já que haverá somente alteração de aspecto verbal que não prejudicará o sentido, amalgamando-se, com isso, passado e presente; embora, nesses versos, se possam indiferentemente ter essas duas nuances, o emprego do perfeito foi, sem dúvida, ditado por conveniências métricas: em I, 24, temos "*Quō dīdī/cēsse...*"; em IV, 17 "*...uī/xīssē pā/tēllā*"; em V, 24, "*Ōstēn/dīssē iū/uāt...*"; se fossem empregados, nesses versos, infinitivos presentes, ter-se-iam as formas "*Quō discēre, uiuere pātēllā* e *Ōstendēre iūuāt*", que, como se vê, não poderiam formar hexâmetro.

O emprego do infinitivo perfeito em lugar do presente restringe-se, então, a nove casos (I, 42 e 132; II, 66; IV, 7; V, 33; VI, 4, 6, 17 e 77); nesses casos, justifica-se o seu emprego por motivos eminentemente métricos, como se pode ler em Ernout e Thomas (*Syntaxe Latine*. 2^e édition. Paris, Klincksieck, 1964, p. 260): em I, 42 "*Ōs pōpū/lī mērū/īssē et...*", em IV, 7 "*Fērt ānī/mūs cālī/dāe fē/cīssē...*", em VI, 4 "*...īntēn/dīssē lā/tīnāe*", em VI, 6 "*Egrēgī/ūs lu/sīs se...*", em VI, 17 "*...tēti/gīssē lā/goēnā*" e, finalmente, em VI, 77 "*...plāu/sīssē cā/tāstā*", os infinitivos *mērere*, *rādere*, *facere*, *spargere*, *intendere*, *ludere* e *plaudere* são irrealizáveis no hexâmetro de Pérsio.

- 46- Ramorino, opus cit., p. XVI- XVII; Dolç, opus cit., p. 40; Stano, opus cit., p. XII; Bignone, opus cit., p. 381; Bardon, *A propos de Perse*, p. 677.
- 47- Como exemplo, além do diálogo que ocorre em I, 1-12 entre Pêrsio e um desconhecido, podemos citar VI, 51-52; para este último caso, Dolç adverte que a fala do herdeiro pode ser "*Non adeo exossatus ager*" ou apenas "*Non adeo*", sendo "*Exossatus ager*" uma fala de Pêrsio.
- 48- Ramorino, opus cit., p. XVI-XVII; Stano, opus cit., p. XII; Dolç, opus cit., p. 40.
- 49- opus cit., p. 166.
- 50- Ramorino, opus cit., p. 64.
- 51- *Scloppus* é, possivelmente, uma onomatopéia calcada no ruído produzido pelo ar, ao sair da boca, quando se comprimem rápida e violentamente as bochechas.
- 52- Apud Dolç, opus cit., p. 243-44.
- 53- Apud Dolç, opus cit., p. 250.
- 54- Dolç, opus cit., locus cit.
- 55- opus cit., p. 96.
- 56- Dolç, opus cit., p. 250.
- 57- Dolç, opus cit., p. 40; Ramorino, opus cit., p. XI.
- 58- Dolç, opus cit., p. 40; Stano, opus cit., p. XIV.
- 59- Stano, opus cit., p. XXI.
- 60- Como já se viu na página 12 deste trabalho.

O VALOR LITERÁRIO

Pode parecer problemático dedicar um capítulo deste trabalho aos valores literários de um poeta, que se celebrizou por uma característica que se pode considerar diametralmente oposta aos méritos: a obscuridade.

Embora as suas sátiras tenham o que ele próprio classifica como "gosto de unhas roídas" (01), há alguns aspectos que devem ser examinados, os quais nos poderão ajudar na busca das qualidades literariamente positivas das sátiras.

Primeiramente há que se considerar que Pérsio não possuía, em sua obra satírica, intenções estritamente literárias, as quais foram anuladas pela sua preocupação filosófica. Sua obra está inteiramente voltada à "salvação" dos seus contemporâneos, à extirpação dos vícios, à divulgação da moral do Pórtico; é por isso que ele deseja que, para sua obra, "*...uaporata lector ...ferueat aure*", I, 126. "x

De início, deve-se registrar, como aliás já se fez, que a Pérsio faltou experiência poética verdadeira, vale dizer, não teve oportunidade de aprofundar-se nos segredos da arte da palavra. Não seria imprudência cogitar que, mesmo tendo condições e oportunidade para tanto, Pérsio não aspirasse a um aprofundamento literário, devido ao seu caráter grave, austero, inteiramente moldado conforme à doutrina do Estoicismo; por outro lado, não seria ilícito especular que, dada a grande inconstância da alma humana, Pérsio poderia, se a sua vida não fosse prematuramente interrompida, enveredar por outros gêneros literários com mais empenho até do que o fez na adolescência, nas suas primeiras obras.

Embora o próprio poeta afirmasse suas intenções práticas, não artísticas, é certo que a sua obra não deixou de atrair para si a admiração dos seus coetâneos e de alcançar relativo sucesso imediato, mais de uma vez testemunhado pelos antigos.

Lê-se na *Vita* que "*edictum librum conti-*

nuo mirari homines et deripere coeperunt" (02). Na breve história que relata acerca da sátira, após o testemunho carregado de admiração e entusiasmo, por tratar de um gênero literário totalmente latino (03), Quintiliano declara que *"embora com apenas um livro, Pêrsio mereceu muito da verdadeira glória"* (04). O célebre escritor de epigramas, Marcial, diz que Pêrsio *"saepius in libro memoratur uno"* (05).

Em segundo lugar, cumpre observar que o verdadeiro valor literário de Pêrsio não será encontrado no conjunto das suas sátiras, mas sim em pequenos aspectos que, de algum modo, existem para ajudá-lo a atingir o seu objetivo moralizante; em virtude dessa preocupação, Pêrsio pôs de lado as especulações filosóficas, conferindo às sátiras um caráter eminentemente prático. Não foi um escritor que discutisse teorias, permanecendo formalmente no campo da abstração; foi um poeta que apresentou soluções, que apontou caminhos por que se pudesse atingir a sabedoria, a liberdade interior (*"Petite hinc puerique senesque / Finem certum miserisque uia tica canis."* - V, 64-65). É por isso que não parece, nas sátiras, perder de vista a vida.

Sua obra está repleta de pequenas cenas, pequenos quadros que pareceriam caber melhor não nas sátiras, mas sim no teatro. Suas sátiras são uma obra de ações; são, enfim, constituídas pela apresentação da vida, que ele fragmenta à proporção que sente necessidade de propor caminhos, ou então de concretizar a abstração filosófica. Daí encontrarmos nas sátiras intensa sensação de contemporaneidade.

Nas poucas vezes em que Pêrsio se refere ao passado, assim procede para citar um fato louvável, como ocorre em I, 73-75 (*"Vnde Remus sulcoque terrens dentalia, Quinti, / Cum trepida ante boues dictatorem induit uxor / Et tua aratra domum lictor tulit."*), ou para procurar autorizar-se em Lucílio e Horácio, como ocorre em I, 114-117 (*"Secuit Lucilius urbem / ... et*

*geminum fregit...; / Omne uaf^{er} uitium ridenti Flaccus a
mico / Tangit...*"), ou então para mostrar a pureza dos
costumes passados, como ocorre em II, 59-60 ("*Aurum uasa
Numae Saturnaque inpulit aera / Vestalesque urnae et Tus
cum fictile mutat.*"), opondo-os ao presente, que ele jul
ga corrompido ("*Tunc neque more probo uideas...*" - I,
19; "*Haud tibi inexpertum curuos deprendere mores.*" -
III, 52).

Interessa-se pelo futuro apenas à medida
que nele vê a total aniquilação da moralidade, propondo,
então, os caminhos da salvação do homem.

Essa sensação de contemporaneidade, essa
constante focalização do presente, manifesta-se princi
palmente em uma série significativa de imprecacões, de
caráter genérico, como "*O curas hominum, o quantum est
in rebus inane!*", I, 1, "*Auriculas asini quis non ha
bet?*", I, 121, "*O curuae in terris animae et caelestium
inanes.*", II, 61, "*O miser inque dies ultra miser...*",
III, 15, "*Discite et, o miseri, causas cognoscite re
rum.*", III, 66, e "*Vt nemo in sese temptat descendere.*",
IV, 23.

Salvo raras exceções, é exatamente nessa
sensação de contemporaneidade que se devem procurar os
reais valores literários de Pêrsio, que se manifestam de
diferentes maneiras.

A representação da vida

Há nas sátiras de Pêrsio a presença cons
tante de pequenas cenas, que parecem captadas diretamen
te da vida quotidiana, as quais conferem à obra do poeta
de Volterra intensa sensação de vivacidade.

A representação da vida, a sensação de
vivacidade, manifesta-se, inclusive, na fundamentação de

algumas metáforas; há aquelas que foram calcadas em atividades artesanais, como em I, 64-65 ("*...ut per leue seueros / Effundat iunctura unguis?*") e em V, 25 ("*Quid solidum crepet et pictas tectoria linguae.*"); outras têm por base atividades comerciais, como em I, 42-43 ("*...et cedro digna locutus / Linquere nec scombro me-tuentia carmina nec tus?*") e em V, 64-65 ("*Petite hinc puerique senesque / Finem animo certum miserisque uiatica canis.*"); outras, como I, 24-25 ("*...nisi hoc fermentum et quae simul intus / Innata est rupto iecore exierit caprificus?*"), IV, 41 ("*Non tamen ista filix ullo mansuescit aratro.*") e V, 63-64 ("*Cultor enim es iuuenum, purgatas inseris aures / Fruge Cleanthea.*") têm por inspiração a vida ou atividades agrícolas.

Realiza-se também a representação da vida em dois passos, I, 70-72 ("*...nec ponere lucum / Artificem nec rus saturum laudare, ubi corbes / Et focus et porci et fumosa Parilia faeñō*") e III, 45-46 ("*Grandia si nollem morituro uerba Catoni / Dicere...*"), em que Pêrsio alude a temas de exercícios que deveriam ser frequentes nas escolas do seu tempo.

Esparsos pelas sátiras, há pequenos quadros, pequenas cenas, normalmente construídas com intenção didática, que, além de corroborar a sensação de vivacidade, possibilitam ao poeta abrandar a aridez da exposição, vazada quase sempre em termos dogmáticos, ou se comportam, em alguns casos, como se participassem do próprio corpo do desenvolvimento da doutrina, ou são utilizados pelo autor como elementos vetores da própria exposição.

Seria desnecessário e exaustivo apresentar, neste capítulo, todos os casos dessas cenas, que são riquíssimas de elementos culturais romanos; arrolaremos, por isso, os mais significativos.

Na primeira sátira, v. 87-90 ("*...Quippe, et cantet si naufragus assem / Protulerim? Cantas,*

cum fracta te in trabe / Ex umero portas?"), encontra-se uma cena, a que o poeta torna a aludir na sexta sátira ("*...ne pictus oberret / Caerulea in tabula.*" - vv. 32-33), que representa o costume de os náufragos carregarem, preso aos ombros, um quadro em que se haviam pintado cenas do naufrágio, a fim de expor-se à piedade pública, objetivando compensar-se de parte do prejuízo sofrido.

Num passo em que Pérsio confessa ter-se servido, na infância, de uma conduta condenável para fugir ao estudo (06), vê-se uma série de elementos que, de modo feliz, revelam algumas atividades lúdicas da infância romana, como o jogo de dados com os seus lances típicos ("*...quid dexter senio ferret / ...damnosa canicula quantum / raderet, angustae collo non fallier orcae.*" - vv. 48-50), como um jogo semelhante ao do pião ("*...buxum torquere flagello.*" - v. 51), além de um artifício utilizado para que se pudesse parecer doente ("*Saepe oculos... ..tangebam... oliuo.*" - v. 44), evitando-se, dessa forma, os exercícios escolares.

A afirmação de que Pérsio se aproveita de cenas do quotidiano é atestada ainda por um pequeno quadro da quarta sátira; no verso 25 ("*Expecta, haud aliud respondeat haec anus. I nunc.*"), o poeta sarcasticamente inicia uma comparação, em que contrapõe Alcebídes a uma velha, vendedora de basilicão, que, naquele momento, apregoava a sua mercadoria.

Para exemplificar diferentes tipos de homens e suas diferentes aspirações, o poeta procede na quinta sátira, vv. 54-56, a uma enumeração de viciosos ("*Mercibus hic Italis mutat sub sole recenti / Rugosum piper et pallentis grana cumini / Hic satur inrigho mauult turgescere somno, / Hic campo indulget, hunc alea decoquit, ille / in uenerem putris.*") em que se há de notar o emprego enfático do pronome demonstrativo *hic*, que é substituído por *ille* somente quando o vício não poderia ser praticado publicamente, e o emprego de for-

mas verbais do presente; somados, esses dois empregos corroboram intensamente a sugestão de contemporaneidade da obra de Pérsio.

Na quinta sátira, há o quadro da cerimônia da *manumissio per uindictam* ("...quibus una Quiritem / Vertigo facit. Hic Dama est non tresis agaso / Vappa lippus et in tenui farragine mendax; / Verterit hunc dominus, momento turbinis exit / Marcus Dama..." - vv. 75-79), em que se repetem os elementos já apontados: o emprego do demonstrativo *hic* e as formas verbais no presente.

Caricaturas

Outro aspecto que se deve considerar em Pérsio é a sua grande habilidade em caricaturar as pessoas, servindo-se normalmente de ações que elas praticam; é raro encontrar nas sátiras descrições de pessoas. Pérsio procura apoiar-se em condutas que possam denunciar o mau caráter ou a personalidade mal formada dos indivíduos a que se refere.

Na primeira sátira, o poeta compraz-se em apresentar o retrato pormenorizado de um *declamator*, fato de que se aproveita para pô-lo em ridículo. A descrição divide-se em duas partes, entre as quais se intercalou um segmento filosófico acerca da auto-suficiência. Na primeira parte ("*Scilicet haec populo pexusque togaque recenti / Et natalicia tandem cum sardonyche albus / Sede legens celsa, liquido cum plasmate guttur / Mobile conlueris, patranti fractus ocello.*" - vv. 15-18), o poeta mostra-se mais interessado na apresentação física do amante da poesia da moda. Já na segunda ("*Hic aliquis, cui circum umeros hyacinthina laena est, / Rancidulum quiddam balba de na*

*re locutus / Phyllidas, Hypsipylas, uanum et plorabile
siquid / Eliquat ac tenero subplantat uerba palato.*" -
vv. 32.35), como que visando a completar a descrição
anterior, embora mencione também um aspecto físico
("*cui circum umeros hyacinthina laena est*"), o poeta
prende-se mais à ação do *declamator* e ao conteúdo da
sua *declamatio*. Mesmo que essas descrições pareçam ter
por objeto indivíduos diferentes, é inegável que ambas
se completam. Pérsio consegue, dessa forma, fundir iro-
nicamente poesia e poeta, marcados os dois pela banali-
dade.

Na segunda sátira, apresenta-nos o poe-
ta uma caricatura muito feliz de uma avó ou tia mater-
na, ao mostrar-nos as preces insensatas a que procedem,
a fim de assegurar para o recém-nascido os mais diver-
sos êxitos ("*Tunc manibus quatit et spem macram suppli-
ce uoto / Nunc Licini in campos, nunc Crassi in aedis:
/ 'Hunc optent generum rex et regina, puellae / Hunc
rapiant, quidquid calcauerit hic rosa fiat.*" - vv.
35-38).

Na terceira sátira, o poeta mostra o
extremado desleixo de um presunçoso estudante de filo-
sofia, através de uma série de perguntas irônicas às
quais o preguiçoso não poderá dar resposta ("*Tunc que-
rimur, crassus calamo quod pendeat umor; / Nigra set
infusa uanescit sepia lympa: / Dilutas querimur gemi-
net quod fistula guttas.*" - vv. 12-14).

Ainda na terceira sátira, ocorre uma
das poucas caricaturas que não se realiza por ações;
muito causticamente, nos versos 37-38, o poeta investe
contra os soldados, mais particularmente contra um cen-
turião ("*Hic aliquis de gente hircosa centurionum / Di-
cat...*"). Se bem que não se possa afirmar categorica-
mente qual seja o motivo, é certo que Pérsio nutriu re-
lativa animosidade contra os militares; nesse passo, o
centurião toma a palavra para demonstrar a sua indispo-
sição com a filosofia e filósofos. Sendo o poeta um in-

cansável divulgador do estoicismo, é lógico que procurasse defender a filosofia, acometendo os centuriões. Nos três últimos versos da quinta sátira, Pérsio retoma a carga contra os soldados ("*Dixeris haec inter uaricosos centuriones: / Continuo crassum ridet Pulfenius ingens / Et centum Graecos curto centusse licetur.*"), referindo-se a eles por meio de uma característica física, *uaricosos*; Pérsio, contudo, não está, nesse passo, preocupado em caracterizá-los fisicamente, mas em propor um retrato moral dos soldados. Apresentando as ações do centurião, o poeta procura demonstrar a aversão do militar à teoria estóica acerca da liberdade; Pulfenius dela zombará e arrematará com gregos, vale dizer, com filósofos, pretendendo, com isso, afirmar que a única e verdadeira liberdade é a civil.

Na quarta sátira encontra-se uma das melhores caricaturas elaboradas por Pérsio; nos versos 29-32 ("*Seriolae ueterem metuens deradere limum / Inge^{mi}mit: 'Haec bene sit', tunicatum cum sale mordens / Ca^{pi}pe et... / Pannosam faecem morientis sorbet aceti?*"), procedendo à caracterização da extrema avareza de um certo Vetídio, compraz-se com a apresentação dos pormenores mais significativos, demonstradores do caráter do avaro, como *metuens*, *ingemit*, *mordens tunicatum cum sale*. Na sexta sátira, propondo-se firmemente a jamais se curvar à avareza, Pérsio serve-se de uma construção ("*Et signum in uapida naso tetigisse lagoena.*" - v.17), análoga à anterior quanto à forma, mais contundente, porém, no que tange ao conteúdo.

A força dramática do diálogo

Embora tenhamos arrolado a estruturação do diálogo como um dos fatores da obscuridade em Pérsio, seria injusto não reconhecer, neste capítulo,

por paradoxal que possa parecer, que o seu diálogo adquire, em algumas oportunidades, força intensamente dramática.

Dessas passagens, que não são muitas, devem-se mencionar especialmente duas: ocorre a primeira (07), quando se vêem em cena um médico e um jovem doente, refratário aos conselhos médicos; ainda que essa pequena cena se inicie abruptamente, como sôí acontecer nas sátiras, não carece de introdução. O diálogo é encerrado por um significativo *tacebo*, proferido pelo médico. A partir desse ponto (08), o poeta assenhora-se da condução da ação, encaminhando-a rapidamente para o desfecho. A descrição da morte do jovem imprudente é feita de tal maneira que sugere que o poeta não só observa a cena, como também dela participa; desta forma, a descrição transforma-se em verdadeiro testemunho da desdita do infeliz. A ~~av~~imensa faculdade de observação de que parece ser portador Pêrsio, fá-lo aspirar as "*sulpureas mefites*", que exalam da garganta do incauto, leva-o a ouvir que os "*dentes crepuere re-recti*" e a ver que os "*uncta pulmentaria cadunt laxis labris*". Imediatamente, servindo-se apenas de *hinc* como vocábulo de transição, passa o autor a descrever o cadáver do *beatulus*, já preparado para o cortejo fúnebre. Como no trecho anterior, Pêrsio parece vivenciar o que descreve, por isso o seu testemunho faz-se acompanhar de inegável clima de realismo, corroborando incontestavelmente a sensação de contemporaneidade.

A segunda passagem localiza-se na quinta sátira, a peça em que Pêrsio parece ter-se mais empenhado: as vozes da Avareza e da Luxúria, que tentam seduzir aos seus caprichos o liberto Dama (09). Cada uma das falas possui características próprias, procurando-se adequar às peculiaridades das paixões personificadas.

Assim, a da Avareza apresenta-se carregada de imperativos: *surge*, que aparece três vezes, vv. 132 e 133, *aduehe*, v. 134, *tolle*, v. 136, *uerte* e *iura*, v. 137, além de uma impetuosa enumeração de mercadorias com que o liberto poderia negociar, vv. 134-135.

A fala da Luxúria já é comedida; ela não *instat* como a Avareza, apenas *monet*, procurando mover o manumisso das longas viagens marítimas com que buscará enriquecer, as quais lhe serão motivos de muitas atribulações, sofrimentos e desconfortos, se se resolver a seguir os incitamentos da Avareza. A fala da Luxúria é, na realidade, insidiosa ("*carpamus dulcia*", "*indulge genio*", "*fugit hora*"), constituindo-se, desta forma, em clara oposição à energia da fala da Avareza.

Originalidade e lugares-comuns

Embora as imagens de Pérsio normalmente não possam ser consideradas originais, por terem sido importadas de outros poetas, ou por fazerem parte do elenco das imagens da retórica filosófica, há algumas que, por sua originalidade, denunciam certo pendão artístico.

Como o próprio Pérsio afirmou na primeira sátira ("*...cum scribo, si forte quid aptius exit / - Quando hoc? Rara avis est - ...*" - vv. 45-46), são raras as oportunidades em que se pode notar, em termos puramente literários, uma construção mais bem elaborada, desvencilhada da função persuasória da sua obra, onde o poeta pareça realmente ter-se entregue a uma inspiração poética.

No verso 47 da quarta sátira, encontra-se uma imagem, "*Si facis in penem quidquid tibi uenit*", que, não obstante calcada na expressão proverbial "*in*

mentem uenire", não deixa de ser original; a substituição de *mentem* por *penem* acresce à construção a idéia de que o homem está inteiramente entregue à libidinagem.

Dentre essas oportunidades, deve-se citar também o longo tributo de gratidão que Pêrsio presta ao seu mestre Cornuto, na quinta sátira, vv. 19-51; ao lado do episódio apresentado em III, 44-51, este é igualmente um episódio que se pode considerar autobiográfico. A par do profundo sentimento de gratidão, a passagem é marcada também por intensa sinceridade; nela Pêrsio mostra a grande influência que seu mestre exerceu sobre a sua personalidade.

Outro passo, em que se manifesta de modo acentuado uma inspiração poética relativa, localiza-se nos oito primeiros versos da sexta sátira, especialmente nos versos 6-8 ("*...Mihi nunc Ligus ora / Intepet hibernatque meum mare, qua latus ingens / Dant scopuli et multa litus se ualle receptat.*") com que o poeta descreve liricamente o litoral da Ligúria, onde passava o inverno.

Ainda na sexta sátira, pode-se considerar dotada de qualidades literárias a passagem em que se apresentam as cenas de um naufrágio ("*...trabe rupta Bruttia saxa / Prendit amicus inops, remque omnem surda que uota / Condidit Ionio, iacet ipse in litore et una / Ingentes de puppe dei iamque obuia mergis / Costa ratis lacerae...*" - vv. 27-31), na qual se nota, mais uma vez, a grande capacidade de observação do poeta.

Poder-se-iam arrolar, ainda, outros passos não menos felizes, tais como IV, 52 ("*Tecum habitatoris quam sit tibi curta supellex.*"), onde o poeta compara a sabedoria à mobília da alma, ou V, 159-160 ("*Nam et luctata canis nodum abripit, at tamen illi, / Cum fugit, a collo trahitur pars longa catenae.*") em que, para demonstrar a dificuldade em libertar-se das paixões, compara-as a uma *pars longa catenae*, que é arrastada

por uma cadela em fuga.

Quanto às imagens importadas de outros poetas, não se pode negar a grande influência de Horácio sobre Pérsio; a presença daquele é tão intensa neste que Dolç chega a ver nas sátiras do poeta de Volterra "um mosaico de reminiscência de Horácio" (10); já em 1650, Casaubon faz a sua edição das sátiras de Pérsio acompanhar-se de um apêndice intitulado *Persiana Horatii imitatio*, em que resumia, conforme se lê em Dolç, "todas as derivações horácianas em Pérsio" (11).

Além da grande influência de Horácio, Pérsio sofreu também a de outros poetas. Em pelo menos três casos, nota-se a sensível influência de Vergílio; o primeiro deles ocorre na segunda sátira ("...et spem macram... / ...mittit..." - vv. 35-36), quando designa Pérsio a um recém-nascido com o sintagma *macram spem*. Sem dúvida, Vergílio forneceu a Pérsio a inspiração para este emprego, já que em *Aen.* I, 556 ("...nec spes iam restat Iuli.") e *Aen.* X, 525-526 ("Per patrios manis et spes surgentis Iuli / te precor hanc animam serues gnatosque patrique") havia empregado o substantivo *spes* em situação análoga à de Pérsio.

Nos dois primeiros versos da quinta sátira ("Vatibus hic mos est, centum sibi poscere uoces, / Centum ora et linguas optare in carmina centum."), Pérsio emprega uma imagem vergiliana ("Non, mihi si linguae centum sint orque centum, / ferrea uox, omnis scelerum comprehendere formas, / omnia poenarum percurrere possim." - *Aen.* VI, 625-627; "Non, mihi si linguae centum sint, oraque centum / ferrea uox." - *Georg.* II, 43-44), que havia sido calcada em Homero, *Il.* II, 489, o qual pedia dez bocas e dez línguas. O poeta de Volterra não foi o único a deixar-se impressionar pela imagem de Vergílio; Ovídio, *Met.* VIII, 532 ("Non, mihi si centum deus ora sonantia linguis") e Sílio Itálico,

Pun. IV, 526 ("*centenasque pater det Phoebus fundere uoces.*") imitaram-na também. Deve-se, contudo, registrar que o próprio Pérsio confessa estar utilizando um clichê ("*Vatibus hic mos est...*" - V, 1), justificando, inclusive, o seu emprego ("*His ego centenas ausim deoscere fauces, / Vt quantum mihi te sinuoso in pectore fixi, / Voce traham pura totumque hoc uerba resignent, / Quod latet arcana non enarrabile fibra.*" - V, 26-29).

O verso 41 dessa mesma sátira ("*Tecum etenim longos consumere soles*") lembra os versos 51-52 da nona Bucólica de Vergílio ("*...saepe ego longos / cantando puerum memini me condere soles.*").

Quanto às imagens pertencentes à retórica filosófica, convém destacar primeiramente aquelas em que o homem, cuja personalidade se encontra ainda em formação, é comparado ao barro, que deverá ser moldado pelo oleiro; é o que ocorre, por exemplo, em III, 23-24 ("*Vdum et molle lutum es, nunc nunc properandus et acri / Fingendus sine fine rota.*"); Pérsio retomará essa imagem na quinta sátira, em um passo em que demonstra a grande influência de Cornuto em sua formação moral ("*Tunc fallere sollers / Adposita intortos regula mores / Et premitur ratione animus uincique laborat / Artificemque tuo ducit sub pollice uultum.*" - vv.37-40). Embora calcada sobre um lugar-comum, é inegável que a imagem representa uma recriação artística em que o poeta se houve com grande felicidade; desta feita, Pérsio não se refere propriamente ao barro que o oleiro deve trabalhar, mas sim à obra que já foi moldada.

Como se sabe, os estóicos não comparavam a sabedoria à arte da navegação ou à da medicina, já que essas artes não têm um fim nelas mesmas; são meios de se conseguir alguma coisa; a primeira é o meio de se atingir o porto e a segunda, o meio de se curarem as doenças. Preferiam os seguidores da doutrina

na do Pórtico comparar a sabedoria à arte do ator ou à do dançarino, visto que o fim dessas artes se encontra nelas próprias, da mesma forma que a sabedoria está voltada para ela mesma (12). E Pérsio não foge a essa preferência; em V, 104-105 ("*Tibi recto uiuere t_alo / Ars dedit...*"), com o emprego do sintagma *recto t_alo*, modificador de *uiuere*, tem-se, de modo conciso, a comparação da vida à arte do teatro.

Outra imagem, lugar-comum da retórica filosófica, consistia na comparação da vida a dois caminhos, o do bem e o do mal, por um dos quais deverá optar o homem. Entre outros escritores que, direta ou indiretamente trataram de temas filosóficos, Cícero serviu-se também dessa imagem (13); Pérsio utilizou-a por duas vezes: primeiramente na sátira III ("*Et tibi, quae Samios diduxit litera ramos / Surgentem dextro monstrauit limite callem.*" - vv. 56-57), aludindo ao *upsilon* grego de Pitágoras de Sâmio, como se poderá ver na nota 25 da sátira III; já na quinta sátira, o poeta retoma essa mesma imagem, simplesmente sugerindo-a ("*Cumque iter ambiguum est et uitae nescius error / Deducit trepidas ramosa in compita mentes.*" - vv. 34-35).

Ainda dentre os clichês da imagética filosófica, convém citar a comparação entre a saúde do corpo e a da alma, que visa a sugerir que se deve cuidar desta com a mesma diligência com que se cuida daquela. Por mais de uma vez, alude Pérsio a sintomas físicos para denunciar o vício, a doença da alma; é o que se vê, por exemplo, em I, 23 ("*...et dicas cute perditus 'Ohe!'*"), I, 25 ("*...rupto iecore caprificus?*"), I, 26 ("*En pallor...*"), I, 79 ("*Hos pueris monitus patres infundere lippos.*"), II, 53-54 ("*...sudes et pectore laeua / Excutiat guttas laetari praetripitum cor.*"), II, 72 ("*Non possit magni Messallae lippa propago*"), III, 32-33 ("*Sed stupet hic uitio fibris increuit opimum / Pingue...*"), III, 42-43 ("*...et intus*

/ *Palleat infelix...*"), IV, 16 ("...*Anticyras melior sorbere meracas?*"), IV, 43-45 ("*Ilia subter / Caecum uulnus habes, sed lato balteus auro / Praetegit.*"), IV, 47 ("*Viso si palles, improbe, nummo.*"), V, 76-77 ("*Hic Dama est non tressis agaso / Vappa lippus...*") e V, 184 ("*Labra moues tacitus recutitaque sabbata palles.*").

A comparação corpo/alma adquire especial ênfase nos versos finais da terceira sátira, onde, inequivocamente, Pérsio estabelece estreita relação entre um e outro, de modo a torná-los indissolúveis (14). De modo não menos enfático, porém mais incisivo, Pérsio adverte que cumpre opor-se à doença antes que ela tome conta do corpo, já que, depois, será demasiadamente tarde ("*Elleborum frustra, cum iam cutis aegra tumebit, / Poscentis uideas; uenienti occurrere morto / Et quid opus Cratero magnos promittere montis?*" - III, 62-65), pretendendo dizer que se deve cuidar da alma, enquanto há tempo.

A métrica

Neste capítulo acerca dos valores literários da Pérsio, não se pode silenciar sobre os aspectos métricos da sua poesia satírica. Para tratarmos deles, faz-se necessário um breve histórico do verso da poesia satírica.

Enio compôs determinado tipo de obra, denominado *satura*, caracterizado pela diversidade de assunto (15), abrangendo peças didáticas ou moralizantes, peças satíricas em que o poeta criticava alguns tipos da sociedade e até peças autobiográficas (16), expressas em metros variados: senários jâmbicos, sep-

tenários trocaicos e hexâmetros datílicos, conforme declaram Van Rooy (17) e Charpin (18).

Foi com Lucílio que a sátira começou a ganhar corpo definitivo. Embora suas composições apresentem ainda diversidade de assunto - o que, na realidade, não poderia deixar de ocorrer na poesia satírica -, procurou estabelecer-lhes um sistema métrico adequado. O primeiro volume das suas sátiras, com os livros de 26 a 30, demonstrou ainda diversidade métrica: os livros 26 e 27 foram compostos em septenários trocaicos; os livros 28 e 29, em septenários trocaicos, senários jâmbicos e hexâmetros; o livro 30 foi constituído apenas por hexâmetros. O segundo volume, com os livros de 1 a 21, continha somente versos hexâmetros; o terceiro volume, com os livros de 22 a 25, foi escrito em versos elegíacos (19).

A preferência de Lucílio pelo verso hexâmetro, que é o verso de pelo menos 22 dos seus 30 livros, é interpretada por Charpin como sendo uma tentativa de o poeta conferir às sátiras a mesma nobreza dos versos das desventuras de Ulisses e da grande poesia (20).

Horácio, Pérsio e Juvenal, os sucessores de Lucílio, mantiveram-se fiéis à preferência do poeta de Aurunca, tornando, assim, o hexâmetro o verso oficial da sátira. E é nesta perspectiva que se deve examinar a versificação em Pérsio; se ele se serviu do hexâmetro, foi porque havia uma tradição a ser seguida à qual não poderia fugir. O hexâmetro em Pérsio não foi opção, foi uma convenção a que se deveria submeter.

Como versificador, Pérsio não deixou muito a desejar; Perreau considera a métrica de Pérsio muito bem elaborada, julgando-a inferior apenas à de Terêncio, Virgílio, Horácio e Estácio (21).

Embora, em sua generalidade, o hexâmetro de Pérsio não deva sofrer restrições, há algumas

considerações que não se podem evitar.

É comum em Pérsio ser constituído o penúltimo *metrum* de um infinitivo para possibilitar a existência do dátilo convencional; este fato ocorre em cerca de 60 dos seus 650 versos (22).

Outro dado quantitativamente significativo é o número acentuado de versos cuja última palavra é um monossílabo, como ocorre em I, 8, 28, 32, 43, 48, 55, 61, 81, 111, 134; II, 9, 10, 54, 68; III, 5, 26, 72, 85; IV, 19; V, 68, 74, 84, 93, 151, 153, 174, 187; e VI, 19, 25, 26, 48 e 64.

Embora Perreau considere Pérsio o quinto versificador em ordem de qualidade, há alguns casos em que não se deve deixar de ver certa impropriedade. Em alguns versos, o acento rítmico do dátilo do penúltimo pé não corresponde ao acento tônico da palavra em que cai, quebrando, assim, a harmonia do verso: é o que se nota em I, 76 ("*Ēst nūnc / Brīsē/ī quēm / uēnō/sūs libēr / Accī*") e em I, 106 ("*Nēc plūtē/ūm cāe/dīt nēc / dēmōr/sūs sāpīt / ūnguīs*."), para apresentar apenas dois exemplos (23).

Em outros versos, Pérsio vai-se servir de licenças poéticas, prosódicas, para que seja possível o fechamento do pé; esse recurso ocorre em II, 55 ("*Hīnc īl/lūd sūbī/īt āu/rō sā/crās quōd ō/uātō*"), onde o poeta procedeu ao alongamento da sílaba final de *subiit*, a que seguia uma vogal; ocorre também no penúltimo pé de III, 9 ("*...rūdērē / crēdas*"), em que se manifesta o alongamento da primeira sílaba do infinitivo.

Se a versificação de Pérsio não é perfeita, embora não seja portadora de problemas graves,

deve-se ter em mente que a sua preocupação constante foi a divulgação da doutrina do Estoicismo. Por outro lado, não se deve esquecer que, não buscando a elegância do hexâmetro grego, fugindo, inclusive, à elegância literária, o hexâmetro da sátira "*está bem próximo do tom familiar da conversação*" (24); essa intenção do metro da sátira justificaria, sem dúvida, algumas imperfeições que pudesse apresentar.

Antes de encerrarmos este capítulo acerca do valor literário das sátiras de Pêrsio, faz-se necessário tratar, mais uma vez, das suas imagens arrojadas que, conforme já se viu, para alguns historiôgrafos da literatura latina, críticos e comentadores da obra do poeta de Volterra, são causa de obscuridade, empecendo, portanto, as suas qualidades literárias.

Se acrescentássemos ao problema da obscuridade a sua originalidade relativa e os lugares comuns de que se serve, restaria bem pouco do valor literário de Pêrsio; cumpre, porém, proceder a algumas considerações que, embora não visem a atribuir ao poeta algo que não seja seu, pelo menos poderão fazer-lhe justiça.

Quanto à tão censurada obscuridade de Pêrsio, julgamos lícito acreditar que ela não tenha existido para os seus coetâneos; assim não fosse, suas sátiras não possuiriam condições de alcançar o sucesso que obtiveram. Insistir na excessiva obscuridade das sátiras seria, parece-nos, exercer um indevido patulhamento sobre o poder e liberdade criadores do poeta.

Em seu *Traité de Stylistique Latine* (25), Marouzeau considera que a correspondência entre

palavra e idéia não deve ser nem rigorosa nem necessária, embora possa parecer "*a condição essencial do enunciado*" (26), cujo autor deverá preocupar-se com exprimir as suas idéias por uma forma direta e simples; reconhece, contudo, o próprio Marouzeau que o escritor se vê obrigado a substituir a expressão que seria esperada, por uma outra, equivalente ou aproximada, não só em virtude de uma "*insinceridade inata*", como também pela necessidade de "*dar-se um ar superior*", ao não dizer as coisas "*como seria natural que fossem ditas*" (27); conclui Marouzeau que há certo prazer em oferecer ao leitor não o que se tem realmente a dizer-lhe, mas "*o que é próprio para fazê-lo adivinhar*" (28).

Tomando como certas as palavras de Marouzeau a respeito da insinceridade natural do escritor, o seu gosto pela adivinhação, o seu prazer pelo enigma, as construções arrojadas de Pérsio não poderão ser tidas como defeitos; pelo contrário, haverão de ser consideradas como recursos enriquecedores do estilo, pelo menos até certo ponto.

O motivo pelo qual se têm essas construções como obscurecedoras das sátiiras reside no fato de que o leitor nem sempre está capacitado para compreender as aparentes rupturas que se estabelecem entre o plano do enunciado e o plano lógico, entre aquilo que se tem e aquilo que seria esperado.

Se algum excesso ou impropriedade se deparam, às vezes, nas sátiiras quanto ao emprego dessas construções, dever-se-á isso ao fato de que, sobre ser jovem, vivia o poeta ligado a um grupo culto para quem, sem dúvida, os seus pensamentos eram bem mais nítidos; acresça-se também que nem o preocupava, como declara na primeira sátira, a aprovação pública. O emplego, talvez abusivo, dessas formas forçará, por certo, o leitor de hoje a constantes consultas e interrupções da leitura, levando-o a indispor-se contra elas. Mas o empenho empregado numa leitura paciente dos versos de

Pérsio poderá premiar com inesperadas belezas o estudo.

Se não há originalidade em Pérsio, ou se há pouca, essa questão tem a sua gravidade diminuída diante do emprego das construções arrojadas. Se a Pérsio faltou originalidade em termos de imagens, essas construções representam, sem dúvida, uma maneira própria, particular, original, portanto, de se renovar o que já foi gasto pelo uso.

Quanto ao emprego dos clichês próprios da retórica filosófica, não se pode esquecer que a obra de Pérsio está inteiramente embasada na filosofia que ele pregava, o que, por si só, justifica o seu emprego.

NOTAS AO CAPÍTULO "O VALOR LITERÁRIO"

- 01- Criticando a poesia banal, própria da *recitatio*, Pérsio declara que essa poesia "*nec pluteum caedit nec demorsos sapit unguis*", I, 106. Considerando que Pérsio condena essas manifestações poéticas, é lícito julgar que sua poesia *pluteum caedit et demorsos sapit unguis*.
- 02- *Vita*, VIII.
- 03- "*Satira quidem tota nostra est.*" - *Instit. orat.* X, 93.
- 04- *Instit. orat.* X, 94.
- 05- *Epigr.* IV, 29, 17.
- 06- III, 43-51.
- 07- III, 88-97.
- 08- III, 98-106.
- 09- V, 132-153.
- 10- *Opus cit.*, p. 28.
- 11- *Opus cit.*, p. 28.
- 12- Cícero declara que "*a sabedoria não se assemelha à arte do piloto ou à do médico, mas, antes, como acabo de dizer, a um papel de teatro e a uma dança; o último grau da arte, a sua perfeição, está nela mesma e não busca nada que lhe seja exterior.*" - *De Fin.* III, VII, 24-
- 13- *de Off.* I, 118.
- 14- "*Nunc face supposita feruescit sanguis et ira
Scintillant oculi dicisque facisque quod ipse
Non sani esse hominis non sanus iuret Orestes.*"
(III, 116-118).
- 15- "...sed olim carmen quod ex uariis poematibus constabat satura uocabatur, quale scripserunt Pacuuius et Ennius." - Diomedes, *Ars Grammatica*,

- 16- VAN ROOY, C. A. *Studies in Classical Satire and Related Theory*. Leiden, E. J. Brill, 1966, p. 32.
- 17- Opus cit., locus cit.
- 18- Opus cit., p. 28.
- 19- Van Rooy, opus cit., p. 51.
- 20- Opus cit., p. 26.
- 21- Opus cit., p. XXVI.
- 22- Como exemplo desse recurso de Pêrsio, podem-se citar os versos I, 8, 9, 28, 44, 49, 53, 61, 65, 70, 79, 97, 107, 119, 127, 128; II, 4, 7, 18, 21, 28, 48, 62, 63, 66; III, 9, 27, 32, 50, 52, 65, 91, 114; IV, 10, 13, 23, 29, 36; V, 1, 13, 15, 16, 24, 26, 37, 41, 42, 56, 62, 83, 84, 94, 100, 101, 105, 11, 170, 177; VI, 23, 38.
- 23- Dã-se semelhante fenômeno em I, 111; II, 54; V, 143.
- 24- NOUGARET, L. *Traité de Métrique Latine Classique*. 2^e édition. Paris, Klincksieck, 1956, p. 53-54; Charpin, opus cit. p. 26-
- 25- *Traité de Stylistique Latine*. 2^e édition. Paris, "Les Belles Lettres", 1946, p. 253.
- 26- Marouzeau, opus cit., locus cit.
- 27- Marouzeau, opus cit., locus cit.
- 28- Opus cit., p. 253.

C O N C L U S Ã O

As sátiras de Pêrsio não apresentam aspectos inovadores nem reformuladores; o poeta de Volterra foi apenas um continuador de um gênero literário de raízes profundamente latinas, o qual procurou adequar, do melhor modo possível, à sua necessidade de pregador, em versos, da doutrina do Pórtico.

Embora se possa considerar Pêrsio um entusiasmado admirador da obra de Horácio - fato que explicaria as frequentes ressonâncias de Horácio na obra de Pêrsio -, as sátiras do poeta de Volterra distinguem-se em vários aspectos.

Primeiramente há que se atentar para os motivos que levaram Horácio pelos caminhos da sátira; ele próprio escreveu que "*neste gênero em que, após as tentativas frustradas de Varrão de Atax e de alguns outros, eu poderia ter mais sucesso, sem igualar-me ao criador...*" (01); apoiando-se nesses versos, Lamarre concluiu que "*...a sátira era o único (gênero) que não tinha o seu mestre, o seu grande autor. Como o lugar estava vago, Horácio resolveu ocupá-lo; a sátira pareceu-lhe o que mais lhe prometia sucesso.*" (02)

O raciocínio de Lamarre induz-no à conclusão de que Horácio foi levado a escrever sátiras pela ambição de ser um grande autor, ocupar o lugar de mestre do único gênero literário que ainda não possuía um grande nome; somos, por isso, levados a acreditar que, ao seguir o caminho aberto por Lucílio, o objetivo de Horácio foi meramente literário.

Quanto ao *ánimus* das suas sátiras, o próprio Horácio declara que a linguagem que deve ser empregada há de ser ora áspera, ora alegre, possuindo, conforme o momento, tom oratório ou poético, concluindo que o gracejo cabe melhor e mais incisivamente às questões mais importantes (03). É di

fácil encontrar, nas suas sátiras, a melancolia, o amargor, o pessimismo que, segundo Courbaud, são próprios do gênero satírico (04):

Pode-se dizer, em suma, que a sátira de Horácio é construída sobre uma jovialidade própria de quem estava afeito à vida da corte.

Pérsio não foi levado às sátiras pelo desejo da glória literária, a qual, como já vimos, ele abominava. O *animus* das suas sátiras não contém a mesma jovialidade das de Horácio.

Pérsio não foi, certamente, partidário da teoria do *ridendo castigat mores*, já que, em suas sátiras, é visível um sentimento de melancolia que, por vezes, se transforma em pura indignação, "...*uidi, uidi ipse, libelle*", I, 120. Manifesta-se a melancolia principalmente por uma série de imprecações ou admoestações vazadas em tom lamentoso, frutos da constatação de uma realidade que o entristecia, fato, aliás, que ele mesmo confessa em I, 9-10: "...*et nostrum istud uiuere triste / Asperi...*"

O poeta de Volterra não é um satírico que, como Horácio, pretende fazer sorrir; se houver sorriso nas suas sátiras, será também um sorriso melancólico, motivado por algum comportamento insensato que ele critica. Pérsio é um poeta que pretende consertar o mundo e salvar a seus semelhantes, julgando a sua poesia o instrumento mais adequado à sua missão; daí a sua excessiva preocupação moralizante.

Se Pérsio não é, entre os poetas satíricos, tão celebrado quanto Horácio, ou mesmo até quanto Juvenal, é porque sua obra se fez marcar por uma obscuridade que a crítica exagerou. É certo que Pérsio, de início, não é agradável; pelo contrário, é fatigante. Para se ler a Pérsio, é preciso não só conhecer a ele, como também ao estoicismo. Para po-

depreciá-lo, é mister ter em mente que viveu em um tempo conturbado, corrupto, que prenunciava já a decadência de uma cultura, a queda de um povo. É necessário não se esquecer de que viveu em um tempo em que o homem romano era conduzido, ou conduzia-se, à aniquilação. Pérsio opôs-se a essa situação e decidiu-se a lutar contra ela, fazendo das suas sátiras as armas.

Pérsio, por fim, não buscou a arte; visou ao homem que ele julgava perder-se. Para ele, a arte não foi um fim; foi um meio que procurou utilizar, perfeita ou imperfeitamente, não importa, para alcançar o seu objetivo, claramente de terminado.

Pérsio não foi um gênio da literatura, mas foi, seguramente, um poeta que se preocupou com os destinos da humanidade. Foi um poeta que renunciou à glória literária por não compactuar com a aquilação moral do homem.

Não foi excelente poeta, mas um esmerado pregador. Mais que a literatura, amou o homem. Isto lhe bastava.

NOTAS

- 01- *Sat.* I, X, 46-48.
- 02- *Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Librairie Jules Lamarre, 1901, t. V, p. 99.
- 03- *Sat.* I, X, 11-15.
- 04- COURBAUD, E. *Horace: sa vie et sa pensée à l'époque des Épitres*. (Paris, 1914), p. 2. - apud HORACE. *Odes et Épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, "Les Belles Lettres", 1967, p. XVII.

T R A D U Ç Ã O E N O T A S

S Ã T I R A I

TRADUÇÃO

Oh! as preocupações dos homens! Oh!
quão grande vazio há nas coisas (01)!

- "Quem lerá isto?"

- É a mim que falas? Ninguém, por
Hércules!

- "Ninguém?"

- Talvez duas pessoas, talvez nenhuma.

- "Coisa vergonhosa e digna de compaixão!"

- Por quê? Polídamante e as Troianas (02) não preferirão, sem dúvida, Labeão (03) a mim? Ninharias! Se a turbulenta Roma desmerece alguma obra, não aproves nem censures o fiel viciado desta balança e não te procures fora de ti mesmo. De fato, há em Roma quem por essa não..., se fosse lícito dizer... Mas é lícito; quando penso nas nossas cãs, neste nosso viver triste (04) e em tudo quanto fazemos, após abandonar as nozes (05), particularmente quando nos assemelhamos a nossos censores, então, então... perdoai-me.

- "Não."

- Que fazer? Mas estou com o baço agitado e rio às gargalhadas.

Escrevemos enclausurados (06), aquele, em versos, este, livre da métrica, algo solene que um pulmão extremamente rico em fôlego há de exalar. Naturalmente, lendo estas coisas para o público, bem penteado, com uma toga nova, e, enfim, com a sardônica do aniversário (07), todo branco, sentado em uma cadeira alta, depois de teres umede^ucido a garganta ágil com fluida declamação afetada (08), com o olhinho inundado de gozo, lânguido, então poderás ver agitarem-se, de modo indecente e com a voz alterada, os Titos colossais (09), quando os poemas lhes penetram os genitais e o verso trêmulo lhes faz cócegas às partes íntimas (10). És tu, pobre velho, que colhes engodo para as orelhas alheias, pa

ra orelhas tais às quais <..... às quais> e, com a pele arruinada, tu dirás: "Basta!"?

- "Para que ter aprendido, se este fermento, se esta figueira brava, uma vez brotada dentro de nós, não sair, a não ser estourando-nos o fígado (11)?"

- Eis a palidez e a decrepitude! Ó costumes! Teu saber nada é, se outro não souber que tu sabes?

- "Mas é belo ser apontado com o dedo e ouvir dizer (12): "É ele." Estimarás em nada ter sido texto de ditado de cem jovens de cabelos crespos (13)?"

- De repente, entre os copos, os descendentes de Rômulo, fartos, querem saber o que dizem os poemas divinos; então alguém, com um manto da cor do jacinto aos ombros, tendo declamado algo rangoso, gaguejando pelo nariz, destila as Fílidias (14) e as Hipsipíladias (15), algo vazio e lamurioso, se muito, e, com o palato macio, estropia as palavras. Deram sua aprovação os varões: e agora não estarão felizes as ilustres cinzas do poeta? A pedra tumular não está agora mais leve sobre os seus ossos? Louvam-no os convivas: e agora daqueles manes, e agora do túmulo e cinzas felizes não nascerão violetas?

- "Tu te ris, diz alguém, e te comprazes demais em torcer o nariz (16). Haverá alguém que se recuse a desejar ser digno da boca do povo e, tendo composto coisas dignas do óleo de cedro (17), se recuse a deixar poemas que não tenham nem as cavalas nem o incenso (18)?"

- Quem quer que sejas tu, a quem fiz, há pouco, falar contra mim, se, quando escrevo, algum rasgo me sair por acaso mais feliz - quando

isto? É ave rara. -, mas, se algum rasgo me sair mais feliz, não temerei ser elogiado, pois não tenho fibra de chifre. Nego, contudo, que o teu "Muito bem!" e o teu "Lindo!" sejam não só o fim, como também o ápice da obra artística. Examina, pois, inteiramente este "Lindo!": que não conterà ele dentro? Não estará aqui a *Ilíada* de *Ácio*, *ébria* de *heléboro* (19)? Não estarão aqui as pequenas elegias que ditaram os nobres durante a digestão? Não estará aqui, em suma, tudo o que se escreve reclinado sobre os leitos de tuia (20)? Sabes servir uma teta bem quente de porca; sabes presentear um companheiro transido de frio com a tua capa já usada, dizendo-lhe: "Amo a verdade! Dize-me a verdade sobre mim (21)!" Como seria possível? Queres que eu diga? Tu gracejas, *ô careca*, já que a tua grande barriga forma uma proeminência de pé e meio. *Ô Jano*, a quem já mais cegonha alguma bicou pelas costas, nem mãos ágeis imitaram orelhas brancas nem línguas tão compridas como a de uma cadela sedenta da *Apúlia* (22). *Ô vós*, sangue patrício, que tendes o direito de viver com o *occipício* cego, surpreendei as caretas feitas por detrás!

Qual é a linguagem do povo?

- "Qual, pois, senão que hoje, finalmente, os poemas fluem em ritmo suave, de sorte que a junção deixa correr unhas exigentes por uma superfície lisa (23)? Sabe alinhar o verso como se tirasse um traço com um olho só. Seja preciso falar contra os costumes, contra o luxo, contra os banquetes dos reis, a *Musa* oferece idéias sublimes ao nosso poeta."

- Eis que, agora mesmo, ensinamos a elaborar pensamentos heróicos (24) a alunos habituados a dizer frivolidades em grego, incapazes de descrever um bosque sagrado e de celebrar o campo fértil (25), onde haja cestos, uma fogueira, porcos e as *Parílias* enfumaçadas pelo feno (26), de onde veio *Remo* e tu, *ô Quíntio* (27), que consumias o arado no sulco, quando, diante dos bois, a tua esposa pressurosa te vestiu co-

mo ditador e um litor levou os teus arados para casa.

- "Muito bem, poeta! Há hoje alguém a quem deleite o livro de veias saltadas do Ácio Briseu (28)? Há pessoas a quem atraia Pacúvio e a sua verrucosa Antíopa (29), que sustenta com desgostos seu coração dolente?"

- Ao veres pais de pouca visão infundir semelhantes lições nos filhos, perguntas de onde veio às línguas este falar de frigideira (30), de onde veio esta vergonha pela qual um janota imberbe (31) salta de alegria pelos bancos? Não envergonha não poder rechazar de uma cabeça encanecida os perigos, sem que desejes ouvir este morno: "Muito bem dito"? "És ladrão", diz-se a Pédio (32). E Pédio, que faz? Pesa as acusações em antíteses polidas, considerado que é por ter empregado figuras eruditas.

- "Isto é lindo!"

- Lindo isto? Acaso sacodes o traseiro, ó filho de Rômulo? E a mim, mover-me-á ele? E por que, se ele cantasse naufrago, estender-lhe-ia eu um asse? Cantas, quando te trazes ao ombro, pintado sobre um navio soçobrado (33)? Uma verdade que não tenha sido preparada à noite, é o que deverá chorar quem me queira ver curvado pelo queixume.

- "Mas aos versos rudes foi acrescentada beleza e articulação. Aprendi a fechar o verso assim: *Ātis Berecīntio* (34) e *O delfim que fendiz o azul Nereu* (35); ainda assim: *Aos imensos Apeninos roubamos um flanco* (36). *Arma uirum* não é, por acaso, alguma coisa grosseira e de casca espessa como uma velha ramagem ressequida por um sobreiro anormal?"

- Qual é, pois, a passagem delicada que se deva ler com a nuca relaxada?

- "*Encheram as trompas ferozes com ressonâncias bāquicas e a Bassārida, que carregará a cabeça decepada de um novilho soberbo, e a Mênade,*

que dirigirá o lince com a guirlanda de hera, repetem Evoê; ressoante lhes responde o eco."

- Aconteceriam estas coisas se vivesse em nós alguma veia do testículo paterno? Isto nada, sem forças, nos lábios à superfície da saliva, e a Mênade e Átis estão na água; não martelam o divã nem sabem a unhas roídas (37).

- "Mas qual é a necessidade de arrancar os ouvidos delicados com a verdade mordaz? Cuida de que os umbrais dos poderosos não se tornem por acaso frios para ti; rosna aqui, pelo nariz, a letra canina (38)."

- Por mim, na verdade, que todas as coisas sejam imediatamente brancas; não me importo. Bravo! todos, bem! todos, sereis coisas maravilhosas. Isto agrada.

- "Não permito, dizes, que alguém defeque aqui (39)."

- Pinta duas serpentes: "Meninos o lugar é sagrado, urinaí longe." Eu me afasto. Lucílio dilacerou a cidade, a ti, ô Lupo e a ti, ô Múcio (40), e neles quebrou um molar; o sagaz Flaco toca todo vício do amigo que ri e, admitido ao redor do coração, diverte-se, astuto em suspender o povo com o seu nariz esticado (41). Será crime para mim sussurar? Nem em segredo, nem em um buraco, em parte alguma? Aqui, portanto, enterrarei - eu vi, eu mesmo vi, ô livrinho -: "Orelhas de asno, quem não as tem (42)?" Este segredo, este meu rir, tão nada que sejam, não os vendo a ti por nenhuma Iliáda (43). Quem quer que sejas tu, que sentiste o bafejo do audaz Cratino, que empalideces sobre o furioso Eupólide e sobre o ilustre velho (44), considera também estas coisas, se ouves, por acaso, algo mais harmonioso; que fervam, então, para mim leitores com orelhas limpas; que não seja aquele que exulta em gracejar das sandálias gregas (45);

imundo, e que possa chamar a um zarolho de zarolho, e que, crendo-se alguém, arrebatado por uma magistratura itálica, quebrou, como edil em Arécio (46), heminas falsas (47), nem o velhaco que sabe zombar dos números no ábaco e dos cones desenhados na areia, pronto para divergir-se muito, se uma nonária (48) atrevi-da tira a barba de um cínico. Para estes, o edito pela manhã; após o almoço ofereco Calírroe (49).

NOTAS A SÁTIRA I

- 01- Como já se viu, registra a *Vita*, X, que Pêrsio se sentiu impelido a escrever sátiras, após ter lido o décimo livro das sátiras de Lucílio, cujo início imitou.
- 02- O emprego de *Polydamas* e *Troiades* é, sem dúvida, uma alusão aos versos de Homero (*Il.* XXII, 100 e 105) nos quais Heitor, tendo perdido a esperança, se nega a penetrar nas muralhas de Tróia, porque teme as injúrias do sábio Polidamante e a presença dos troianos e troianas; Polidamante tornou-se proverbial como censor implacável (cf. *Cic. Att.* II, 5, 1; VII, 1, 4; VIII, 16, 2).
- Com o nome *Polydamas*, Pêrsio certamente se refere a algum crítico do tempo ou, talvez, ao próprio interlocutor; com o irônico *Troiades*, ressalte-se o feminino, designa aos romanos, corrompidos e efeminados.
- 03- O que se sabe deste Labeão, foi-nos deixado pelo escoliasta de Pêrsio: chamava-se *Accius* ou *Attius Labeo* e foi o autor de uma detestável tradução da *Iliáda*; esta lição parece coadunar-se com o espírito do verso em que Pêrsio a ele se refere.
- 04- O uso do infinitivo como substantivo ("*et nostrum istud uiuere triste*", v. 9) é frequente em Pêrsio; pode ser visto também em I, 27, 122; III, 17, 18; IV, 17; V, 53 e VI, 38.
- Este caso, contudo, merece consideração especial, já que Pêrsio, segundo Dolç, opus cit., p. 75, parece ter sido o primeiro autor que atribui ao infinitivo um adjetivo qualificativo.
- 05- A oração adverbial *após abandonar as nozes* traduz apenas literalmente o latim *nucibus relictis*. Sabe-se que um dos jogos infantis romanos era o jogo de noz; *nuces relinquere* - abandonar as nozes - significava *renunciar aos jogos da infância* e, consequentemente, *não ser mais criança*.

- 06- Há, neste passo, alusão ao hábito de os romanos buscarem a solidão, a calma para escrever, conforme nos testemunha Horácio, *Ep.* II, 2, 77-78: "*Praeter cetera me Romaene poemata censes / Scribere posse inter tot curas totque labores?*" e *id.*, *ibid.*, 77-78: "*Scriptorum chorus omnis amat nemus et fugit urbem / rite cliens Bacchi somno gaudentis et umbra.*"
Scribimus inclusi pode, por outro lado, aludir aos gabinetes de estudo, comuns entre os romanos de posse.
- 07- É desnecessário atentar para a descrição irônica que Pérsio faz do *declamator*; vale, contudo, observar certos pormenores: um deles, *natalicia sardonix*, o anel de aniversário, foi, em particular, comentado e criticado também por outros autores. Quintiliano (*Instit. orat.* I, 27-28: "*Manus non impleatur anulis, praecipue medios articulos non transeuntibus.*") e Juvenal (I, 27-28: "...*uentilet aestium digitis sudantibus aurum / nec supore queat maioris pondere gemmae...*") mostraram a afetação, o pedantismo do uso dos anéis.
- 08- É também o que diz Quintiliano, embora em outros termos: "*Sit autem in primis lectio uirilis et cum suauitate quadam grauis ... non tamen in canticum dissoluta, nec plasmate, ut a nunc plerisque fit, effeminata.*" - *Instit. orat.* I, VIII, 2.
- 09- Segundo a lição de Ramorino, *opus cit.*, p. 11, o sintagma *ingentis Titos* refere-se aos nobres romanos, "pela frequência deste prenome nas famílias nobres".
- 10- Juvenal, VII, 82-90, igualmente mostrou o ridículo dessas leituras públicas:
"*Curritur ad uocem iucundam et carmen amicae*

*Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem
promisitque diem: tanta dulcedine captos
adficit ille animos tantaque libidine uolgi
auditur; sed cum fregit subsellia uersu,
esurit, intactam Paridi nisi uendit Agauen.
Ille et militiae multis largitur honorem.
Semenstri digitos uatum circumligat aurum.
Quod non dant procures, dabit histrio..."*

- 11- O fígado é tomado aqui como a sede das paixões; o emprego de *rupto iecore* corresponde ao emprego de *iecur* no verso de Horácio "*Non ancilla tuum iecur ulceret.*" - Ep. I, 18, 72.
- 12- Tornou-se impossível traduzir para o português a originalidade de Pêrsio nesta passagem; o latim a apresenta *dicier*, *ser dito*, um infinitivo passivo que enfatiza, com muita propriedade, o fato de o interlocutor do poeta ^{se}prender-se às opiniões alheias. Epícteto, *Conversações*, LX, parece espelhar, com muita fidelidade, o pensamento de Pêrsio neste passo: "*Meu amigo, por que andas empertigado como se houvesses engolido uma árvore? - Quero ser admirado por todos que passam e ouvir dizer à direita e à esquerda: eis um grande filósofo! - Quem são aqueles de quem queres atrair a admiração? Não são os mesmos que chamas de loucos? Queres, pois, ser admirado por loucos? Ah! grande louco!*"
- 13- O emprego de *cirratorum* funda-se provavelmente em dois fatos:
Os jovens das famílias nobres deixavam crescer e encaracolar os cabelos, ao começar a frequentar as aulas; Marcial chama-os de "*Cirrata caterua magistrí*" (IX, 30, 7).
A fala "*Ten cirratorum centum dictata fuisse*" procede do interlocutor de Pêrsio, o qual representa o poeta da moda; este poeta é, para Pêrsio, insensato, pois não é sábio. Sabe-se que os jovens que se dedicavam ao estudo do estoicismo raspavam os

cabelos ("*...insomnis quibus et detonsa iuuentus...*", Pérsio, III, 54; "*Rarus sermo illis magna libido tacendi / Atque supercilio breuior coma.*", Juvenal, II, 14-15). Pode, então, *cirratorum* representar forte e irônica oposição entre o aluno voltado para a sabedoria, *detonsa iuuentus*, e o voltado para a insensatez, o *cirratus*.

14- Fílide, filha de Licurgo, rei da Trácia, foi transformada em amendoeira, por causa do seu amor por Demofonte (cf. Ov., *Her.* II).

15- Hipsípila, filha de Troas, rei de Lemos, foi seduzida e abandonada por Jasão, de quem teve um filho. Suas desventuras, bem como as de Fílide, eram assunto constante dos poematos elegíacos de clamados à hora da ceia, segundo o que se pode depreender da ironia de Pérsio.

Para as desventuras de Hipsípila, ver Ov. *Her.* VI.

16- *Nimis uncis / Naribus indulges*, vv. 40-41, é, seguramente, a variante de alguma frase proverbial, do campo semântico de zombar, ridicularizar, moçar, cujo núcleo foi, sem dúvida, *nasum* ou *nares*; a exemplificação é vasta: além do próprio Pérsio ("*Callidus excusso populum suspendere naso.*", I, 118; "*Ingeminat tremulos naso crispante cachinnos.*" III, 87; "*sed ira cadat naso rugosaque san-na.*", V, 91), Horácio (*Sat.* I, 4, 8: "*emunctae naris, durus componere uersus.*", *id.* 3, 29-30: "*...minus aptus acutis / naribus horum hominem...*", *id.* 6, 5-6: "*...naso suspendis adunco / ignotos...*", *Sat.* II, 8, 64: "*...Balatro, suspendens omnis / naso.*" e, finalmente, *Ep.* I, 19, 45: "*...Ad haec ego naribus uti.*") e Marcial (I, 3, 41: "*Non cuicumque est habere nasum.*") serviram-se de expressões equivalentes, fato que, sem dúvida, mostra sua origem comum.

17- Era costume untar ou impregnar os manuscritos com

p/1465

resina ou óleo de cedro, para conservá-los por longo tempo; é o que nos atesta Vitruvius: "*Er caedro oleum, quod cedrinum dicunt, nascitur, quo reliquae res quum sunt unctae, ut etiam libri, a tineis et a corie non laeduntur.*" - de Archit. II, 9, 13.

- 18- Comparando o verso 43 de Pêrsio ("*Linquere nec scombros metuentia carmina nec tus?*") com os versos 7 e 8 do poema LCV de Catulo ("*At Volusi Paduam morientur ad ipsam / Et laxas scombris saepe dabunt tunicas.*") e com os versos 269 e 270 da primeira sátira do segundo livro de Horácio ("*deferar in uicum uendentem tus et odores / et piper et quicquid chartis amicitur ineptis.*") podemos perceber que se emburalhavam mercadorias diversas, peixes, incenso, pimenta, com as *chartae* em que se escreveram obras literárias sem valor; é a isto que se refere Pêrsio, ou melhor, seu interlocutor, com a oração "*Linquere nec scombros metuentia carmina nec tus?*".

- 19- Menciona-se nesse passo a *Iliáda* de Ácio, a quem Pêrsio já se referiu no verso 4. Diz Pêrsio, ironicamente, que a *Iliáda* está impregnada de helêboro, já que, segundo Ramorino, opus cit., p. 16, "os antigos, para excitar o engenho, tomavam emulsão de helêboro, especialmente do negro... porque o helêboro negro, mais forte que o outro, era tido como originário da monte Helicão, o monte da poesia."

- 20- Sabe-se que os romanos compunham e escreviam semideitados; supõe-se que, para os ricos, fossem os leitos de madeira nobre, como a da tuia.

- 21- Parecendo, à primeira vista, ter-se inspirado em Horácio (Ep. I, 19, 37-38: "*Non ego uentosa plebis suffragia uenor / inpensis cenarum et tritae numere uestis.*"), Pêrsio retrata, com mais ironia e realismo, a hipocrisia dos louvores e aplausos dos convivas.

Marcial (II, 27: "*Laudantem Selium cenae cum retia* .

tendit / accipe, siue legas siue patronus agas: /
'Effecte! grauiter! cito! nequiter! euge! beate! /
'Hoc uolui! Facta est tibi cena, tace!'" e Petrônio (X: "'Quid ego, homo stultissime, facere debui, cum fame morerer? An uidelicet audirem sententias, id est uitrea fracta et somniorum interpretamenta? Multo me turpior es tu hercule, qui ut foris cenares, poetam laudasti...'") denunciaram, também, o aplauso e louvor dos convivas, salientando seu aspecto interesseiro.

22- *Jano* foi uma das divindades mais antigas de Roma; sua iconografia apresenta-o com dois rostos, um na parte posterior, outro na parte anterior da cabeça. Com isso, podia ver, simultaneamente, à sua frente e às suas costas. Baseando-se nessa singularidade, Pérsio afirma que era impossível ridicularizar a *Jano* com zombarias traiçoeiras; o bico da cegonha, as orelhas brancas e as línguas compridas exemplificam as troças que se faziam com as mãos por detrás das pessoas, sem que pudessem vê-las ou percebê-las.

23- A metáfora "*ut per leue seueros / Effundat iunctura unguis*", vv. 64-65, apóia-se, sem dúvida, no ofício dos *marmorarii* que, para verem se duas pedras estavam bem unidas, passavam sobre elas o dorso das unhas.

24- Como complemento de *adferre*, Pérsio emprega dois substantivos, *heroas sensus*, exercendo o primeiro deles função de adjetivo.

Fato semelhante ocorre em VI, 5, no sintagma *iuuenes iocos*, complemento de *agitare*.

25- Neste passo, Pérsio enumera temas escolares, objetos do ensino da retórica, tais como a *descriptio locorum* (*ponere lucum*) e a *laudatio* (*rus saturum laudare*).

26- *Parília* ou *Palília* eram festas dedicadas a Pa-

les, comemoradas no dia 21 de abril. Abriam-se as festividades com uma grande cerimônia de purificação, em que se empregava sangue de cavalo, de bezerro natimorto e caules de favas secas. Aspergia-se com água lustral às ovelhas que eram, depois, submetidas em seus estábulos a fumigações com enxofre. Oferecia-se à deusa leite e bolos de milho; implorava-se pelo rebanho, pelos pastores e pelos cães. Faziam-se, finalmente, fogueiras com palha ou feno, pelas quais se pulava por três vezes, em um ritual de purificação.

- 27- Apostrofando diretamente a Quíntio Cincinato, tendo antes aludido a Remo, o poeta pretende rememorar as origens do povo romano, a sua felicidade rústica.

Embora possa parecer haver falta de elemento de ligação entre esses versos, o nexu lógico não pertence ao corpo do texto: Roma foi fundada no dia 21 de abril, dia dedicado a Pales, e Quíntio recebeu a notícia de haver sido feito ditador en quanto estava no campo.

- 28- Lucius Attius ou Accius, um dos mais antigos tragediôgrafos latinos. Nasceu provavelmente em 170 a.C., tendo morrido em 94 a.C.
- 29- Marcus Pacuvius, sobrinho de Enio, foi um dos primeiros tragediôgrafos latinos; *Antíopa* é o título de uma tragédia sua, da qual restam apenas fragmentos, num total de vinte versos; sabe-se que foi baseada em peça homônima de Eurípedes.
- 30- O sintagma *sartago loquendi* é de difícil tradução; literalmente, teríamos *frigideira de falar*; a tradução *este falar de frigideira* não verte para o português o verdadeiro sentido da expressão, a qual, possivelmente, é uma onomatopéia, baseada no som produzido pelo óleo ao ferver na frigideira, para indicar frases empoladas, altissonantes.

- 31- O sintagma português *um janota imberbe* traduz o latim *Trossulus*, forma derivada de *Trossuli*, epíteto dado aos cavaleiros romanos que, sem o auxílio da infantaria, tomaram de assalto, provavelmente em 308 a.C., a cidade de *Trossulum*. Segundo Dolç, opus cit., p. 99, o vocábulo adquiriu, já na época de Varrão, sentido pejorativo.
- 32- Não se sabe com certeza quem tenha sido este Pédio; pelo contexto em que o nome foi empregado, pode-se deduzir que tenha sido algum célebre ladrão. Tácito, *Ann.* VI, V, 18, trata de um tal *Pedius Blesus*, que perdeu a senatoria, acusado de ter violado o tesouro de Esculápio, fato ocorrido em 59 d.C.
- 33- Para melhor poder excitar a piedade e lucrar com a mendicância, ou então, apenas como *ex-uo-to*, os náufragos levavam preso ao pescoço um quadro em que se pintaram as cenas do seu naufrágio.
Horácio (*Art. poet.* 20-21: "...*quid hoc si, fractis emanat exspes / nauibus, aere dato qui pingitur.*") e Juvenal (*XIV*, 301-302: "*mersa rare naufragus assem / dum rogat et picta se tempestate tuetur.*") também aludiram a esse costume.
- 34- Nos versos 92-95, Pérsio alude a fragmentos da poesia da moda, considerando a sua estrutura. *Ātis Berecīntio* traduz literalmente o latim *Berecynthius Attis* que, como afirmam Ramorino, opus cit., p. 23, e Dolç, opus cit., p. 102, é um final de hexâmetro, semelhante ao final *Cybeleius Attis* de Ovídio, *Met.* X, 105.
- 35- O verso 94 ("*...qui caeruleum dirimebat Nerea delphin*") é, segundo Dolç, opus cit., p. 102, um datílico de cunho clássico, extraído, talvez, de um poema que aludia ao delfim que salvou o po

eta Aríon, levando-o à praia.

36- O verso 94 ("*...costam longo subduximus Appennino*") é considerado por Dolç, opus cit., p. 102, extravagante e ininteligível.

Segundo Ramorino, opus cit., p. 23, há três interpretações possíveis para o verso: poderia aludir a Haníbal, à separação da Sicília do Continente e à extração do mármore de Carrara.

Um escoliasta de Pêrsio afirmou que o verso se referia à eliminação de uma sílaba no final do hexâmetro, para que se tivesse um final quadrissílabo, como sucede em *Appennino* (apud Ramorino, locus cit., e Dolç, locus cit.).

37- Criticando o estilo de Lucílio, disse Horácio:

"...sed ille,
si foret hoc nostrum fato delapsum in aeuum,
deteret sibi multa, recideret omne quod ultra
perfectum traheretur, et in uersu faciendo
saepe caput scaberet, uiuos et roderet unguis."
(Sat. I, 10, 67-71).

A oração de Horácio, *uiuos et roderet unguis*, indica que a atividade literária praticada conscientemente exige, segundo ele, dedicação, esforço, a ponto de o autor *rodere uiuos unguis*.

A expressão de Pêrsio, *nec demorsos sapit unguis*, imitada, sem dúvida, de Horácio, é a afirmação inequívoca de que a obra literária, a que se refere, não foi composta conscientemente, não possuindo, pois, o valor que se lhe pretende atribuir. A oração "*nec pluteum cadit*" indica a falta de dedicação no trabalho poético, já que revela a inexistência de um sinal típico do esforço do poeta: martelar, por impaciência, o divã, onde compunha.

38- A *litera canina*, vv. 109-110, construção de grande carga irônica, representa uma ameaça velada, talvez com o mesmo valor de *caue canem*, que dirige a Pêrsio o seu interlocutor.

A *canina litera* - *littera*, nas edições de Perreau, Ramorino e Dolç - é interpretada como sendo a letra R que se pode imaginar no grunhir do cão enraivecido, que o interlocutor finge ouvir rosar contra Pêrsio.

39- Os locais atingidos pelos raios e os sepulcros eram considerados sagrados. Para evitar que, nelas, alguém satisfizesse as suas necessidades físicas, era costume pintar duas serpentes, gênios do lugar, com uma inscrição ("*Pueri, sacer est locus, extra / Meite.*" - vv. 113-114), que alertasse os incautos.

40- Ao citar Lupo e Múcio, duas personalidades causticamente censuradas por Lucílio, procura Pêrsio justificar as suas sátiras, apoiando-se em Lucílio, como também fará mais adiante com Horácio. A respeito de Lupo, disse Lucílio no livro I das suas sátiras:

"*Quae facies, qui uultus uiro?*" (27)

"*Vultus item ut facies, mors cetera, morbus uenum.*" (28)

"*Serpere ut grangaena malo atque hirpestica posset.*" (29)

"*Porro quaecumque et quicumque, ut diximus ante obstiterit, primo hoc minuendi refert res.*" (31)

"*At multos mensesque diesque non tamen aetatem, tempestatem hanc sceleron mirentur.*" (32)

"*Occidunt, Lupe, saperdae te et cura siluri.*" (33)

Em poucos versos, no segundo livro, disse Lucílio de Múcio:

"*Homo impuratus, et inpuno est rapinator.*" (3)

"*...uix uiuo homini ac monogrammo.*" (7)

41- A expressão *excusso populum suspendere naso* é equivalente a *nimis uncis naribus indulges* (v. 41), de que já se tratou na nota 16 desta sátira.

42- Segundo a *Vita*, X, o verso 121 ("*Auriculas asini quis non habet?*") teria sido um substituto encontrado por Cornuto, para que Nero não se sentisse atingido pelo verso primitivo ("*Auriculas asini Mida rex habet.*"). Há, neste verso, uma alusão à lenda do rei Midas, o qual, por admirar a Pã, discordou da sentença proferida por Tmolo acerca da supremacia da flauta ou da lira, tachando-a de injusta. O deus de Delos não admitiu que Midas tivesse orelhas de homem, transformando-as em orelhas de asno.

Midas escondia-as com uma tiara; mas foram percebidas por um escravo que, incapaz de calar-se, cavou um buraco, confiou-lhe o segredo e cobriu-o de terra; da cova nasceram canas que, chegando à maturidade, revelaram o segredo ao ser agitadas pelo vento (cf. *Ov. Met.* XI, 146-193).

A alusão a esta lenda justifica o emprego do sintagma adverbial *cum scrobe*, v. 119, e da oração "*Hic tamen infodiam*", v. 120.

43- A *Ilíada*, a que Pêrsio se refere de modo depreciativo, não é a de Homero, mas sim a tradução empreendida por Accius Labeo, de quem já se tratou na nota 3 desta sátira.

44- Nesta passagem, Pêrsio alude aos três grandes nomes da antiga comédia grega, Cratino, Eupólide e Aristófanes. O primeiro é caracterizado pelo adjetivo *audax* porque, segundo Dolç, opus cit., p. 110, dirigiu sua sátira até contra Péricles; o segundo, por sua indignação satírica, é caracterizado por *iratus*, segundo Ramorino, opus cit., p. 28; finalmente, Aristófanes é denominado perifrasticamente *praegrandis senex*, segundo Dolç, locus cit., por sua longevidade e não por sua antiguidade; para Ramorino, locus cit., justifica-se a perífrase pela antiguidade de Aristófanes e não por sua longevidade pessoal.

Com estes três grandes autores, Pêrsio procura autorizar as suas sâtiiras do mesmo modo que fizera Horácio em *Sat.* I, 4, 1-5:

"*Eupolis at Cratinus Aristophanesque poetae
atque alii, quorum comoedia prisca uirorum est,
siquis erat dignus describi, quod malus ac fur,
quod moechus foret aut sicarius aut alioqui
famosus, multa cum libertate notabant.*"

- 45- Com a metonímia *crepidae Graiorum*, critica Pêrsio os que se punham contra a civilização e cultura gregas, representadas pelas *crepidae*.
- 46- Arécio (Arezzo) foi uma pequena cidade da Etrúria; a partir do contexto ("*Seque aliquem credens, Italo quod honore supinus / Fregerit heminas Arreti aedilis iniquas*" - vv. 129-130), pode-se afirmar que Pêrsio sugere que ser edil em Arécio equivale a ser um magistrado de ínfima importância.
- 47- A *hemina* era uma medida de capacidade para os sólidos, equivalendo a meio *sextarius*, cerca de 0,27 l.
- 48- As *nonariae*, as prostitutas, eram assim denominadas, porque podiam sair às ruas apenas à nona hora, isto é, por volta das quinze horas.
- 49- O último verso da sâtiira ("*His mane edictum, post prandia Callirhoen do.*") é de difícil interpretação.

Segundo Perreau, opus cit., p. 54, Ramorino, opus cit., p. 29, e Dolç, opus cit., p. 113-114, os comentadores dividem-se em três correntes:

Para a primeira, *edictum* menciona o pretor, cujo edito simboliza a vida ociosa e ávida de emoções malsãs dos foros e tribunais; *Callirhoe* é o título de um poemeto da moda, recitado após o almoço, à hora da sobremesa.

A segunda corrente entende que *Callirhoe* seja o título de alguma comédia e o *edictum*, o cartaz que anuncia a função; desta forma, os folgazões passa-

riam a manhã comentando o anúncio da peça, frequentando o teatro à tarde.

Finalmente, para a terceira corrente, *Callirhoe* é o epônimo de qualquer meretriz e o *edictum* o do pretor.

S Ā T I R A I I
TRADUÇÃO

Marca, Macrino (01), este dia com a pequena pedra favorável que, branca (02), te acrescentará os anos que fogem; derrama vinho ao teu Gênio (03). Não pedes, com uma prece mercadejante, o que não poderias confiar aos deuses, senão à parte. Mas boa parte dos próceres oferecerá incenso, tirando-o da caixinha, em silêncio; não está ao alcance de quem quer que seja banir dos templos não só os murmúrios, como também os sussurros incompreensíveis e viver sob uma promessa de conhecimento público. "Sabedoria, fama, honra", isto claramente e de tal modo que um estrangeiro ouça; murmura, contudo, para dentro de si mesmo e sob a língua: "Oh! se morre meu tio, que funeral pomposo teria!" e "Oh! se me tinisse, pelo Hércules propício, uma jarra de prata sob a enxada!" ou então "Possa eu riscar o pupilo, a quem, como herdeiro mais próximo, afasto, pois já está sarmento e incha com ~~a~~ bÍlis ácida. Nério (04) já sepulta sua terceira esposa (05)". Para que peças piedosamente estas coisas, mergulhas pela manhã duas ou três vezes a cabeça nas águas do Tibre e purificas a noite com o rio (06). Vamos, responde - é muito pouco o que me esforço por saber -: Que sentes de Júpiter? É fato que procuras preferi-lo a...

- "A quem?"

A quem? A Estaio (07), assim o queres? Hesitas, por acaso? Quem é melhor juiz ou quem é mais conveniente aos meninos órfãos? Pois bem! Vamos! dize a Estaio que é com isto que procuras aliciar a orelha de Júpiter: "Oh! Júpiter! Ó bom Júpiter!", clamará ele. Mas o próprio Júpiter não chamará por si mesmo? Julgas que ele te perdoou porque, quando troveja, uma azinheira é despedaçada mais rapidamente pela faísca sagrada do que tu e a tua casa? Porque, a mando das vísceras das ovelhas e de Ergena (08), não jazes nos bosques como um sinistro e vitando bidental (09), por isso Júpiter te permite estupidamente arrancar-lhe a barba (10)? Qual é o preço com que compras as orelhas

dos deuses? Um pulmão e intestinos gordurentos?

Eis que uma avó ou tia materna, temendo o deus, retira a criança do berço; com o dedo infame (11) e a saliva lustral purifica antes a sua fronte e os seus labiozinhos umedecidos, experiente em esconjurar os olhos que queimam (12); sacode, então, em suas mãos a magra esperança (13) e, com voto suplicante, envia-a ora para os campos de Licínio, ora para os palácios de Crasso (14): "Que o rei e a rainha o queiram por genro! Que as moças o raptem! Que tudo quanto ele pisar, se transforme em rosa!" Eu, porém, não delego os meus votos a uma ama; nega-lhe isto, ó Júpiter, embora ela te peça vestida de branco (15).

Suplicas força para os músculos e um corpo seguro para a velhice. Assim seja! ânimo! Mas os grandes pratos e as carnes gordas impediram os deuses de atender-te e detêm Júpiter. Queres acumular riquezas e, com suas entranhas, fazes vir Mercúrio: "Concede que prosperem meus penates, dá gado e bezerro para meus rebanhos." De que modo, ó tolo, queres tanto para ti, quando se derretem nas chamas as entranhas das novilhas (16)? E este, contudo, esforça-se por vencer com as entranhas e um bolo esplêndido: "Já o meu campo aumenta; já cresce o meu rebanho, já me será concedido, já, já...", até que, desiludido e sem esperanças, suspirará em vão por uma moeda no fundo da sua bolsa.

Se eu te trouxer taças de prata e presentes com incrustações em ouro maciço, tu transpirarás e do lado esquerdo do peito, excitado pela alegria, teu coração fará verter gotas. Daqui é que te veio à mente revestir as figuras sagradas com o ouro da ovação (17): "Pois, entre os irmãos de bronze (18), os que propiciam sonhos o mais desprovidos de pituita sejam os primeiros e que tenham barba de ouro." O ouro quebrou os vasos de Numa (19) e os bronzes de Saturno (20) e substitui as urnas vestais e a argila tocana (21). Ó almas curvadas sobre a terra e vazias das coi-

sas celestes, de que adianta levar nossos costumes aos templos e bens para os deuses, segundo esta nossa carne criminosa? Foi ela que dissolveu para si a caneleira com o óleo estragado, que cozeu a lã da Calábria com o mûrice que já apodrecia; foi ela que mandou raspar a pérola da concha e extrair da terra crua as veias da massa fervente. Ela peca, ela também, ela peca, aproveitando-se da sua própria corrupção (22); mas - ó pontífices, dizei-me vós - que faz o ouro na religião? Certamente o mesmo que fazem a Vênus as bonecas oferecidas por uma virgem (23). Não ofertamos aos deuses o que não poderia ofertar-lhes em um grande prato a geração remelenta do grande Messala (24): os direitos humano e divino, bem dispostos na alma, os pensamentos puros e um coração impregnado da magnânima virtude. Concedei-me que leve estas coisas aos templos e, com trigo, sacrificarei aos deuses.

NOTAS A SÁTIRA II

- 01- Historicamente, sabe-se muito pouco a respeito de Macrino; segundo seu escoliasta, Pêrsio "*dirige-se a Plotius Macrinus, homem muito instruído, a quem amava ternamente; estudaram juntos com Seruilius Nonianus*", apud Perreau, opus cit., p. 68.
- 02- Para gregos e romanos, a cor branca representava a felicidade, enquanto a cor negra, a infelicidade. Segundo Plínio, *Hist. natur.* VII, 131, foi dos trácios que gregos e romanos importaram o costume de marcar os dias felizes com pedras brancas e os de dor, com pedras negras. Villeneuve, comentando o verso 246 da terceira sátiira do segundo livro de Horácio, explica que a imagem do giz (branco) e a do carvão (negro) foram sugeridas pelo costume grego de indicar as sentenças judiciárias por uma pedra, branca para a absolvição e negra para a condenação; é certamente a este costume grego que se refere Ovídio quando diz que "*Mos erat antiquus niueis atrisque lapillis / His damnare reos, illis absolvere culpa.*" - *Met.* XV, 41-42.
- 03- Na celebração do dia natalício, oferecia-se vinho, perfume e flores ao Gênio, entidade tutelar ligada a cada indivíduo, a quem visitava nesse dia (cf. Tibulo, I, 7; Horácio, *Od.* III, 17, 14ss, e *Ep.* II, 2, 187).
- 04- É comum Pêrsio servir-se de nomes ou pseudônimos empregados por Horácio, como ocorre em III, 65 (*Crátero*), VI, 37 (*Béstio*) e, neste caso, com *Nério*, que Horácio havia utilizado para designar um usurário (cf. Perreau, opus cit., p. 72; Ramorino, opus cit., p. 32, e Dolç, opus cit., p. 120).
- 05- Parece que o avaro, que apresenta aqui seus desejos pouco nobres, inveja a sorte de Nério que já amealhou o dote da terceira esposa. Nestes desejos murmurados sob a língua, parece Pêrsio imitar o espírito dos versos de Horácio:
- "'Iane pater!' clare, clare, cum dixit: 'Apollo!'"

*labra mouet, metuens audiri: 'Pulchra Lauerna
da mihi fallere, da iusto sanctoque uideri,
noctens peccatis et fraudibus obice nubem.'*
(Ep. I, 16, 59-62)

*"O si urnam argenti fors quae mihi monstret ut illi
thesauro inuento qui mercennarius agrum
illum ipsum mercatus arauit, dius amico
Hercule..."*
(Sat. II, 6, 10-13).

*"Sicui praeterea ualidus male filius in re
praeclara sublatus aletur, ne manifestum
caelibis absequeum midet te, leuiter in spem
adrepe, officiosus, ut scribare secundus
heres et, siquis casus puerum egerit Orco
in uacuom uenas..."*
(Sat. II, 5, 45-50)

- 06- Pérsio alude ao costume das abluções que faziam pela manhã no rio os que houvessem praticado algo dissoluto à noite, máxime se quisessem subir aos altares (cf. Horácio, Sat. II, 3, 290-292: "...illo / mane die quo tu indices ieiunia, nudus / in Tiberi stabit."; Juvenal, VI, 523-523: "ter matutino Tiberi mergetur et ipsis / uesticibus tímídum caput abluet.").

Nox indica todos os λύματα noturnos, tanto de Vênus como dos sonhos, já que os próprios sonhos eram considerados como mancha, como se pode depreender da leitura da nota de Sêrvio ao verso 69 do canto VIII da Eneida ("*Nox dicitur etiam solo somnos polluere.*"), apud Dolç, opus cit., p. 121.

- 07- Segundo a cáustica ironia de Pérsio, este Estaio parece ter sido um juiz prevaricador, famoso por suas iniquidades contra a orfandade. Baseando-se no que deixou o escoliasta de Pérsio, Ramorino, opus cit., p. 33, diz tratar-se de um certo *C. Aelius Staienus* que, por volta do ano 30 a.C., "recebeu uma grande soma para defender a causa de um pupilo que depois

abandonou."

- 08- *Ergenna*, como *Porsenna*, *Perpenna*, *Sisenna*, é um nome de origem etrusca, certamente empregado para designar algum célebre harúspice a respeito do qual não há referências históricas.
- 09- O *bidental* era um pequeno monumento consagrado, após a queda de um raio, com o sacrifício de uma ovelha de dois anos, *bidens*; após a consagração, o local não poderia ser tocado por nenhum pé profano, daí Pêrsio denominá-lo *euitandum*. Segundo a tradição, as pessoas mortas pelo raio eram sepultadas no próprio local do sinistro, no *bidental*. Em Pêrsio, por metonímia o próprio cadáver, sepultado *lucis*, é chamado *bidental*.
- 10- É sabido que, para romanos e gregos, a barba foi o símbolo não só da gravidade filosófica (fato que o próprio Pêrsio testemunha em, I, 133: "*Si cynico barba...*" e em III, 1-2: "*...barbatum haec crede magistrum / dicere...*"), como também da sacerdotal.
- Em virtude talvez da associação barba/gravidade filosófica e religiosa, criou-se a expressão proverbial *barbam uellere*; literalmente *barbam uellere* significa *arrancar a barba*, o símbolo da gravidade, com a consequente idéia de *ofender, desprezar, insultar*; é o que se vê em Pêrsio (I, 133: "*Si cynico barbam petulans nonaria uellat.*" e II, 28-29: "*...Idcirco stolidam praebet tibi uellere barbam / Iuppiter.*") e em Horácio (*Sat.* I, 3, 133-134: "*...Vellunt tibi barbam / lasciui pueri...*").
- Há, por outro lado, expressão idiomática, oposta nos termos a *uellere barbam*, pertencente ao campo semântico de *vangloriar-se, ser como um deus: barbam auream habere*; é o que aparece, irônica e figurativamente, em Petrônio, LVIII, 6: "*...licet auream barbam habeas.*", e em Pêr-

sio, II, 58: "...sitque illis aurea barba.", em termos irônicos, embora denotativos.

- 11- Parece que os romanos atribuíam a cada um dos dedos um nome especial.

Segundo Perreau, opus cit., p. 74, que arrola os nomes *auricularius*, *annularius*, *infamis*, *index* e *pollex*, fundava-se essa atribuição nos usos mais frequentes que deles se faziam.

Para Dolç, opus cit., p. 125, que apresenta os nomes *pollex*, *salutaris*, *infamis*, *medicinalis* e *ultimus*, o *infamis digitus*, também denominado *impudicus* por Marcial, VI, 70, 5, além de ser símbolo fálico e sinal de ofensa, possuía poderes mágicos (cf. Plínio, *H. N.* XVIII, 39).

- 12- A expressão *urentis oculos* é uma perífrase de grande poder sugestivo, para designar o mau olhar.

- 13- cf. p.72 deste trabalho.

- 14- Os nomes de *C. Licinius Stolo* e de *Crassus* ligam-se, por metonímia, à riqueza e à opulência. Pérsio, contudo, serve-se deles para mostrar a ignorância da avó ou da tia materna, que faz o voto, já que tanto *Licinius* como *Crassus* inescrupulosamente acumularam riquezas.

Tito-Lívio, VII, 16, diz de Licínio: "*Eodem anno C. Licinius Stolo a M. Popillio Laenate sua lege decem millibus aeris est damnatus, quod milli iugerum agrum cum filio possideret, emancipandoque filium fraudem legi fecisset.*"

Plutarco considerava que a avareza fosse o maior vício de Crasso (*As Vidas dos Homens Ilustres*. S. P., Ed. Américas, 1962, v. V, p. 215.).

- 15- Pérsio critica a opinião de que a cor branca era sobremaneira agradável aos deuses ("*Color albus praecipue carus deo est.*" - Cícero, *de Leg.* II).

16- Nos sacrifícios, queimavam-se em honra às divindades os *exta*, as entranhas, os pulmões, enfim a pior parte das vítimas. Além de condenar a hipocrisia de tais oferendas, Pérsio mostra o absurdo de se pretender que o rebanho cresça, matando-se, pouco a pouco, as novilhas, matrizes do rebanho.

17- A *ouatio* era a homenagem prestada ao general victorioso que não havia satisfeito as condições exigidas para o triunfo.

Na *ouatio* o general desfilava solenemente por Roma, a pé ou a cavalo, dirigindo-se ao Capitólio para proceder a um sacrifício; o *aurum ouatum*, o ouro da ovação, é o tomado do inimigo, com o qual se folhavam as estátuas dos deuses, especialmente os seus rostos.

18- O sintagma *Fratres aeni* constitui uma perífrase de difícil interpretação.

Segundo o escoliasta de Pérsio, mencionam-se com ela as estátuas dos filhos de Egito que, com as das Dânaides, se encontravam no pórtico de Apolo Palatino; acrescenta o próprio escoliasta que a expressão pode designar apenas as estátuas de *Castor* e *Pollux* - apud Ramorino, opus cit., p. 38-39.

Perreau, opus cit., p. 76-77, considera que a perífrase admite várias interpretações, podendo designar todos os deuses filhos de Cíbele,

a *Castor* e *Pollux*, aos filhos de Apolo no templo de Esculápio e aos deuses penates de cada família. Julga, porém, mais provável a lição do escoliasta.

Ramorino, opus cit., p. 38-39, entende que *Fratres aeni* mencione os deuses em geral, esclarecendo que alguns deles são responsáveis pelos melhores sonhos ("*somnia purgatissima pituita*"), livres de catarro, já que a *pituita* era tida co-

mo sintoma de perturbações das funções regulares do organismo.

Dolç, opus cit., p. 132-133, julga satisfatória a interpretação que vê em *Fratres aeni* os deuses em geral, afirmando que Pêrsio estaria investindo contra a superstição de honrar mais a uns deuses que a outros.

19- *Numa Pompilius* foi o segundo rei de Roma, de 715 a 672 a.C.; os *Numae uasa* eram de terra e usados nas cerimônias religiosas mais antigas.

20- Segundo Casoubon (apud Perreau, opus cit., p. 77), com o sintagma *Saturnia aera* Pêrsio designa as antigas moedas romanas que eram feitas de bronze; sabe-se que as primeiras moedas de prata apareceram somente em 269 a.C.; as de ouro foram cunhadas regularmente apenas no Império.

Discordando da lição de Casoubon, Perreau (locus cit.) declara que Pêrsio aludiu aos objetos de bronze que se utilizavam no culto antigo, os quais foram substituídos por objetos de ouro. Em boram admitam a possibilidade de o sintagma ser uma perífrase para indicar as moedas antigas, Ramorino, opus cit., p. 39, e Dolç, opus cit., p. 133, concordam com Perreau, vendo em *Saturnia aera* alusão aos objetos do antigo culto.

21- A argila etrusca, *Tuscum fictile*, era tradicionalmente empregada nas estátuas e vasos, principalmente nos destinados ao culto; gradativamente, porém, foi substituída pelo mármore, bronze e, por fim, pelo ouro.

22- Com a oração "*uitio tamen utitur*", v. 68, Pêrsio sintetiza, melancolicamente, a enumeração dos elementos com que o homem se corrompeu. Segundo o poeta, o homem projeta nas divindades as suas próprias ambições e frivolidades, tais como o perfume ("*...sibi corrupto casiam dissoluit oliuo.*" v. 64), a púrpura ("*...Calabrum coxit uitiato murice*

uellus.", v. 65), as pérolas ("...*bacam conchae rasisse...*", v. 65) e, finalmente, os metais, particularmente o ouro ("*et stringere uenas / feruentis massae crudo de puluere...*", vv. 66-67).

- 23- Ao mudar de condição de vida, costumavam os romanos dedicar a alguma divindade objetos característicos da condição que abandonavam; assim, as moças, ao alcançar a puberdade ou ao casar-se, dedicavam as suas bonecas a Vênus.
- 24- Ramorino, opus cit., p. 41, e Dolç, opus cit., p. 137, entendem que Pêrsio tenha aludido, com o sintagma *magni Messallae lippa propago*, a L. Aurélio Cota Messalino, célebre orador e filho do principal e mais nobre membro da família Messalina, Valério Corvino Messala; segundo Perreau, opus cit., p. 80, as virtudes da família, berço de grandes políticos, oradores e guerreiros, foram dando lugar ao vício, passando o nome Messala a sinônimo de corrupção, devassidão. Segundo Plínio, *H. N.*, X, 27, Cota Messalino equiparava-se em libertinagem aos piores indivíduos.
- Juvenal, VI, 114-131, com muita causticidade, refere-se a Messalina, símbolo da devassidão em que havia incidido a família Messala.

S Ā T I R A I I I

TRADUÇÃO

- "Será sempre a mesma coisa? Já a clara manhã entra pelas janelas e estende com a sua luz as fendas estreitas (01); roncamos o suficiente para lançar fora as espumas do indomável falerno (02), enquanto a sombra é alcançada pela quinta linha (03). Vamos! que fazes? Furiosa canícula já há muito tempo cozinha as searas secas e todo o rebanho está sob o frondoso olmo." Fala um dos companheiros (04).

- "É verdade? É assim? Que venha para cá alguém, rapidamente. Ninguém? Intumesce-me a vítrea bília (05). Arrebento-me para..."

Para que se creia berrarem os rebanhos da Arcádia. Já o livro e o pergaminho bicolor com os pelos raspados (06) e as folhas de papiro e a cana nodosa vêm às mãos; perguntamos, então, por que um líquido espesso pende do cálamo; mas, misturada à água, esvaneceu-se a tinga negra; perguntamos por que a fístula duplica as gotas diluídas (07). Ó infeliz e a cada dia mais infeliz, foi para isso que viemos à terra? Ou por que semelhante ao pombo tenro e aos meninos dos reis (08), não pedes, antes, uma comidinha delicada e, irado, não recusas o lalá da mamãe?

- "Acaso poderei estudar com tal cálamo?"

Que respondes com estes subterfúgios? És tu quem está em jogo. Ó demente, tu te perderás: quando tocado, soa defeituosamente e responde fracamente o vaso não cozido, com o barro ainda cru. És argila úmida e mole (09); agora, agora mesmo, debes apressar-te e modelar-te ininterruptamente em uma roda severa. Mas, no campo do teu pai, há para ti um pouco de trigo e um saleiro puro e sem defeito (10) - que temes? - e o culto do lar é assegurado por um pequeno prato. Isso é o suficiente. Acaso convém estourar o pulmão, porque conduzes o milésimo ramo de uma árvore genealógica toscana (11) ou porque, vestindo a trabea (12), saúdas, a cavalo, o teu censor? Ao povo, os enfeites! Eu te co-

nhogo por dentro e por fora: não envergonha viver segundo o costume do dissoluto Nata (13). Mas este entorpeceu-se pelo vício e desenvolveu-se, em suas fibras, abundante camada de gordura. Ele carece de culpa, não sabe o que perde e, tendo mergulhado nas profundezas, não borbulhará novamente na onda mais alta. Ó grande pai dos deuses, não queiras castigar de outro modo os tiranos cruéis, quando, impregnada de ardente veneno, a funesta paixão tiver tocado o seu instinto: que vejam a virtude e definhem por tê-la abandonado (14)! Os bronzes do touro da Sicília (15) geminam mais e a espada, que pendia dos tetos dourados (16), amedrontou mais as cabeças engalanadas de púrpura do que o infeliz que dissesse a si mesmo "Vamos! Vamos! Precipitemo-nos!" e empalidecesse por alguma coisa que sua esposa, que está ao lado, desconhecesse?

Quando era pequeno, frequentemente - lembro-me disso - friccionava os olhos com azeite (17), se não queria dizer a Catão (18), que estava para morrer, as palavras grandiloquentes que haveriam de ser muito louvadas por um mestre demente e ouvidas por meu pai, suando, acompanhado de amigos. E, com razão (19), pois estava em meu voto saber o que traria a sena favorável, o quanto levaria a ruinosa cadela (20), não ser enganado pelo gargalo estreito do copo (21) e ser o mais hábil em rodar o buxo (22) com o chicote. Não és inexperiente para compreender os costumes depravados e o que ensina o sábio Pórtico, ilustrado com os medas vestidos de braga (23), coisas pelas quais vela uma juventude insone e calva, que se alimenta de legumes e farinha grossa de cevada (24); a letra que traçou os ramos sâmios mostrou-te, com o ramo direito, o caminho que surge (25). Roncas até agora, a tua cabeça vacilante, com uma articulação solta, boceja os excessos de ontem com os queixos caídos por toda parte. Há alguma coisa para a qual te inclinas e contra a qual diriges o arco? Ou, desregradamen

te, persegues corvos com cacos e barro, confiante quanto a onde te levam os pés, e vives improvisando?

Verás os que inutilmente pedirão heléboro (26), quando a pele doente já estiver inchando; o ponde-vos à doença que se aproxima; qual será, então, a necessidade de prometer grandes montes a Crátero (27)? Estudai e conhecei, ô infelizes, as causas das coisas (28): que somos (29) e para que nascemos, qual é a ordem estabelecida, ou por onde e de onde deve-se fazer a volta suave (30), qual é a utilidade do dinheiro, a que se pode aspirar com a permissão dos deuses, que a áspera moeda (31) tem de útil, quanto convém generosamente distribuir à pátria e aos parentes, quem ordenou deus que fosses e que posição ocupas na humanidade? Estuda e não terás inveja de que muitas jarras cheirem a gorduras úmbrias protegidas em uma despensa o pulenta, da pimenta, do presunto, recordações de um cliente Marso, nem de que a primeira vasilha tenha ainda peixe.

Aqui dirá alguém oriundo da raça hirci na dos centuriões (32): "O que eu sei, me é suficiente; pois não me preocupo em ser o que são Arcésilas e os Sólonos (33) infelizes, cabisbaixos, cravando os olhos no chão, enquanto corroem consigo mesmos (34) mur múrios e silêncios raivosos e pesam as palavras, alongando os lábios, meditando nos sonhos de um velho doente: nada vem do nada, nada pode voltar ao nada. É por isto que empalideces? É por isto que alguém deixa de comer?" O povo ri com essas coisas e a juventude musculosa (35) redobra as gargalhadas agitadas, enrugando o nariz.

- "Examina-me; não sei o que me faz palpitar o coração e de minha garganta doente recende um hálito forte; examina-me, peço-te."

Ao que fala ao médico, foi prescrito repouso; após a terceira noite ter visto as suas veias correrem recompostas, querendo ir ao banho, rogará pa-

ra si a uma grande casa vinhos doces de Surrento em uma pequena jarra.

- "Ah! bom rapaz, tu empalideces."

- "Não é nada."

- "Vê, contudo, o que quer que seja; incha-se silenciosamente a tua pele amarela."

- "Mas empalideces mais; não me sejas tutor (36); há muito tempo já o enterrei, mas restas-me tu."

- "Continua, que me calarei."

Inturgecido pela comida, com o ventre esbranquiçado, ele se banha; de sua garganta escapam lentamente emanções sulfurosas. Mas, com o vinho, sobrevém o tremor que faz cair das mãos o copo quente; os dentes, à mostra, estalaram; dos lábios abertos caem, então, as iguarias gordurosas. Depois a trombeteira, os archotes (37) e, finalmente, o venturosinho acomodado no leito alto, coberto de espesso amomo, estende os calcanhares rígidos em direção da porta: carregaram-no, porém, com a cabeça coberta, os quirites de ontem (38).

Toca, ó infeliz, o teu pulso e põe a mão direita no peito. Nada está quente aí. Toca a ponta dos pés e das mãos. Não estão frios. Se, por acaso, vires dinheiro, ou se a bonita filha do vizinho te sorrir docemente, o teu coração pulsará regularmente? Foi-te servido legume áspero em um prato frio e farinha saída da peneira do povo (39); examinemos a garganta: na tua tenra boca esconde-se uma ferida pútrida, que não convém arranhar com acelga plebéia. Tens frio, quando o pálido temor eriça os pelos dos teus membros; agora o teu sangue ferve como se estivesse sobre uma tocha e os teus olhos faíscam de raiva e dizes e fazes o que o próprio Orestes, insano, juraria ser de homem insano.

NOTAS A SÁTIRA III

- 01- O latim "*Iam clarum mane... angustas extendit rimas*", vv. 1-2, constitui uma hipálage, assentada na ilusão ótica; a manhã alta, *clarum mane*, não estende as fendas estreitas da janela; as fendas é que parecem estender-se por deixar passar os raios do sol. Pêrsio parece ter imitado o espírito do verso de Vergílio, *Eneid.* III, 152: "*plena per insertas fundebat luna fenestras*".
O substantivo *mane* foi empregado invariavelmente, refletindo, talvez, um hábito da língua coloquial; o sintagma *clarum mane* parece também calcado em Vergílio, *G.* III, 325: "*dum mane nouum*".
- 02- O *Falernum* era um vinho produzido no *ager Falernus*, na Campânia; foi um dos mais renomados vinhos, sendo constantemente celebrado pelos poetas.
O adjetivo *indomitum* era aplicado ao vinho forte; aplicavam-se, também, os adjetivos *seuerum* (Hor., *Od.* I, 27, 9), *ardens* (Hor., *Od.* II, 11, 19), *forte* (Hor., *Sat.* II, 4, 24), *acre* (Juv. XIII, 216) e *fumosum* (Tib. II, 1, 27).
- 03- Ao atingir a quinta linha do quadrante solar, a sombra do *gnomon* marcava a quinta hora, onze horas aproximadamente.
- 04- A fala brusca que abre a sátira poderia parecer posta em boca de um *comes*, pedagogo ou mestre de filosofia que acompanhava os jovens senhores e deles cuidava.
Aqui, contudo, pode-se afirmar que quem toma a palavra seja um simples companheiro de estudo; em *Aen.* V, 546, o filho de Epito é chamado *custos co*mesque *Iuli*; em *Aen.* X, 702, Mimante é denominado *aequalis comesque Paridis*.
- 05- Na realidade, não é a bÍlis que intumesce, mas sim o fÍgado que era considerado a sede das paixões, cf. nota 11 da primeira sátira.

Segundo Dolç, opus cit., p. 142, Pêrsio alude a bilis condensada, que adquire um aspecto brilhante, de cor escura; para Vismara, opus cit., p. 21, *uitrea bilis* deve ser entendido como índice do carâter do homem: a bilis revelaria o caráter do indivíduo do mesmo modo que um vaso de vidro deixa à mostra o seu conteúdo.

- 06- Como se sabe, o pergaminho, a *membrana*, era feito de couro; o lado, cujos pelos haviam sido raspados, era um pouco mais escuro que o outro; daí Pêrsio denominá-lo "*positis bicolor membrana capillis*", v. 10.
- 07- O verso 14 ("*Dilutas... ..geminet quod fistula guttas.*") é uma denúncia irônica com que Pêrsio aponta o desleixo do pretense estudante da filosofia; deve-se ressaltar a originalidade da expressão, dela serviu-se o autor para afirmar que o cálamo deixa no pergaminho dois traços em lugar de apenas um.
- 08- Para Ramorino, opus cit., p. 44, e Dolç, opus cit., p. 145, *columbi* era um apelativo para as crianças mimadas (cf. Cat. XXIX, 8: "*ut albatrus columbus*"); *pueri regum* são os filhos dos senhores (cf. Hor. Od. II, 18, 32-4: "*aequa tellus / pauperi recluditur / regumque pueris.*"). As duas expressões são empregadas como sinônimas.
- 09- A cera, o barro e a argila ofereceram aos poetas muitas imagens para designar o caráter do homem ainda em formação; cf. p. 73 deste trabalho.
- 10- Para os romanos, o saleiro possuía valor religioso; sabe-se que passava de geração a geração e que sempre devia ser conservado puro, sem mancha. Tendo adquirido valor metonímico, passou a ser empregado para designar a baixela.
- 11- As famílias tradicionais de Roma tinham a pretensão de ser anteriores à própria fundação de Roma,

remontando à Toscana; "*Stemmata quod Tuscum ramum millesime duces*", v. 28, expressa ironicamente o orgulho do jovem estudante por pertencer a uma destas famílias.

12- A *trabea* foi uma toga com faixas horizontais em púrpura, usada pelos cavaleiros nas grandes ocasiões.

13- O nome *Natta* aparece em Horácio (*Sat.* I, 6, 123-124: "...*unguor oliuo, / non quo fraudatis immunus Natta lucernis.*").

Tácito (*Ann.* IV, 34) trata de um certo Pinnário Nata, cliente de Sejano e acusador Cremúcio Cordo. Segundo Ramorino, opus cit., p. 47, e Dolç, opus cit., p. 150, é a esse Nata que se refere Pérsio.

Não havendo maiores informações históricas a seu respeito, não é inexato afirmar que *Natta* seja o nome de um célebre devasso que, por metonímia, passou a designar os velhacos em geral.

Discinctus, adjetivo caracterizador de *Natta*, literalmente significava *com o cinturão solto* ou *com a toga curta*; neste passo, porém, foi empregado no sentido moral de *depravado, dissoluto, libertino*.

14- Julgavam os estóicos que a maior punição para o pecado residia no próprio pecado; para eles, o suplício encontrava-se no próprio crime: a consciência do pecado constituía o seu primeiro e maior castigo; é o que afirma Sêneca, *Ep.* 97: "...*prima et maxima peccantium poena, pecasse. Nec ullum scelus, licet illud fortuna exornet muneribus suis, licet tueatur ac uidicet, impunitum est, quoniam sceleris in scelere supplicium est.*"

15- Alusão ao touro de bronze fundido por Perilo para Fálaris (565-549 a.C.), tirano de Agrigento. Nesse touro, queimavam-se vítimas humanas; daí

"...Siculi gemuerunt aera iuenci", v. 39, corresponder a uma aparente animização do touro. Lê-se em Plínio, H. N. XXXIV, 89, que "*Perillum nemo laudet saeuio^rem Phalaride tyranno, cui taurum fecit, mugitus hominis pollictus igni subdito et primus expertus cruciatum eum iustiore saeuitia*."

16- Alusão à espada de Dâmocles.

17- Segundo Ramorino, opus cit., p. 48, e Dolç, opus cit., p. 153, *oculos oliuo tangere*, v. 44, foi um recurso de que se serviam os estudantes que procuravam despertar a compaixão dos mestres, querendo parecer doentes, fugindo, assim, ao estudo.

18- O Catão a que se refere Pérsio somente pode ser o Catão de Útica, que, pouco antes de morrer, pronunciou um discurso solene.

O exercício, a que alude o autor, uma *suasória*, tinha por objetivo forçar os alunos a discutir se Catão deveria ou não morrer.

19- Entendiam os estóicos que as crianças faziam o que lhes convinha à idade; com o emprego de *paruus*, v. 44, Pérsio justifica o ato que praticara.

20- As expressões *dexter senio* e *damnosa canicula* eram típicas do *ludus tesserarum* ou *tabularum*. Para Dolç, opus cit., p. 154, o melhor lance desse jogo era denominado *Venus* ou *iactus Venereus* e ocorria quando as faces dos dados apresentavam números diferentes; o pior lance, denominado *canis*, ocorria quando saíam os dados com o mesmo número.

21- Jogo infantil que consistia em fazer com que as nozes, lançadas de uma certa distância, passassem pelo estreito gargado de uma *orca*, recipiente menor que uma ânfora. Note-se a hipálage *angustae collo orcae* por *angusto collo orcae*.

22- O *buxum* era uma espécie de pião de madeira de bu-

xo, com forma piramidal. As crianças faziam-no girar (*torquere*), lançando-o ao chão com uma espécie de chicote (*flagello*). Esse jogo foi chamado de *turbo* por Vergílio, que o descreve em *Aen.* VII, 378-383:

"*Ceu quondam torto uolitans sub uertere turbo,
quem pueri magno in gyro uacua atria circum
intentī ludo exercent (ille actus habena
curuatis fertur spatiis; stupet inscia supra
impubesque manus mirata uolubile buxum;
dant animos plagae)..."*

- 23- Zenão, o fundador do estoicismo, ensinava sob o Στοὰ ποικίλη de Atenas, o pórtico ilustrado por Polignoto e outros artistas com cenas referentes às guerras médicas.

De Στοὰ proveio o nome Estoicismo, designação da escola filosófica.

Pêrsio atribui a *Porticus* valor voluntariamente ambíguo: emprega-o na significação própria, daí o sintagma *bracatis inlita Medis*, v. 53, e como sinônimo de *doutrina estóica*, fato que justifica o epíteto *sapiens*, v. 53.

- 24- Contrapondo os verdadeiros estudantes do estoicismo ao jovem presunçoso, Pêrsio alude à severa disciplina a que eram submetidos; segundo Ramorino, opus cit., p. 50, e Dolç, opus cit., p. 156, o adjetivo *insomnis* denota que a *iuuentus* se dedicava assiduamente ao estudo, inclusive à noite, e o adjetivo *detonsa* revela que os adeptos do estoicismo cortavam os cabelos, porque não podiam perder tempo em cuidar deles; a comida grosseira, com que se alimentava a *iuuentus*, é mencionada no sintagma *siliquis et grandi polenta*, v. 55. *Siliquis* era o nome dado aos legumes em geral; *grandis pollenta* era a denominação da farinha feita com grãos que não haviam sido moídos, mas apenas macerados.

25- Alusão ao *upsilon* grego, a que Pitágoras de Sâ-
mio havia comparado a vida humana.

Em uma nota ao verso 163 do VI livro da Eneida
("Nouimus Pythagoram Samium uitam humanam diuis-
sisse in modum litterae Y; scilicet quod prima
actas incerta sit quippe quae adhuc se nec ui-
tilis, nec uirtutis dedit; biuium autem litterae
Y a iuuentute incipere, quo tempore homines aut
uitia, i. e., partem sinistram, aut uirtutes
partem dexteram, sequuntur." - apud Perreau,
opus cit., p. 144), Sêrvio atesta que Pitágoras
de Sâmio adotou o *upsilon* grego como o símbolo
de dois caminhos que se apresentam ao homem; o
ramo direito do *upsilon* representa o caminho da
virtude; o esquerdo, inclinado, o do vício.
Ramorino, opus cit., p. 50, e Dolç, opus cit.,
p. 157, argumentam que o símbolo será mais exa-
to e mais bem entendido, se se tiver em mente a
forma primitiva do *upsilon*, com o traço da di-
reita inteiramente reto.

26- "*Elleborum frustra... / Poscentis uideas*", vv.
64-63, é uma expressão metafórica, significando
que é muito tarde para se recorrer à medicina,
quando a doença já tomou conta do corpo.

O helêboro, erva medicinal, era empregado como
laxante e como emético; misturado a outras er-
vas, era muito usado como remédio contra a lou-
cura.

27- *Craterus* foi um médico célebre do tempo de Au-
gusto; Pêrsio serve-se do seu nome metonimica-
mente, tendo-o, talvez, importado de Horácio,
Sat. II, 3, 16: "*Non est cardiacus (Craterum di-
xisse putato)*".

28- Do verso 63 ao 73, Pêrsio apresenta um sumário
dos principais pontos da moral estóica.

A contrução *causas cognoscite rerum*, v. 66, re-
corda Virgílio em *G.* II, 490: "*Felix qui potuit*

rerum cognoscere causas"), embora o autor das *Ge-
ôrgicas* aludisse à origem física da natureza.

29- Deve-se notar que *quid sumus*, v. 67, não espelha o preceito do *nosce te ipsum*; refere-se ao conhecimento geral da natureza humana, objeto primordial da filosofia estóica - cf. Epict. *Conv.* II, 10, 1: "*Examina quem és.*"; Cic. *Fin.* IV, 25: "*Ani-
maduertamus quin simus ipsi, ut nos quale oportet
esse seruemus. Sumus igitur homines, ex animo
constamus et corpore...*"; Sen. *Ep.* 41, 8: "*Quae-
ris quid sit? animus et ratio in animo perfecto.
Rationale enim animal est homo.*"

30- Para dizer que o homem deve procurar bem a posi-
ção que lhe foi assinalada na ordem cósmica, Pêrsio compara a vida humana a uma corrida de bigas no estádio, servindo-se, sinteticamente, da termi-
nologia própria de tal disputa.

À partida, os carros deveriam sair do lugar (*ordo*) que lhes havia sido designado. Ao correr, deveriam aproximar-se o mais possível da *spina*, em cujos ex-
tremos se erguiam as colunas cônicas, denominadas *metae*; para ser bem sucedidos, os *aurigae* buscavam fazer uma curva fechada e suave, *mollis* (= *facilis*) *flexus metae*, contornando a *meta*; para tanto, deviam saber em que ponto (*qua*) e de que ponto (*un-
de*) convinha iniciar o contorno.

31- Nos versos 69-71, Pêrsio interroga ao jovem presun-
çoso acerca do uso dos bens.

O sintagma *asper nummus* designa a moeda que, devi-
do à sua pouca circulação, ainda conserva o rele-
vo; Sêneca, *Ep.* XIX, 10, serve-se da construção *in
aspero accipere* com o significado de *receber em mo-
eda nova*; Suetônio, *Ner.* 44 ("*exegitque... ...num-
mum asperum.*"), emprega *nummum asperum* na mesma
acepção com que foi empregado em Pêrsio.

32- Como já se viu na p.67 deste trabalho, Pêrsio nu-

tre certa animosidade contra os militares.

Neste passo, o autor atribui ao centurião o epíteto de *gens hircosa* que, confrontado com o verso "*pastillos Rufillus olet, Gorgonius hircum*", Horácio, *Sat.* I, 2, 27, nos permite inferir que Pérsio alude ao mau cheiro que os centuriões, ou pelo menos este em particular, deveriam exalar.

33- *Arcésilas* e *Sólon*es são empregados metonimicamente, para designar os filósofos em geral.

34- Deve-se notar no verso 81 ("*Murmura cum secum...*") o emprego redundante da preposição *cum*.

35- Pérsio opõe, sem dúvida, a *torosa iuventus*, v. 86, à juventude que se dedicava ao estudo do estoicismo, "*insomnis et detonsa iuventus*", v. 54.

36- As frases "*ne sis mihi patruus*" e "*ne me sis tutor*" eram proverbiais entre os romanos, que a empregavam na acepção de *não sejas muito severo comigo*.

37- Nas exéquias, à frente do esquife, iam as tubas, as carpideiras e as tocadoras de flautas; primitivamente, o cortejo fúnebre era realizado à noite, à luz dos archotes. Já no fim da república, o cortejo fúnebre passou a ocorrer durante o dia; a tradição, contudo, conservou o uso dos archotes.

38- O *feretrum* era conduzido pelos parentes e amigos do morto, ou ainda pelos escravos cuja alforria havia sido concedida pelo senhor em seu testamento. Os manumissos usavam o *pileus*, símbolo da liberdade; os "*Hesterni capite induto... Quirites*", v. 106, designam, pois, ironicamente os escravos que haviam sido alforriados, da noite para o dia, com a morte do senhor.

39- Com a farinha que era passada no *populi cribum*, também denominado *farinarium*, fazia-se o *panis secundarius* ou *secundus*, indicado por "...*populi cri*..

decussa farina", no verso 122; com a farinha passada no *cribum pollinarium*, fazia-se o pão de primeira qualidade ou pão branco.

S Ā T I R A I V

TRADUÇÃO

- "Cuidas dos negócios públicos" - imagina que o mestre barbudo (01), a quem levou o gole da cruel cicuta, diz estas coisas - "apoiado em quê? Dize-o, pupilo do grande Péricles. É evidente que engenho e rápida compreensão das coisas a ti vieram antes que a barba. És experiente no que se deve dizer e no que se deve calar. Com efeito, logo que a gentalha se inflama, movida pela bⁱlis, a razão te leva a impor silêncio à multidão excitada com a majestade de um gesto; que dirás depois?"

- "Quirite, por exemplo, isto não é justo; aquilo é ruim; aquilo é mais justo."

- "Sabes efetivamente sustentar o justo no prato duplo de uma balança instável (03); distingues o que é reto (04) mesmo que esteja misturado ao que é curvo, ou até mesmo quando a régua induz ao erro com um pé torto (05), és capaz de cravar o negro teta (06) no vício? Por que tu, que tens inutilmente apenas a beleza exterior, não deixas de abanar prematuramente a cauda (07) diante do populacho adulator? Não seria melhor tomar antéciras puras (08)? Qual é para ti o soberano bem? Viver sempre de boas iguarias e tratar assiduamente a tua pelezinha ao sol (09)? Espera, esta velha não responderá outra coisa (10)! Vai agora!

- "Sou filho de Dinômaca."

- "Orgulha-te!"

- "Sou belo (11)."

- "Que seja! Embora a esfarrapada Báucide (12) não saiba menos, quando apregoa basilição (13) a um escravo mal vestido."

Como ninguém tenta descer em si mesmo, ninguém! Mas como se olha o alforge às costas do que vai à frente (14)! Pergunta!

- "Conheces os domínios de Vetídio (15)?"

- "De quem?"

- "O rico ara em Cures (16) tanto quanto um milhano não percorre em um vôo."

- "Falas daquele, daquele que, com os deuses irritados e gênio sinistro (17), quando fixa um jugo na encruzilhada esburacada (18), temendo raspar o limo velho de um pequeno jarro, geme: 'Que isto me seja um bem', mordendo uma cebola coberta de sal, e, enquanto os seus escravos aplaudem uma panela de farinha, bebe o resto da borra de um vinagre que se acaba?"

Mas, se descansas e, coberto de óleo, cravas o sol na pele, há perto de ti um desconhecido que te toca com o cotovelo e cospe asperamente: "Estes costumes! Exibir publicamente o pênis depilado, os segredos do lombo dormente, as vulvas (19)! Enquanto penteias nas maxilas a barba perfumada com bálsamo, por que te salta da virilha um gorgulho tosquiado? Permite-se que cinco papestritas (20) estirpem essa vegetação e sacudam com uma pinça curva as nãdegas umedecidas; esta floresta, contudo, não se habitua a arado algum."

Nós atacamos e, por outro lado, oferecemos nossas pernas às flechas (21); vive-se desse modo; nós o sabemos. Tens sob a ilharga uma ferida secreta, mas disfarça-a o boldriê com o seu largo ouro. Se preferes, engana a nós e aos teus nervos, se podes.

- "Quando a vizinhança disser que sou superior, não acreditarei?"

Se empalideces, ó perverso, por teres visto dinheiro, se fazes tudo o que te vem ao pênis e se, cauteloso, flagelas o amargo puteal (22) com muitos golpes, em vão terás confiado tua orelha ávidas ao povo. Repele o que não és. Que o artesão fique com seus favores. Mora contigo: conhecerás quão exígua te é a mobília.

NOTAS A SÁTIRA IV

01- A sátira é aberta por um discurso que Sôcrates dirige a Alcebiádes; contudo, o vocativo *Quirites*, v. 8, apresenta um Sôcrates e um Alcebiádes romanos. Ramorino, opus cit., p. 58, e Dolç, opus cit., p. 174, entendem que Alcebiádes seja, nesta sátira, uma sinédoque para designar os muitos Alcebiádes dissolutos e ambiciosos existentes em Roma; Perreau, opus cit., p. 134-136, apoiando-se em um escólio de Casaubon, argumenta que esta sátira está inteiramente voltada contra Nero, o Alcebiádes romano.

Sôcrates é indicado pela perífrase *barbatum magistrum* (já que a barba foi uma das insígnias da gravidade filosófica e religiosa, como já se viu na nota 10 da sátira II) e, principalmente, pela oração "*sorbitio tollit quem dira cicutae*", v. 2.

O vocativo *magni pupille Pericli*, v. 2, e a oração "*Dinomaches ego sum*", v. 20, permitem-nos identificar o interlocutor de Sôcrates, Alcebiádes, pupilo de Péricles, após a morte do pai na batalha de Coronéia em 447 a.C., e filho de Dinômaca.

02- No verso 9 ("*Hoc, puta, non iustum est, illud male, rectius illud.*"), encontram-se dois advérbios, *male* e *rectius*, na função de predicativo do sujeito; esse fenômeno ocorre também em III, 78 (*satis est*), IV, 30 (*bene sit*), V, 69 (*erit ultra*), V, 153 (*inde est*) e VI, 56 (*praesto est*).

03- Neste passo Pêrsio parece retomar a imagem dos versos 6-7 da primeira sátira ("*...accedas examenue improbum in illa / Castigues trutina...*"). A *libra anceps* era a balança em equilíbrio; o sintagma *gemina lance* substitui, com rara elegância, *duabus lancibus*, os dois pratos da *libra*.

04- Os versos de Pêrsio "*...rectum discernis, ubi inter / curua...*", vv. 11-12, parecem imitar o verso horaciano "*scilicet uellem curuo dignoscere*

rectum", Ep. 11, 2, 44.

- 05- A *regula* de trata Pêrsio no verso 12 foi a régua usada pelos *fabri*, para traçar linhas retas sobre uma superfície plana; *pes*, neste passo, designa a medida de longitude, mas o poeta atribui-lhe o epíteto de *uarus* (= *intortus*).

Assim, a passagem deve ser entendida como "*até mesmo quando a régua induz ao erro com um pé torto*"; Pêrsio, contudo, não se preocupa com a significacão concreta, mas sim com a moral: "*sabes distinguir o que é direito, mesmo quando os critérios que se devem seguir não são de todo seguros*".

- 06- Segundo costume grego, o *theta*, primeira letra de θάνατος, era utilizado pelos juizes, ao proferir a sentença capital; o *theta* era também aposto, nas listas militares, ao lado do nome dos soldados mortos. Em Roma, no tempo de Cícero, usava-se, para assinalar a condenação à morte, a letra C, primeira letra de *condemno*.

Dolç, opus cit., p. 177, aventa a possibilidade de que, no tempo de Pêrsio, a língua coloquial empregava *theta* para significar morte.

- 07- A imagem expressa por "*caudam iactare popello*", v. 15, foi sugerida, segundo Ramorino, opus cit., p. 60, pelo fato de o cão abanar a cauda em sinal de contentamento. Perreau, opus cit., p. 141, e Dolç, opus cit., p. 178, entendem que a imagem sugere o ato de o pavão exibir a sua plumagem.

- 08- *Anticyras meracas*, v. 16, é uma metonímia para designar o heléboro; na mais rica região produtora de heléboro, havia três cidades chamadas *Anticyra*: uma na Fócida, outra na Tessália e a terceira na Lócrida.

Como já se viu na nota 26 da sátira III, misturado a outras ervas, o heléboro era considerado remédio contra a loucura. Ao empregar *Anticyras meracas*, Pêrsio afirma, irônica e hiperbolicamente - res-

salte-se o plural -, que o pupilo do grande Pêri-
cles precisava de muito helêboro para curar-se da
loucura. O espírito não só da hipérbole, como tam-
bém da ironia, parece ter sido importado de Horá-
cio (*Sat.* II, 3, 82-83: "*Danda est ellebori multo
pars maxima auaris; / nescio an Anticyram ratio
destinet omnem*"; *id. ibid.*, 165-166: "...*Verum am-
bitiosus et audax / naviget Anticyram...*").

- 09- O banho de sol, a *apricatio* ou *insolatio*, foi tido
não só como higiênico, mas também como medicinal;
com o tempo, seu objetivo foi sendo gradativamente
deturpado, passando a ser procurado por ociosida-
de, por fatuidade; é a essa deterioração que se re-
fere Pêrsio. Marcial (X, 12: "*I, precor; et totos
auida cute combile soles: / Quam formosus eris.*")
e Juvenal (XI, 203-204: "*Nostra bibat uernum con-
tracta cuticula solem / effūgiatque togam...*") tam-
bém criticaram a sua decomposição.
- 10- Pêrsio não permite que o jovem governante respon-
da, pedindo-lhe que aguarde e ouça uma velha, que
deverá apresentar uma resposta semelhante à dele
("*haud aliud respondeat...*", v. 19). O surgimento
dessa personagem inesperada obscurece a passagem.
Pêrsio contrapõe a velha ao jovem governante, pri-
meiramente em termos de beleza física, para que o
presunçoso saísse vitorioso do confronto: "...*I
nunc, / 'Dinomaches ego sum' suffla 'sum candi-
dus'...*", v. 19-20.
- 11- Com o verso "...'*Dinomaches ego sum*'... ...'*sum
candidus*'...", v. 20, Pêrsio menciona a beleza de
Alcebiades, filho de Dinômaca. Plutarco, *opus cit.*,
v. 2, p. 310 e 314, assim descreve Alcebiades:
"*Quanto à sua beleza, já não é necessário dizer na-
da. Direi somente de passagem que ela se manteve
sempre florescente, na sua infância e adolescên-
cia, conservando-se perfeita em sua maturidade. Al-
cebiades se manteve assim, atraente e agradável,*

em todas as estações de sua vida. (...) Houve bem cedo, em torno de Alcebiades, muita gente de qualidade e importância, para acariciá-lo, esforçando-se por cair em suas boas graças. Davam todos a entender, assaz evidentemente, que o seguiam pela sua extraordinária beleza."

12- *Bāucide* é o nome da velha contraposta ao jovem governante; confrontando-a com o jovem, Pêrsio propiciou a ele rápido momento de arrebatamento ("...suffla...", v. 20); com a caracterização de *Bāucide*, *pannucia*, v. 21, o triunfo do preseunçoso é enfatizado. Causticamente, porém, nivela-os Pêrsio ("...ne deterius sapiat", v. 21), em termos de sabedoria.

13- O basilicão, *ocimum*, era uma planta odorífera e medicinal, com poderes afrodisíacos.

14- Catulo ("*Sed non uidemus manticae quod in tergo est.*", XXII, 21), Horácio ("*Dixerit insanum qui me, totidem audiet atque / respicere ignoto dis-cet pendentia tergo.*" Sat. II, 3, 298-299) e Sêneca ("*...aliena uitia in oculis habemus, a tergo nostra sunt.*" - de Ira II, 28, 8), antes de Pêrsio, já haviam aludido à velha fábula esópica, reescrita, mais tarde, por Pedro (IV, 10).

15- Não se sabe quem seja este *Vettidius*; supõe-se ser um nome que represente a extrema avareza das pessoas, dado o contexto em que aparece.

16- Cidade dos Sabinos, cujas terras eram famosas por sua fertilidade.

17- As expressões *dis iratis* e *genio sinistro*, v. 27, ablativos de qualidade, caracterizam a pessoa nascida sob condições astrais e horóscopo desfavoráveis.

A construção *dis iratis* é uma abreviação de *dis iratis natus* que Pêrsio, certamente, imitou de

Horácio ("...inmeritus laborat / iratis natus pa-
ries dis atque poetis." Sat. II, 3, 7-8).

- 18- O verso "*Quandoque iugum pertusa ad compita fi-*
git", v. 28) alude às festas denominadas *Compita*
lia.

Os *Compitalia* eram celebrados em fins de dezem-
bro ou princípio de janeiro (a primeiro de maio
e primeiro de agosto, sob Augusto), em honra
dos *Lares Compitales*, que eram venerados nas en-
cruzilhadas (*compita* = *ubi viae competunt*); ne-
las, os camponeses tomavam uma refeição e, como
sinal de descanso, prendiam os jugos e outras
ferramentas de trabalho nas pequenas *aediculae*,
nas próprias encruzilhadas.

Pérsio emprega *compita* com a significação de *ae-*
diculae, uma metonímia que Dolç, opus cit., p.
182, considera de origem popular.

- 19- Em sua visão cruamente realista e fulcrada na mo-
ral estôica, por boca de um interlocutor desco-
nhecido, atacando a depravada classe dos páticos,
Pérsio apresenta um quadro da *apricatio* corrompi-
da, servindo-se de termos intensamente disfêmi-
cos.

Neste passo, merecem consideração especial os
termos *arcana lumbi* e *uulus*.

O sintagma *arcana lumbi* não pode designar o mem-
bro viril, cuja repetição, já que é designado por
penem, permaneceria inexplicável. Segundo Cartel-
le (*Aspectos Lexicos y Literarios del Latin Eroti-*
co. Santiago de Compostela, Universidad de Santi-
ago, 1973, p. 120), Pérsio foi, entre os poetas
satíricos, o que mais agressivamente empregou o
substantivo *lumbum* que, neste passo, designa a re-
gião compreendida pela cintura e ânus.

Vulva não poderia indicar o órgão genital femini-
no, já que a personagem é masculina; neste caso,
tem-se a inusitada aplicação de *uulus* a um homem..

Ainda segundo Cartelle, *uulua* é aqui um termo injurioso por ânus.

Pêrsio, aliás, não foi o único poeta satírico a investir contra a corrupção da *apricatio*; também em termos enérgicos e agressivos, Juvenal ("*His-pida membra quidem et durae per bracchia saetae/ promittunt atrocem animum, sed pollice leui / cae-duntur tumidae midico ridente mariscae.*", II, 11-13; e "*si tenerum attritus Catinensi pumice lumbum.*", VIII, 16) e Marcial ("*Quod pectus, quod cruras tibi, quod bracchia uellis, / quod cincta est breuibus mentula pilis, / hoc praestas, Labi-ene, tuae - quis nescit? - amicae. / Cui praes-tas, culum quod, Labiene, pilas?*", II, 62) atacam-no igualmente.

20- *Palestritae*, o mesmo que *dropacistae*, eram os de piladores ou barbeiros.

21- Procurando esclarecê-la, diz o escoliasta de Pêrsio acerca desta passagem: "*Allegoria a sagittariis, qui aliena crura sagittis ferium, et sua ferienda aliis praebent; et ad superiorem sensum pertinet quod dixit: sed praecedenti spectatur mantica tergo. Ita non uitam obiurgamus aliorum et alii nostram.*" , apud Perreau, opus cit., p. 146.

Pêrsio parece imitar o espírito do verso de Horácio, em *Ep.* II, 2, 97: "*Caedimur et totidem plagis consumimus hostem.*"

22- O *puteal* era uma pequena marcar circular que se punha em torno das árvores sagradas ou dos lugares atingidos pelo raio. Em sua vizinhança, reuniam-se cambistas e usurários. Cf. p.45-6 deste trabalho.

S Ā T I R A V

TRADUÇÃO

Este é o costume dos poetas, exigir para si cem vozes e desejar para a sua poesia cem bocas e cem línguas (01), para compor uma fábula que seja declamada por um trágico ator sinistro (02), ou para as feridas do parta que retira a espada da virilha (03).

- "A que visa isto? Proferes tantos bolinhos de um canto robusto (04) para que seja conveniente teres cem gargantas? Os que querem cantar o sublime recolham as névoas do Helicão (05), com as quais ferverá a panela de Procne ou de Tieste (06), que muitas vezes deverá jantar o odioso Glicão (07). Enquanto se funde a massa na forja, não comprimes os ventos no fole ofegante (08) nem, enrouquecido por um murmúrio secreto, estupidamente crocitas contigo mesmo não sei que de grave (09), nem tencionas estourar com um esclopo as bochechas túrgidas (10). Buscas as palavras da toga (11); és hábil nas alianças enérgicas, arredondando moderadamente a boca, sábio em arranhar comportamentos doentios (12) e em trespassar a falta com um divertimento digno de homem livre. Tira daí o que dizes; deixa a Micenas as suas mesas e conhecerás o almoço plebeu (13)."

Não me esforço, na verdade, para enfunar com futilidades lúgubres uma página capaz de dar peso à fumaça (14). Falamos em segredo. Exortado por Camoena, dou-te agora o meu coração que deves perscrutar; agrada-me mostrar a ti, ô Cornuto, doce amigo, quão grande parte da minha alma é tua. Bate, seguro em reconhecer o que soa solidamente e os revestimentos da linguagem figurada (15). Se ousa exigir cem gargantas, é para que possa externar com voz pura o quanto de ti gravei nas sinuosidades do meu coração e para que as palavras revelem este todo que se esconde, inexprimível, em minhas fibras secretas.

Quando, pela primeira vez, amedron-

tado, depus a púrpura guardiã (16) e, consagrada aos Lares, com a toga curta (17), a minha bula (18) foi suspensa, quando os companheiros complacentes e a toga, já branca (19), me permitiram espalhar impunemente os olhos por toda a Suburra (20) e quando o caminho se bifurca e a inexperiência enganosa da vida conduz os espíritos inquietos às encruzilhadas ramosas (21), reservei-me para ti. Acolheste meus tenros anos no teu coração socrático (22), ó Cornuto. Então, habilidosa em dissimular, a régua adequada estende a moral sinuosa e minha alma é pressionada pela razão, esforçando-se para ser vencida e tomando, sob o teu dedo, uma fisionomia artística (23). Lembro-me, com efeito, de ter passado contigo longos dias (24) e de ter reservado para a ceia o início da noite. Ambos estabelecemos juntamente um sô trabalho e descanso e mitigamo-nos das coisas sérias em uma mesa modesta. Não duvides de que, certamente, nossos dias se ajustam por uma aliança constante e são regidos por um único astro: ou a Parca, fiel à verdade, suspende nossos tempos na Balança em equilíbrio, ou a hora natal, que preside às amizades fiéis, distribui entre os Gêmeos nossos destinos concordes; graças ao nosso Júpiter, quebramos juntamente a hostilidade de Saturno (25); não sei qual, mas seguramente existe um astro que me une a ti.

Há mil tipos de homens e diferentes maneiras de vida; cada um tem o seu querer e não se vive sob um único desejo. Ao nascer do sol, há quem troque pimenta enrugada e grãos de cominho empaltecido (26) por produtos da Itália; há quem, empaturrado, prefira inchar-se com um sono restaurador; este entrega-se ao campo (27); os dados consomem aquele; aqueloutro se deteriora com os prazeres de Vênus. Mas, quando a quiragra pedregosa tiver feito de suas articulações ramagens de uma velha faia, já terão vivido os seus dias gordos e passado a vida à luz do pântano (28) e, já tardiamente, haverão de lamentar-

se da vida que não viveram (29). A ti, porém, apraz em palidecer sobre os papiros noturnos (30): és, pois, cultivador dos jovens e sementes em suas orelhas limpas o trigo de Cleanto (31). Procurai aqui, jovens e velhos, um objetivo determinado para a alma e provisões para as cãs infelizes.

- "Amanhã se fará isso!"

- Amanhã ocorrerá o mesmo.

- "Quê? Certamente é muito concederes-me um dia?" (32).

Mas, quando vem o outro dia, já consumimos o amanhã de ontem; eis que este outro amanhã terá devorado os anos e sempre estará um pouco além. Perseguirás inutilmente a roda que gira sobre si mesma, mesmo que esteja perto de ti e sob o único timão, quando correres como roda posterior e no segundo eixo.

Necessita-se de liberdade. Não desta:

- "Que um Públio qualquer obteve em Velina, terminando o seu serviço, para tornar-se, com a têssera, senhor de trigo enrugado."

Ah! despojados da verdade, aos quais usô pirueta faz quirite (33). Este Dama (34) é um cavalariço, que não vale três asses, homem insignificante, mentiroso até na magra razão do cavalo. Que o seu senhor o gire! Do movimento da rotação sai Marco Dama (35). Oh! recusas-te a emprestar dinheiro a Marco, que te promete pagar? Empalideces diante do juiz Marco? Marco disse, assim é. Põe, Marco, o teu selo nestas tabuinhas!

- "Esta é a verdadeira liberdade, os píleos (36) no-la dão. Acaso não é livre somente aquele a quem se permite levar a vida como quer? É lícito viver como quero: não sou mais livre que Bruto (37)?"

- "Concluis erradamente", fala o estói.

co que lavou a orelha com vinagre picante, "aceito o restante; supprime aquele 'é lícito' e o 'como quero'."

- "Depois que, graças à varinha, me tornei meu pelo pretor, por que não me é lícito tudo quanto a vontade ordena, exceto o que proíbe a rubrica de Masúrio (38)?"

Aprende! Mas que caia do teu nariz a ira e a careta franzida, enquanto te arranco do pulmão as velhas avós (39). Não cabia ao pretor conceder aos ignorantes os deveres delicados das coisas e permitir-lhe o exercício da célere vida; mais rapidamente terias ajustado uma sambuca a um grande vadio (40). Falando secretamente à orelha, a razão se opõe a que se permita fazer o que alguém, ao fazer, corromperá. A lei pública dos homens e a natureza contêm este preceito sagrado, para que a ignorância tenha por proibidos os atos delicados. Dissolves helêboro, não sabendo parar o fiel da balança no ponto certo: a natureza do curar proíbe isto. Se, calçando as suas botas altas, um lavrador exige para si um navio, desconhecendo as estrelas (41), Melicerto (42) exclamará que o pudor desapareceu do mundo (43). A arte (44) deu-te um viver seguro (45) e és experiente em distinguir a verdade daquilo que tem apenas a sua aparência, para que nada possa tinir falsamente como o cobre folhado a ouro? O que se deve perseguir e o que, por sua vez, se deve evitar, já marcaste, aquele com giz e este com carvão (46)? És moderado em teus desejos. Tens casa modesta? És cordial com os amigos? Fechas e abres convenientemente os teus celeiros? Podes passar por sobre uma moeda presa na lama e não engolir pela garganta adentro a saliva de Mercúrio (47)? Quando disseres honestamente: "Essas coisas são minhas, eu as tenho", que sejas livre e sábio, não só pelos pretores, como também pelo Júpiter propício. Se, pelo contrário, tu, que há pouco eras da mesma farinha que eu, manténs a tua velha pele e, tendo lavado apenas a fronte, con-

servas no peito corrupto a raposa astuta, retiro o que concedera acima e reduzo a corda. Nada te concedeu a razão; mostra o dedo (48), erras; e o que é tão pequeno? Mas não sacrificarás com incenso algum, para que uma pequena parcela da verdade esteja com os insensatos. Misturar estas coisas é impiedade (49) e, já que és, aliás, cavador, não dançarás nem três passos do sátiro Bátilo (50).

- "Eu sou livre."

De onde veio o que te imputas, tu que és submisso a tantas coisas? Apenas desconhece senhor quem foi alforriado pela varinha? Se ele grita "Vai, escravo, leva as almofaças aos banhos de Crispino (51)", ficas parado como um palerma. A escravidão não te abala e não há nada que penetra em ti e agita os teus nervos (52); mas, se dentro de ti e ~~em~~ teu fígado doente (53) nascem senhores, em que sairias mais impunemente que aquele a quem o azorrague e o medo do senhor impelem para as almofaças?

Pela manhã, roncas preguiçoso.

- "Levanta-te!", diz a Avareza. "Eia! Levanta-te!"

Tu negas e ela insiste:

- "Levanta-te!"

- "Não posso."

- "E que farei?"

- "E ele pergunta! Vamos! Traze do Ponto peixes, castôreo, estopa, ébano, incenso, vinhos lubrificantes de Cós. Sê o primeiro a tirar a pimenta, chegada há pouco, do camelo sedento. Troca alguma coisa! Jura!"

- "Mas Júpiter ouvirá?"

- "Ah! estúpido, passarás a vida satisfeito em furar com o dedo um saleiro (54) já muito usado, se pretendes viver com Júpiter."

Com a túnica arregaçada (55), encarre-

gas os escravos da pele e do vaso de vinho. Depressa para o navio. Nada se opõe a que, em um grande navio, percorras rapidamente o Egeu, a não ser que, antes, a sa-gaz Luxúria não te aconselhe à parte:

- "Para onde te precipitas, demente? Para onde? Que queres para ti? Sob teu peito ardente, in-flamou-se a máscula bÍlis, que uma urna de cicuta (56) não poderia arrefecer? Transporás o mar? Cearás, apoian-do-te no cânhamo retorcido, no banco do remador, e um vaso de longa base recenderá o vinho rosé de Veios es-tragado pela pez? Que procuras? Que o capital que ali-mentavas aqui, a modesto quicunque, te renda, com esfor-ço, ávidos deunces (57)? Sê indulgente com o Gênio; a-proveitemos as doçuras da vida; é nosso o que vives; tornar-te-ás cinza, manes e assunto de conversas. Vive lembrando-te sempre da morte. O tempo foge, o que eu fa-lo já pertence ao passado."

Vamos! Que fazes? És atraído para senti-dos opostos por dois anzóis. Segues a este ou àquele? Convém que te submetas alternadamente aos senhores por obediência dupla e que, alternadamente, erres de um pa-ra outro.

E, quando resistires uma só vez e te re-cusares a obedecer à ordem inimente, não dirás: "Rompi os laços"; pois a cadela que, lutando, arranca o laço, quando foge, grande parte da correia é arrastada por seu pescoço (58).

- "Davo, depressa, ordeno que creias nisto; pretendo abandonar as dores do passado", diz Que-réstrato (59), roendo as unhas até o sangue. "Acaso se-rei uma desonra a meus parentes sóbrios? Acaso destrui-rei o patrimônio do meu pai com barulhos sinistros e em f-rente de uma casa obscena, enquanto, embriagado e com a tocha apagada, canto diante das portas molhadas de Crísíde?"

- "Muito bem, rapaz! És sábio; sacrifi-

ca uma ovelha aos deuses liberadores (60)."

- "Mas, Davo, julgas que ela chorará, ao ser abandonada?"

- "Dizes tolices, rapaz, serás castigado por uma sandália vermelha. Não te queiras agitar nem roer as malhas estreitas, agora que estás furioso e violento. Mas, se ela te chamar, dirás sem demora: 'Que farei, então? E agora que ela me procura e até mesmo implora, eu não irei?' Se saíste de lá inteiro e intacto, nem mesmo agora."

Aqui; aqui está o que procuramos e não na varinha, que brande um litor insensato. Tem poder sobre si mesmo o adulator a que, boquiaberto, arrasta a branca Ambição (61)?

- "Não durmas e oferece liberalmente grão-de-bico ao povo que o disputará, para que os velhos heliófilos possam lembrar-se dos nossos jogos florais (62)".

Que há de mais belo? Mas, quando chegam os dias de Herodes e quando, dispostas na janela engordurada e ornadas com violeta, as lanternas vomitam uma espessa névoa, quando nada a cauda do atum, a brangendo a travessa vermelha, quando a jarra branca está cheia de vinho, moves os lábios, calado, e empalideces diante dos sâbados circuncisos (63). Vêm, então, os negros lêmures (64) e os perigos do ovo quebrado (65); depois os grandes galos (66) e a sacerdotisa vesga com o sistro (67) ameaçam-te com os deuses que inflam os corpos, se não comeres, três vezes pela manhã, a cabeça de alho que foi prescrita.

Se tratares destas coisas entre centuriões varicosos, o enorme Pulfênio, sem demora, rirá estrondosamente e, querendo comprar com gregos, oferecerá cem asses incompletos.

NOTAS A SÁTIRA V

- 01- Cf. p. 72-3 deste trabalho.
- 02- Não foi possível traduzir a imagem contida em *fabula hianda*, v. 3, com que Pêrsio procura sugerir a visualização não só da máscara trágica, como também do próprio desempenho do ator.
- 03- A guerra entre romanos e partas parece ter sido tema frequente de pequenos poemets épicos ou descritivos. Horácio referiu-se a ela por duas vezes (*Od.* II, 13, 17-18: "*miles sagittas et celerem fugam Parthi...*" e *Sat.* II, 1, 15: "...*aut labentis equo describit uulnera Parthi.*").
- 04- O substantivo *offas*, v. 5, reflete, sem dúvida, o desprezo de Cornuto pela poesia grandiloquente que Pêrsio simula compor nos versos 1-4. Segundo Festo (282, 13 Lindsay ² apud Dolç, opus cit., p. 193) *offa* era "*abscissum globi forma, ut manu glomerata puls*", ou seja, uma espécie de almôndega (!) ou bolinho de farinha.
- 05- O *Helicon*, montanha da Beócia, era consagrado a Apolo e às musas. As suas *nebulae* representam mais uma investida irônica de Pêrsio contra os escritores que aspiravam ao sublime. *Nebula* era, metaforicamente, empregado em diversas expressões proverbiais, como se pode ler em Plauto (*Pseud.* 463, *Capt.* 1023, *Cas.* 847) e Horácio (*A. P.* 230).
- 06- A expressão "...*aut Prognos...* ...*aut olla Thyestae*", v. 8, vazada em termos irônicos, designa perifrasticamente as tragédias cujo argumento fossem as desventuras de Tereu e Tieste. Cf. p. 46 deste trabalho.
- 07- Segundo o que se pode depreender do texto, *Glicão* foi um péssimo ator trágico, que se comprazia com as representações dos banquetes de Tieste e Tereu. O escoliasta de Pêrsio apresenta uma descrição pormenorizada de Glicão: "...*fuit sta-*

tura longae, fusci corporis, labio inferiori demisso, antequam subornaretur, deformis, nescius iocari, propter quod eum insulsum Persius dixit.", apud Perreau, opus cit., p. 178.

08- Em "*Tu neque anhelanti... / Folle premis uentos*", v. 10-11, parece haver uma imitação do espírito dos versos horacianos "*At tu conclusas hirquinis follibus auras / usque laborantis dum ferrum molliat ignis...*", Sat. I, 4, 19-20.

09- Há, aparentemente, contradição entre *clauso murmure*, v. 11, *tecum graue*, v. 12, e *cornicar*, v. 12, que é, aliás, um verbo criado por Pérsio para designar o grasnar da *cornix*.

O poeta, contudo, fala do murmúrio "*cheio de ênfase que deixam ouvir os poetas trágicos*", quando recitam para si mesmos o que acabam de compor. (Dolç, opus cit., p. 195).

10- Mantivemos na tradução a onomatopéia do latim *scloppus*, apenas transliterando-a para o português, já que em nossa língua não encontramos expressão equivalente.

Pérsio pretendeu verbalizar o ruído produzido pelo ar que sai da boca, quando as bochechas são comprimidas rápida e violentamente.

11- Cf. p. 40 deste trabalho.

12- Segundo o escoliasta de Pérsio, *pallentis radere mores* é uma metáfora calcada na medicina: "*ut medici radere dicuntur carnem de uulneribus, dum ad ui eum perueniant, quo facilius curent*", apud Dolç, opus cit., p. 196. Assim, para Pérsio, os maus costumes, considerados enfermidades da alma, podem ser reconhecidos através de sintomas físicos, pela lividez, representada, neste passo, pelo particípio *pallentis*. Cf. p. 74-5 deste trabalho.

13- Aludindo inesperadamente à comida da plebe, Pérsio.

estabelece nítida oposição, já sugerida por *uerba togae*, v. 14, entre os argumentos trágicos e a poesia que ele compõe.

- 14- Com a oração "*pagina dare pondus idonea fumo*", v. 20, Pêrsio reflete o espírito do verso de Horácio em *Ep. I*, 19, 41-42: "*Spissis indigna theatris / scripta pudet recitare et nugis addere pondus*".
- 15- *Pictae tectoria linguae*, v. 25, é uma metáfora sugerida pelo hábito de se golpearem, com os nós dos dedos, paredes ou colunas para verificar-se o material de que são construídas. *Tectorium* é o revestimento de estuque, imitando pedra; *pictae linguae* alude aos enfeites da língua, à linguagem figurada.
- 16- Até os dezessete anos, o *puer* trajava a *toga praetexta*, toda branca, com uma faixa de púrpura. Chama-a Pêrsio de *custos purpura*, v. 30, porque ao *puer*, a quem, pois, trajava a *toga praetexta*, eram vedadas determinadas ações, como dirigir-se à Suburra, por exemplo. A *praetexta* era substituída pela *toga uirilis* nas festas chamadas *Liberalia*, celebradas a 17 de março.
- 17- A caracterização de *Laribus* pelo epíteto *subcintis*, v. 31, é explicada pela própria iconografia dos *Lares*: eram eles representados com a toga ligeiramente recolhidas sobre o ombro esquerdo, deixando nu o direito, ou com túnica curta. A interpretação mais plausível remete-nos à segunda das possibilidades expressas.
- 18- Na cerimônia com que oficialmente ingressava na puberdade, o *puer*, já *adolescens*, consagrava aos Lares, além da própria *praetexta*, também a *bullae*, pequena jóia-amuleto que os *pueri* levavam presa ao pescoço; era, em geral, formada por duas placas côncavas justapostas, de forma arredondada

estabelece nítida oposição, já sugerida por *uerba togae*, v. 14, entre os argumentos trágicos e a poesia que ele compõe.

- 14- Com a oração "*pagina dare pondus idonea fumo*", v. 20, Pêrsio reflete o espírito do verso de Horácio em *Ep. I*, 19, 41-42: "*Spissis indigna theatris / scripta pudet recitare et nugis addere pondus*".
- 15- *Pictae tectoria linguae*, v. 25, é uma metáfora sugerida pelo hábito de se golpear, com os nós dos dedos, paredes ou colunas para verificar-se o material de que são construídas. *Tectorium* é o revestimento de estuque, imitando pedra; *pictae linguae* alude aos enfeites da língua, à linguagem figurada.
- 16- Até os dezessete anos, o *puer* trajava a *toga praetexta*, toda branca, com uma faixa de púrpura. Chama-a Pêrsio de *custos purpura*, v. 30, porque ao *puer*, a quem, pois, trajava a *toga praetexta*, eram vedadas determinadas ações, como dirigir-se à Suburra, por exemplo. A *praetexta* era substituída pela *toga uirilis* nas festas chamadas *Liberalia*, celebradas a 17 de março.
- 17- A caracterização de *Laribus* pelo epíteto *subcinctis*, v. 31, é explicada pela própria iconografia dos *Lares*: eram eles representados com a toga ligeiramente recolhidas sobre o ombro esquerdo, deixando nu o direito, ou com túnica curta. A interpretação mais plausível remete-nos à segunda das possibilidades expressas.
- 18- Na cerimônia com que oficialmente ingressava na puberdade, o *puer*, já *adolescens*, consagrava aos *Lares*, além da própria *praetexta*, também a *bullae*, pequena jóia-amuleto que os *puerī* levavam presa ao pescoço; era, em geral, formada por duas placas côncavas justapostas, de forma arredondada

ou de um coração; seu interior era oco para que nele se pudessem guardar filactérios ou fórmulas mágicas.

- 19- A *toga uirilis* é designada pela sinédoque *candidus umbo*, empregada em clara oposição à *toga praetexta* que possuía tarjas vermelhas. Na sua acepção própria, *umbo* era a protuberância central do escudo; empregado metaforicamente, designava o nó que se fazia com as dobras da toga, à altura do peito.
- 20- *Suburra* foi um bairro populoso e mal afamado, ao pé do Quirinal, Viminal e Esquilino; em suas ruas, encontravam-se as prostitutas. Os jovens podiam frequentá-los somente após ter recebido a *toga uirilis*.
- 21- Alusão ao símbolo criado por Pitágoras de Sâmio, de que já se tratou na nota 25 da Sátira III.
- 22- Neste passo, *coração socrático* equivale a *coração estóico*. Todo o pensamento de Sócrates voltou-se ao esforço para atingir a autonomia, o domínio interior, objetivo que também foi buscado pelos estóicos; para estes, pode-se dizer, Sócrates foi o símbolo do homem sábio; é o que testemunha, por exemplo, Epícteto, *Manual*, XLVI e LI: "...Lembrete de que Sócrates em tudo rejeitou também toda a ostentação e fausto." "É assim que Sócrates chegou à perfeição, servindo-se de todas as coisas para o seu progresso, seguindo sempre somente a razão."
- 23- Cf. p. 73 deste trabalho.
- 24- Cf. p. 73 deste trabalho.
- 25- Com o verso 50 ("*Saturnumque grauem nostro Ioue frangimus una*"), Pérsio rende graças a Júpiter por conservar a sua união com Cornuto, a despeito de Saturno.
Júpiter é o pai dos deuses, dos homens e o criador da natureza; Saturno, associado a Cronos, é,

por oposição, o tempo, a idade, a que nada resiste. Pêrsio pode estar-se referindo, também ao astro Saturno, que era portador do mau agouro, conforme se pode ler em Horácio, *Od.* II, 17, 22-24: "...*te Iouis impio / tutela Saturno refulgens / eripuit uolucrisque Fati.*" e em Juvenal, VI, 569-570: "*Haec tamen ignorant quid sidus triste minetur / Saturni...*".

26- Segundo Plínio, *H. N.* XII, 26, o *rugosum piper*, ou seja, a pimenta da Índia, era mais precioso que o italiano; era denominado *rugosum*, porque era deixado ao sol para enrugar-se e adquirir cor escura. Dos *pallentis grana cumini* fazia-se um medicamento que, ainda segundo Plínio, *H. N.* XX, 159, era empregado contra os males do estômago. Bebido com água e vinho, produzia a palidez; daí Pêrsio chamá-lo *pallentis*.

27- O primeiro hemistíquio do verso 57 ("*Hic campo indulget...*") é de intensa obscuridade; o nome *campus* designa não só a planície em geral (cf. Caes., *G.* VII, 79, 3: "...*erat ex oppido despectus in campum.*"), mas também a planície cultivada (cf. Vergílio., *Buc.* IV, 28: "...*molli flauescet campus arista.*"). A primeira interpretação possível associa *campus* à agricultura; esta associação, contudo, não parece bem fundamentada: a posição de Pêrsio nestes versos é lamentosa; a agricultura é atividade útil; logo, não poderia ele lamentar-se por alguém entregar-se a ela. A segunda interpretação assenta-se no fato de que *campus*, empregado absolutamente, pode designar o *campus Martius*; sabe-se que no campo de Marte se faziam os comícios, passavam-se as tropas em revista, os cônsules procediam ao recenseamento, os generais vitoriosos aguardavam o triunfo à frente de sua tropa e se entregavam os romanos aos jogos ao ar livre; neste caso, *campo indulget*, v. 57,

deve ser lido como *entrega-se ao Campo de Marte*, ou como *entrega-se às atividades do Campo de Marte*. Perreau, opus cit., p. 191, vê, neste verso, uma simples menção "*aos jogos brilhantes e vãos do Campo de Marte, os combates dos gladiadores, a corrida a pé ou em carros, etc.*".

28- Segundo Dolç, opus cit., p. 267, Pérsio se serve dos termos *crassos dies* e *lucem palustrem*, v. 60, para dizer "*vida malbaratada no vício*". O emprego dessas expressões é explicado por Dolç como sendo uma alusão "*à obesidade proverbial dos beócios, devida, segundo se acreditava, à atmosfera do seu país pantanoso*", locus cit.

29- O verso 61 ("*Et sibi iam seri uitam ingemuere relictam*") sintetiza o pensamento estóico acerca da punição que poderiam acarretar os pecados, como já se viu na nota 14 da sátira III.

30- Com o termo *nocturnis chartis*, v. 62, Pérsio contrapõe Cornuto a todo o quadro anterior. É desnecessário observar que *nocturnis chartis* está empregado metonimicamente.

Pérsio parece ter imitado aqui o espírito do verso "*nocturna uersate manu...*", Horácio, A.P. 269.

31- O sintagma *fruge Cleanthea*, v. 64, constitui uma metáfora designativa dos ensinamentos estóicos ministrados por Cornuto; Cleanto foi o mais célebre dos discípulos de Zenão, sendo seu primeiro sucessor e mestre de Crisipo.

32- Vale registrar aqui o epigrama V, LVIII, de Marcial, que parece basear-se no pensamento de Pérsio:

*"Cras te uicturum, cras dicis, Postume, semper:
dic mihi, cras istud, Postume, quando uenit?
Quam longe cras istud! ubi est? aut unde petendum?
nunquid apud Parthos Armeniosque latet?
Iam cras istud habet Priami uel Nestoris ainos.*

Cras istud quanti, dic mihi, possit emi?
Cras uiues? hodie uiuere, Postume, serum est:
ille sapit quisquis, Postume, uixit heri."

33- Alusão ao ritual da *manumissio per uindictam*.

Senhor e escravo dirigiam-se a um juiz revestido do *imperium*. Outro cidadão reivindicava a liberdade para o escravo, tocando-lhe a cabeça com a *uindicta*, dizendo: *hunc hominem liberum esse aio*. O senhor concordava e o magistrado pronunciava a fórmula *hunc hominem liberum esse uolo*; dava-lhe, depois, um ligeiro sopro e o fazia dar uma volta, a *uertigo*, sobre si mesmo.

34- *Dama* parece ser um nome de valor genérico que Pêrsio importou de Horácio ("*Tunc Syri Damae aut Dionysi filius, audes...*", *Sat. I, 6, 38*). Segundo nota de Villeneuve, apensa a este mesmo verso de Horácio, "*os escravos sírios eram pouco estimados*". Acrescentando-se à lição de Villeneuve a situação contextual em que o nome aparece em Pêrsio, não é inexato afirmar que *Dama* designa um escravo desprezível.

35- É fato sabido que os libertos tomavam o nome e o prenome de seus senhores, tendo como *cognomen* o nome de escravo.

Tiro, escravo de Cícero, passou a chamar-se, uma vez liberto, *M. Tullius Tiro*.

Com fina ironia, pela anteposição de *Marcus* a *Dama*, mostra Pêrsio que o escravo já se havia tornado cidadão romano.

36- O *pileus* e a toga branca eram privilégios dos cidadãos; com a alforria o novo quirite adquiria o direito de usar o píceo, espécie de chapéu, símbolo da liberdade.

37- Afirmação hiperbólica do homem que se julga mais livre que Bruto, porque havia sido alforriado, embora não sabendo o que fosse liberdade.

Pêrsio talvez se refira a *L. Iunius Brutus*, pri-

meiro cônsul de Roma, que eliminou os Tarquínios e, segundo Dolç, opus cit., p. 213, se converteu em símbolo proverbial de independência.

- 38- Masúrio Sabino foi um célebre jurisconsulto do tempo de Tibério. Foi autor de obras de Direito Civil, nas quais comentava disposições legais antigas e contemporâneas (cf. Ramorino, opus cit., p. 77, e Dolç, opus cit., p. 214).

Explica-se o emprego de *rubrica* pelo fato de se escreverem em vermelho os títulos ou as primeiras palavras de cada lei; assim, por sinédoque, *rubrica* passou a designar os textos ou páginas das disposições legais.

- 39- cf. p. 47 deste trabalho.

- 40- A *sambuca* era uma lira semelhante à harpa.

Com esta comparação, pretende Pêrsio aproximar a arte da vida à da música; para um bom desempenho com a *sambuca*, é preciso conhecê-la, estudá-la. Do mesmo modo, para bem viver, o homem precisa estudar, isto é, conhecer o estoicismo.

- 41- Pêrsio reflete, neste passo, o espírito dos versos de Horácio em *Ep.* II, 1, 114-116: "*Nauim agere ignarus nauis timet; habrotonum aegro / non audet nisi qui didicit dare; quod medicorum est / promittunt medici, tractant fabrilia fabri.*"

- 42- Herói da mitologia grega, filho de Atamas e de Ino, honrado como divindade marinha.

- 43- A oração *perisse frontem de rebus*, v. 103-104, parece espelhar o verso de Horácio "...*clament perisse pudorem*", *Ep.* I, 2, 80.

- 44- Sêneca, *Ep.* CXVII, 12, escreveu que "*sapientia est mens perfecta, uel ad summum optimumque perducta; ars enim uitae est.*" O pensamento de Sêneca esclarece o sentido de *ars*, v. 105: Pêrsio empregou-o em lugar de filosofia, sabedoria.

- 45- A tradução que demos a *tibi recto uiuere talo ars dedit*, a arte deu-te um viver seguro, não apresenta a imagem do original. Além de provar a comparação da vida a uma representação teatral, como já se viu na p. deste trabalho, é também uma imitação do verso horaciano "*securus, cadat an recto stet fabula talo.*" - Ep. II, 1, 176.
- 46- Da mesma forma que se marcam com pedras brancas os dias felizes e, com negras, os infelizes, cf. nota 2 da sátira II, deve o filósofo assinalar com a cor branca os atos que convém empreender e com a negra as ações que é necessário evitar.
- 47- Segundo o escoliasta, com o verso 111 ("*Inque fixum possis transcendere nummum*") Pêrsio alude ao costume de as crianças colarem, com chumbo, uma moeda no chão e observarem os transeuntes que se abaixavam para, inutilmente, tentar pegá-la, o que produzia hilaridade - apud Ramorino, opus cit., p. 79.
- A expressão *saluam Mercurialem*, v. 112, tem ocasionado interpretações díspares.
- Mercúrio, que recebeu os epítetos de *Negotiator*, *Nundinator*, *Lucri Conseruator*, era, essencialmente, o deus do lucro, do ganho. Perreau, opus cit., p. 199, afirma que "*os antigos representavam o ouro e as pérolas na boca do deus da eloquência, do comércio e dos ladrões, Mercúrio. Assim, a saliva de Mercúrio é o ouro e as pérolas que lhe saem da boca.*" Vismara, opus cit., p. 38, e Dolç, opus cit., p. 219, sugerem ser esta uma expressão idiomática do campo semântico de "*fazer vir água à boca*" ou "*estar com água na boca*".
- 48- A oração *digitum exserere*, v. 119, é, sem dúvida, uma construção variante de *digitum proferre* ou *porrigere* que, segundo Ramorino, opus cit., p. 81, e Dolç, opus cit., p. 221, foi uma frase usual entre os estóicos para designar uma ação sem valor.

- 49- A primeira parte do verso 122 ("*Haec miscere nefas...*") consubstancia o dogma estóico, segundo o qual não se fundir sabedoria e ignorância, virtude e vício.
- 50- Bátilo, liberto de Mecenas, foi um célebre dançarino do tempo de Augusto; juntamente com Píla de gozou da glória do teatro romano nos tempos de Augusto (cf. Sêneca, *Contr.* III, 10; Phaedr. V, 7, 15, Juvenal, VI, 63.).
- 51- Crispino é um nome que não designa ninguém em particular.
O verso 126 ("*I, puer, et strigiles Crispini ad balnea defer*") reproduz abruptamente a ordem da da a um escravo.
A *strigilis* era uma espécie de almofaça de metal ou de couro, com que o *alíptes* friccionava a pele do seu senhor; para suavizar a fricção, as bordas da *strigilis* eram untadas com azeite.
- 52- Os versos 128-129 ("*...nec quicquam extrinsecus intrat, / Quod neruos agitet...*") aludem ao *neuropaston*, bonecos movidos por meio de fios.
- 53- O fígado, como já se viu na nota 11 da sátira I, era considerado a sede das paixões.
- 54- O verso 138 ("*...regustatum digito terebrare salinum*") foi, segundo Dolç, opus cit., p. 225, calcado sobre o provérbio *terebrare salinum* que significaria *fazer tolices, coisas sem proveito*. Em Pérsio, a construção adquire configuração especial, ironicamente hiperbólica, com o emprego de *regustatum* (= *etiam et etiam gustatum*) e pelo uso do substantivo *digito*, já que os pobres não deveriam usar uma colher exclusiva para o sal. Já se viu que *salinum* foi o símbolo da mesa frugal (cf. III, 25).
- 55- O adjetivo *succinctus*, v. 140, retoma a imagem sugerida por *subcinctis Laribus*, v. 30, pois, durante as viagens, os romanos trajavam uma toga

mais curta que as usuais.

56- Para os antigos (cf. Sêneca, *Ep.* XCIV, 17: "*scilicet bilis nigra curanda est et ipsa furoris causa remouenda.*"), a *bilis* era considerada a causa da loucura; deste modo, a oração "*calido sub pectore mascula bilis / Intumuit...*", vv. 144-145, é uma perífrase que retoma a idéia do *insane*, v.143. *Vrna cicutae*, v. 145, constitui uma hipérbole, vazada em termos irônicos; a *urna*, medida de capacidade, era propriamente meia ânfora, cerca de treze litros. Segundo Plínio (*H. N.* XXV, 12: "*cicutae semini et foliis refrigeratoria uis; fit ex eo ad refrigerandum stomachum malagma; folia tumorem omnem doloremque sedant.*"), das sementes e folhas da cicuta fazia-se uma poção medicamentosa utilizada para problemas do estômago e como sedativo para as dores em geral, além de amenizar as inflamações biliares.

57- O *quicunx* equivalia a 5/12 de um todo qualquer; o *deunx* a 11/12. Considerando o período "*Vt nummi... quos ... nutrieras...peragunt auidos sudore deunces*", vv. 149 e 150, vê-se uma referência direta à usura.

Para Vismara, opus cit., p. 40, o *quicunx* correspondia a um ganho de capital de cerca de 41%; o *deunx* praticamente duplicava o capital com um lucro de cerca de 91%. Para Ramorino, opus cit., p. 84, e Dolç, opus cit., p. 228, o *quicunx* equivalia a um lucro de 5%, enquanto o *deunx* a um lucro de 11%.

58- A imagem expressa pelos versos 159-160 ("*Nam et luctata canis nodum abripit, at tamen illi, / Cum fugit, a collo trahitur pars longa catenae.*") parece ter sido frequente entre os poetas que, mesmo que rapidamente, trataram de problemas morais; como Horácio ("*...Quae belua ruptis / cum semel effugit, reddit se praua catenis?*", *Sat.* II, 7,

70-71) e Sêneca ("...laxam catenam trahit nondum liber, iam tamen pro libero." - de Vita beata XVI.).

- 59- Nos versos 161-174, Pêrsio apresenta um exemplo de escravidão interior, a tirania da paixão amorosa.

Neste quadro, o jovem senhor Querêstrato dirige-se ao escravo Davo, manifestando-lhe o desejo de romper as relações amorosas com Crísis.

O escoliasta de Pêrsio atesta que esta cena é uma imitação de uma passagem do *Eunuchus* de Menandro ("Hunc locum de Menandri Eunucho traxit, in quo Dauum seruum Chaerestratus adolescens alloquitur, tanquam amore Chrysidis meretricis derelictus; idemque tamen ea reuocatus, ad illam redit." - apud Perreau, opus cit., p. 208.).

- 60- Dava-se o epíteto *depellentes* a Castor e Pollux, aos quais se oferecia um sacrifício, quando se pretendia fugir a um grande mal.

Os deuses a que Pêrsio denomina *depellentes*, eram ordinariamente invocados sob o nome de *auer-runci*.

- 61- Além de designar a própria *Ambição*, *Ambitio* era o nome dado às negociações a que procediam os candidatos a cargos eletivos para solicitar votos; o ajetivo *cretata* indica claramente essas negociações já que, como se sabe, os candidatos usavam na campanha eleitoral a *toga candida*. Deve registrar a personificação da *Ambitio*, que aparece em lugar do próprio candidato.

- 62- Nos versos 177-179 a *Cretata Ambitio* dirige-se a um candidato, aconselhando-o a distribuir legumes ao povo e a encarregar-se dos jogos Florais, que eram celebrados em honra de Flora, de 28 de abril a 3 de maio. Neste passo, contudo, *Floralia* comporta-se como uma metonímia por qualquer

tipo de espetáculo em que se pediam votos ao povo.

- 63- Ramorino, opus cit., p. 87-88, e Dolç, opus cit., p. 234-235, entendem que a expressão *Herodis dies*, v. 180, menciona o genetlício de Herodes, solenemente celebrado pelos herodianos.

Provavelmente, porém, o sintagma *Herodis dies* foi utilizado por Pêrsio como uma expressão perifrástica para as festas dos judeus, *reccutita sabbata*, v. 187.

Os versos 180-184 apresentam uma descrição irônica, ainda que concisa, de alguns aspectos dessas solenidades: *Vncta fenestra* sugere dupla interpretação: a janela poderia estar engordurada por efeito da *pinguis nebula*, v. 181, ou então, da sua própria sujeira (cf. Dolç, locus cit.).

Quanto a "*dispositae... ..lucernae / Portantes uíolas*", v. 181-182, os hebreus costumavam pôr, nos dias de festa, lâmpadas acesas nas janelas, enfeitando-as com flores; essas lâmpadas lançavam uma *pinguem nebulam* devido à fumaça produzida pela combustão do azeite. Sêneca (*Ep. XCV*, 47: "*Quomodo sint dei colendi solet praecipi. Accendere aliquem lucernas sabbatis prohibeamus, quoniam nec lumine dii egent et ne homines quidem delectantur fuligine*") já havia condenado tal costume.

- 64- Os *nigri lemures*, v. 180, eram as *sombras* dos mortos, que voltavam à terra para atormentar os seus descendentes. Conjuravam-se seus influxos maléficos mediante a cerimônia denominada *Lemuria*.

- 65- A segunda parte do verso 185 ("*...ouoque pericula rupto*") alude a uma variante da piromancia.

Interpretando a lição do escoliasta de Pêrsio, Perreau, opus cit., p. 212, Ramorino, opus cit., p. 88, e Dolç, opus cit., p. 230, afirmam que os sacerdotes, que procediam aos sacrifícios para conjurar os perigos, faziam cozer um ovo diretamente sobre o fogo. O pior presságio era a quebra do ovo;

se o ovo se mantivesse inteiro, os sacerdotes, para poder apresentar o presságio, deveriam observar por que lado ele transpirava.

66- Os *grandes Galli* eram os coribantes ou sacerdotes de Cibele. Ramorino, opus cit., p. 88, e Dolç, opus cit., p. 230, explicam o epíteto *grandes*, argumentando que, normalmente, os sacerdotes de Cibele eram de elevada estatura; eram denominados *Galli* em virtude de Cibele ser particularmente cultuada na Frígia, região do rio *Gallus*.

67- A *lusca sacerdos*, v. 186, a que se refere Pêrsio, é, sem dúvida, uma sacerdotisa da deusa *Ísis*, indicada muito claramente por um dos seus atributos, o sistro.

O adjetivo *lusca* tem levado os comentadores de Pêrsio a interpretações distintas: Perreau, opus cit., p. 212, e Vismara, opus cit., p. 42, apóiam-se na lição do escoliasta, atribuindo a caracterização *lusca* a "*nubiles deformes, cum maritos non inueniant, ad ministeria deorum se conferant*".

Dolç, opus cit., p. 230, afirma que o fato de a sacerdotisa ser *lusca* se deve a um castigo infligido pela deusa, pois "*acreditava-se que Ísis tirava a vista aos que excitavam o seu enfado*"; é a esse castigo que parece Juvenal referir-se em XIII, 93: "*Ísis et irato feriat mea lumina sistro*".

S A T I R A V I

TRADUÇÃO

Ó Basso (01), o inverno já te levou ao refúgio sabino (02)? Tua lira e as suas cordas austeras já se reanimam sob o teu plectro, ó admirável artista, que prolongas com os versos os sons antigos e os vigorosos acentos do alaúde latino e, logo após, agitas os amores jovens, e divertes-te com dedo honesto, ó notável velho (03)? Aquece-se para mim o litoral da Ligúria e inverte o meu mar, por onde os rochedos formam imensa parede e as praias se recolhem em muitos vales. É a ocasião, cidadãos, conheci o porto de Luna! - É o que ordena o coração de Ênio, depois que deixou de sonhar ser da Meônia, o Quinto que proveio do pavão pitagórico (04). Aqui, estou isento das preocupações do povo e do que o infeliz Austro (05) possa preparar ao meu rebanho, sem me inquietar de que a terra do vizinho seja mais fértil que a minha (06). Ainda que se enriqueçam todos os que nasceram de pais inferiores, recusar-me-ei a, arqueado por isso, ser torturado pela senilidade ou a cear com excessiva frugalidade (07) e a tocar com o nariz o selo de uma jarra azedada (08). Alguém poderá discordar disto. Ó Horóscopo, geras gêmeos de índole oposta: um há que, na solidão do dia do seu aniversário (09), matreiro, molhará o legume seco na salmoura comprada de um copo, espalhando ele mesmo, sobre o prato, a pimenta sagrada; o outro, menino magnânimo, consome com o dente a imensa fortuna. Eu usufruirei, usufruirei, nem faustoso, a ponto de servir rodovalhos aos meus libertos, nem hábil para reconhecer o gosto delicado do tordo fêmea (10). Vive somente da tua própria messe e mõi inteiramente o teu celeiro; é ordem dos deuses. Que temes? Esterroa e outra colheita está em erva. Mas o dever chama: soçobrado o seu navio, agarra-se um amigo necessitado aos rochedos de Brútio (11); sepultou todos os seus bens e os votos surdos (12) no mar Jônio e ele próprio jaz na praia, juntamente com os enormes deuses da popa (13); o madeirame do navio esvaçalhado já se oferece aos mergulhões. Quebra agora alguma coisa da terra fértil e ajuda ao necessitado para que ele não perambule pintado

em um quadro azul (14). O herdeiro, porém, negligenciará na ceia fúnebre (15); irritado porque diminuíste a fortuna, depositará os teus ossos inodoros na urna, de terminado a não saber se as caneleiras exalam impercep tivelmente ou se se adulteraram as cássias com cerejeira (16).

- "Diminuirás, então, os bens de quem está vivo?"

E Béstio (17) insiste com os mestres gregos:

- "Faz-se assim; depois que o saber chegou à cidade com a pimenta e as tâmaras <.....> este nosso desprovido de mar, os ceifeiros corromperam seus mingaus (18) com gordura espessa."

Quando estiveres além das cinzas, temerás estas coisas? Mas tu, meu herdeiro, quem quer que sejas, ouve, um pouco mais afastado da ~~multidão~~ multidão: ó ca-ro, porventura não sabes? Foi enviado por César um louro, por causa da extraordinária derrota da juventude germana; fazem-se cair dos altares as cinzas já frias, já as armas estão nos montantes das portas, já as clâmides dos reis, já as perucas amarelas para os prisio-neiros; Cesônia aluga os carros e os renos colossais (19). Então, por estes altos feitos apresento, com honra, aos deuses e ao gênio do general cem pares (20). Quem impede? Ousa! Ai de ti, se não fechas os olhos! Distribuo ao populacho óleo e pão e carne. Acaso te o-pões? Dize claramente!

- "Não aceito", dizes, "o campo está estéril."

Está muito perto; vamos! Se não me fi-cou nenhuma das tias paternas, nenhuma das primas ma-ternas, se não me resta nenhuma bisneta do tio paterno, se minha tia materna viveu estéril e se de minha avó nada sobrevive, vou a Bovilas e à colina de Vírbio (21). Está à minha disposição o herdeiro Mânio (22).

- "Um filho da terra (23)?"

Pergunta-me qual é meu trisavô (24);
darei, mas não prontamente. Acrescenta também um e
mais um também; já é filho da terra e, segundo o cos-
tume genealógico, este Mânio apresenta-se-me como ir-
mão da minha bisavô materna. Em que és o primeiro?
Por que me pedes a tocha enquanto eu corro (25)? Sou
Mercúrio para ti, venho para cá como deus, como ele
é pintado. Recusas? Queres contentar-te com o que
resta?

- "Falta alguma coisa ao total."

Diminuí-o para mim; para ti, porém,
é um todo; qualquer que seja. Foge de me perguntar o
que outrora me legara Tádio (26) e não digas: "Empre-
ga o patrimônio; acrescente-se o ganho do juro; su-
primam-se as despesas. Qual é o restante?" Restante?
Agora, unta agora mais energicamente, unta, escravo,
as couves (27). Ser-me-á cozida, em dia de festa, ur-
tiga e meia cabeça de porco com a orelha perfurada
(28), para que este teu neto (29), um dia qualquer,
empanturrado de fígado de ganso, enquanto sua veia
rabujenta saltita de prazer na virilha inconstante,
se satisfaça com uma patrícia (30)? Que me reste a-
penas o esqueleto, mas que lhe trema por causa da
gordura a barriga de sacrificador (31)?

Vende tua alma pelo lucro; negocia
e, esperto, agita todas as partes do mundo para que
não haja outro mais eficaz em apalpar os gordos ca-
padócios no rígido estrado (32). Duplica a fortuna.

- "Já o fiz! Já é o triplo; retor-
na-me pela quarta vez; dez vezes já. Indica onde de-
vo parar!"

Encontrou-se, ô Crisipo, quem ponha
termo ao teu sorites (33)?

NOTAS A SÁTIRA VI

- 01- Para Quintiliano, *Instit. orat.* X, I, 96, Bassus foi o maior lírico latino, após Horácio: "*At lyricorum idem Horatius fere solus legi dignus. Nam et insurgit aliquando et plenus est iucunditatis et gratiae et uariis figuris et uerbis felicissime audax. Si quem adicere uelis, is erit Caesius Bassus quem nuper uidimus, sed eum longe praecedunt ingenia uiuentium.*"
- 02- Sabe-se que os romanos poderosos e amantes da tranquilidade preferiam retirar-se de Roma não só no verão e no outono, como também em dezembro, para fugir à agitação das *Saturnales*. Segundo Dolç, opus cit., p. 240, o emprego de *focus* "evoca os costumes patriarcais e a simplicidade característicos dos sabinos".
- 03- Nos versos 2-6, em que se encontra um largo elogio a Basso, cumpre salientar a animização das cordas da lira pelo plectro de Basso; o adjetivo *tetricus*, caracterizador de *pectine*, deve aludir à poesia grave ou melancólica de Basso. Deve-se, também, notar o emprego de *ludus* na acepção de poesia amorosa, pois, como declara Dolç, "*ludere era verbo empregado para falar da poesia amorosa*" - opus cit., p. 242.
- 04- Cf. p.47-8 deste trabalho.
- 05- Deve-se ver nos versos 11-12 ("*...quid praeperet Auster / Infelix...*") uma alusão à possibilidade de o vento austral poder difundir peste entre o rebanho, já que o vento sul era considerado funesto não só para o rebanho, como também para as plantas (cf. Dolç, opus cit., p. 244). Estes versos são uma ressonância de Virgílio, G. I, 462: "*...quid cogitet humidus auster.*"
- 06- No verso 13 ("*...angulus ille*"), Pêrsio reproduz a expressão de Horácio em *Sat.* II, 6, 8 ("*...o si angulus ille*").

- 07- A oração *cenare sine uncto*, v. 16, literalmente *cear sem gordura*, foi, entre os romanos, um idiotismo pertencente ao campo semântico de *comer com excessiva grugalidade, avaramente*. Como expressão antônima, encontra-se no próprio Pérsio a oração *uncta uixisse patella*, IV, 17.
- 08- O verso 17 ("*Et signum in uapida naso tetigisse lagoena*") parece refletir Horácio em *Ep.* II, 2, 134: "*Et signo laeso non insanire lagoena*." Ambos os versos demonstram hiperbolicamente a extrema avareza dos senhores que lacravam as suas jarras de vinho para que os escravos não pudessem bebê-lo.
- 09- O sintagma *solis natalibus*, v. 19, é imitação da construção de Virgílio *sola sub nocte*, *En.* VI, 28.
- 10- O tordo era um peixe caro e muito apreciado pelos glutões, os quais, segundo o escoliasta de Pérsio, sabiam distinguir se o tordo era "*acina rius an celarius aut uiuarius... masculus... an femina*", apud Dolç, opus cit., p. 240.
- 11- O estreito de Messana, entre a Sicília e Brú-tio, tornou-se célebre pelos naufrágios que nele ocorriam.
- 12- Cf. p 51 deste trabalho.
- 13- Sabe-se que os antigos esculpiam ou pintavam, na popa do navio e no lado esquerdo do leme, as imagens das divindades que davam nome ao navio. É a essas estátuas ou pinturas, tidas como gênios tutelares, que se refere Pérsio. Segundo Perreau, opus cit., p. 235, parece ter sido costume agarrar-se a essas imagens como a mais segura forma de salvação nos naufrágios.
- 14- Cf. p. 64-5 deste trabalho.
- 15- A *cena funeris*, v. 33, a que alude Pérsio, é a

que se realizava após a incineração do cadáver; segundo a tradição, era composta de ovos, sal, legumes, galinha e pão. Era servida aos parentes e amigos do morto.

Ramorino, opus cit., p. 95, adverte que a *cena funeris* não deve ser confundida com o *silicernium* ou *feralis cena*, iguarias postas sobre as piras para as sombras dos mortos.

- 16- Após a incineração, dos ossos mais ou menos calcinados recolhia-se um, geralmente um dedo, que era o objeto da inumação propriamente dita. Guardavam-se os ossos restantes em uma urna funerária que era depositada na turba ou no *columbarium*.

Irritado diante do que considera dilapidação da fortuna, o herdeiro fechará os olhos às possíveis fraudes dos fornecedores das plantas odoríferas empregadas nas exéquias, já que era o encarregado de todas as despesas decorrentes das cerimônias fúnebres.

- 17- Possivelmente inspirado no *correctus Bestius* de Horácio (Ep. I, XV, 37), convertido em censor proverbial dos pródigos, Pêrsio põe em cena uma personagem que investe contra a filologia, contra os *doctores Graios*, v. 38.

- 18- Cf. p. 48 deste trabalho.

- 19- Nos versos 43-44 ("*...misa est a Caesare larus/ Insignem ob cladem Germanae pubis...*"), Pêrsio emprega *laurus* por *litterae laureatae*, a carta ornada com louro que o general vitorioso remetia ao Senado, comunicando-lhe a vitória. Embora Pêrsio não o nomeie diretamente, o *Caesar* a que se refere é, sem dúvida, Calígula, claramente indicado pelo nome da esposa, *Caesonia*, v. 47.

Todo o passo compreendido pelos versos 43-47, é

uma descrição irônica e extremamente concisa do triunfo dedicado a Calígula, por volta do ano 40 d.C., em virtude de suas campanhas ridículas contra germânicos e britânicos.

Nos versos 44-45 ("*et aris / Frigidus excutitur cinis*"), Pêrsio alude aos sacrifícios a que se procediam para agradecer aos deuses as vitórias conquistadas. O emprego do adjetivo *frigidus*, caracterizador de *cinis*, conota que, já há tempo, não se celebravam tais cerimônias.

Deve-se ressaltar o tom enfaticamente irônico dos versos 45-47 ("*...ac iam postibus arma, / Iam chlamydas regum, iam lutea gausapa captis / Essedaque ingestesque locat Caesonia Rhenos.*"), em que o poeta denuncia o zelo de Cesônia na organização do triunfo, ao alugar os objetos indispensáveis ao cortejo, já que, não havendo vitória, não poderia existir o botim. É nesse sentido que se deve entender a presença de *armas postibus*, v. 45 (as armas que se punham nas portas do templos e das casas dos soldados vitoriosos), de *chlamydas regum*, v. 46 (as clâmides reais, que deveriam vestir os que representariam o papel dos monarcas prisioneiros), de *lutea gausapa*, v. 46 (perucas amarelas para os supostos prisioneiros germanos), de *esseda*, v. 47 (os carros de duas rodas, usados por britânicos e gauleses), e, por fim, de *ingentes Rhenos*, v. 47 (estátuas ou pinturas gigantescas do Reno). Cf. Ramorino, opus cit., p. 96-97, e Dolç, opus cit., p. 252.

- 20- O texto de Pêrsio traz apenas *centum paria*, v. 48. Cartault e Perreau, contudo, traduziram "*cent paires de gladiateurs*"; Perreau justifica o emprego de "*de gladiateurs*", argumentando que "*nessa época os combates de circo agradavam bem mais ao povo que os sacrifícios, e os gladiadores eram mais comuns que as hecatombes*" (opus

cit., p. 241), após ter levantado a possibilidade de *centum paria* poder significar dupla hecatombe. Ramorino, opus cit., p. 97, e Dolç, opus cit., p. 253, apoiando-se em Horácio, *Sat.* II, 3, 85-86 ("...*gladiatorum dare centum / damnati populo paria...*"), entendem que haja a elipse de *gladiatorum*.

21- Bovilas foi uma pequena aldeia, a cerca de onze milhas de Roma, junto à qual se encontrava o *clivus Aricinus*, colina famosa na antiguidade, dado o grande número de mendigos que a procuravam (cf. Marcial, II, 19, 3; Virg. *Aen.* VII, 761; Juvenal IV, 117).

22- *Manius*, v. 56, é uma personagem historicamente desconhecida. Deve-se, contudo, supor que, entre os inúmeros mendigos existentes em Bovilas, Pêrsio escolherá um para herdeiro, desligado de todo e qualquer laço de parentesco.

Houve, contudo, um provérbio ("*Multi Manii Ariciae*") que, segundo Festo (128, 15, Lindsay), sugere que haviam existido muitos ricos em Bovilas, os quais, tendo sobrevivendo a decadência, em pobreceram de tal modo que se viram obrigados a mendigar - apud Ramorino, opus cit., p. 98, e Dolç, opus cit., p. 255.

23- A expressão *progenies terrae*, v. 56, foi, sem dúvida calcada em *filius terrae*, sintagma consagrado para indicar os indivíduos de ascendência desconhecida ou não muito bem conhecida. Cícero

(*Att.* I, 13, 14: "*huic terrae filio nescio cui committere epistulam tantis de rebus non audeo*") serviu-se de *filius terrae* para referir-se a um mensageiro que ele não conhecia bem. Sêrvio, em uma nota ao verso 9 do primeiro livro das *Geórgicas*, afirma que "*Achelous terrae filius fuisse dicitur, ut solet de his dici quorum per antiquitatem latent parentes*" (apud Dolç, opus cit., p.

255); Tertuliano, *Apologet.* 20, expõe a lição de que "*terrae filios uulguis uocat quorum genus incertum est*" (apud. Ramorino, opus cit., p. 98, e Dolç, opus cit., p. 255).

24- Literalmente *quartus pater*, v. 58, deveria ser traduzido por *quarto pai*. Segundo o costume, a ordem genealógica direta era *pater* ou *mater*, *auus* *proauus*, *abauus*, *atauus*, *tritauus*; pelo lado paterno, tinha-se *patruus*, *magnus patruus*, *maior patruus*, *maximus patruus*; pelo materno, *auunculus*, *magnus auunculus*, *maior auunculus*, *maximus auunculus*.

25- No verso 68 da sátira III, Pérsio compara a vida a uma corrida de bigas no estádio ou no circo; nesta sátira, no verso 61 ("*...cur me in decursum lampada poscas?*"), Pérsio compara-a a uma corrida em que os atletas passavam uma tocha para aqueles que deveriam substituí-los no percurso; esta corrida era conhecida como *lampadodromia*.

Nesta metáfora, a troca dos archotes significa a sucessão de gerações, conforme se pode ler em Lucrécio, II, 77-78: "*Inque breui spatio mutantur saecula animantum / Et, quasi cursores, uitae lampada tradunt.*").

26- Segundo Ramorino, opus cit., p. 99, e Dolç, opus cit., p. 257, o nome *Tadius*, frequente em inscrições, representa algum parente ou amigo, cuja herança havia recebido o poeta.

27- *Vngere caules* é, segundo Dolç, opus cit., p. 258, uma expressão proverbial do campo semântico de *gastar sem poupar despesas*; essa idéia é enfatizada pela repetição de *nunc*, v. 68, e da própria forma verbal *ungue*, vv. 68-69, com o emprego concomitante do advérbio *impensius*, v. 68, fato que vai conferir à passagem intensa ironia, já que o

herdeiro do poeta se mostra avesso a qualquer despesa que implicasse a diminuição da sua herança.

- 28- O sintagma *fissa aure*, v. 70, somente pode ser entendido se se tiver em mente o costume de se pendurarem, para a defumação, as cabeças de porcos, presas a um gancho pelas orelhas (cf. Ramorino, opus cit., p. 100, e Dolç, opus cit., p. 258).
- 29- Deve-se ressaltar o emprego do possessivo *tuus*, v. 71, no lugar de *meus*, que seria esperado; o uso da forma pronominal da segunda pessoa indica, por si só, que Pêrsio está, na realidade, dirigindo-se a si mesmo.
- 30- Os versos 72-73 ("*Cum morosa uago singultiet inguine, / Patriciae inmeiat uuluae?*") são de intensa agressividade.
Primeiramente há que se entender *uena* por *penis* (cf. Marcial VI, 49, 2; XI, 16, 5; IV, 66, 12) e *inmeiere* por *futuere* (cf. Horácio, *Sat.* II, 7, 52); pode-se, desse modo, compreender a oposição que Pêrsio estabelece entre *uago inguine*, v. 72 (amante vulgar) e *patriciae uuluae*, v. 72 (amante de alta linhagem). Cf. Cartelle, opus cit., p. 206.
- 31- Após a imolação da *uictima* ou *hostia*, o corpo do animal era aberto e separavam-se os *exta*, o coração, o fígado, os pulmões, o baço e os rins; as carnes, porém, eram distribuídas entre os assistentes. Após o exame dos harúspices, os *exta* eram queimados no altar, em honra das divindades.
No verso 74 ("*...ast illi tremat omento popa uenter?*"), deve-se salientar o emprego do substantivo *popa* em nítida função de adjetivo, caracterizando *uenter*. Pêrsio já se havia valido desse recurso em I, 96, no sintagma *heroas sensus*, em que o substantivo *heroas* é modificador de *sensus*.
- 32- Segundo Ramorino, opus cit., p. 101, e Dolç, opus cit., 260, os escravos da Capadócia eram de esta-

tura elevada e robustos, sendo negociados a alto preço.

Eram postos à venda em um estrado, para que pudessem ser examinados cuidadosamente pelos compradores; é dessa forma que se explica a presença de *plausisse* e *catasta*, v. 77.

- 33- O *aceruus*, v. 80, cuja autoria Pérsio atribui a Crisipo, é o sofisma denominado *sorites* ou o argumento dos montes; consistia em se afirmar que, se de um monte de trigo se tira um, não se tira nada e o monte permanece o mesmo. Assim, se um a um, fossem tirados todos os grãos, o monte não deveria diminuir, já que a soma de tantos "nadas" somente pode ser nada. Cf. Dolç, opus cit., p. 261.

Pérsio quer dizer que, analogamente, o avaro não encontrará limite à sua ambição de riquezas.

Crisipo, filósofo estóico, foi discípulo de Cleanto e dirigiu a escola estóica na segunda metade do século III a.C.

B I B L I O G R A F I A

I- Obras de referência

- ALI, M. S. *Acentuação e Versificação Latinas*. Rio de Janeiro, Simões : Ed., 1956.
- COMMELIN, P. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Tohomaz Lopez. São Paulo, Tecnoprint, 1965.
- ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*. 3^e édition, revue et corrigée. Paris, Klincksieck, 1951.
- ERNOUT, A. et THOMAZ, F. *Syntaxe Latine*. 2^e édition. Paris, Klincksieck, 1964.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Latine*. Paris, P.U.F., 1969.
- GUBERNATIS, M. L. de. *Manuale di Prosodia e Metrica Latina*. Milão-Messina, Giuseppe Principato, 1951.
- LAVARRENE, M. *Initiation à la Métrique et à la Prosodie Latines*. Paris, Mignard, 1949.
- LAVEDAN, P. *Dictionnaire Illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris, Hachette, (1931).
- NOUGARET, L. *Traité de Métrique Latine Classique*. Paris, Klincksieck, 1963.
- RAVIZZA, J. *Gramática Latina*. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco, 1958.
- SPALDING, T. O. *Dicionário de Mitologia Greco-Romana*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965.
-
- Pequeno Dicionário de Literatura Latina.
São Paulo, Cultrix, 1968.

II- Textos de Pêrsio

- PERSE. *Satires*. Suivies d'un fragment de Turnus et de la satire de Sulpicia. Traduction nouvelle par A. Perreau. Paris, Panckoucke, 1832.

PERSIO e GIOVENALE. *Satire Scelte*. Con introduzione e commento da Felice Vismara. Milano, Francesco Vallardi, 1904.

PERSIO. *Le Satire*. Seconda edizione rifatta. Illustrate con note Italiane da Felice Ramorino. Torino, Giovanni Chiantore, 1920.

——— *Satires*. Texte établi et traduit par A. Cartault. Paris, "Les Belles Lettres", 1929.

——— *Sátiras*. Edición, introducción y comentario por Miguel Dolç. Barcelona, C.S.I.C., 1949.

——— *Le Satire*. Testo; versione e note di Giovanni Stano. Bologna, L. Capelli, s.d.

III- Estudos e artigos sobre Pérsio

BARDON, H. *Perse et la réalité des choses*. Latomus. N.Y. - London, XXXIV(2), 1975.

——— *A propos de Perse: Surrealisme ou Collage*. Latomus. N. Y. - London, XXXIV(3), 1975.

HERRMANN, L. *Les Premières oeuvres de Perse*. Latomus. N.Y. - London, XI, 1952.

——— *Néron et la morte de Perse*. Latomus. N. Y. - London, XXII, 1963.

NISBET, R. G. M. *Persius*. In: Critical Essays on Roman Literatur. London, Routledge & Kegan Paul, (1963).

IV-Textos de outros autores latinos e gregos.

CÍCERO. *Les Devoirs*. Texte établi et traduit par Maurice Testard. Paris, "Les Belles Lettres", 1974, t. I.

CICERO. *Les Devoirs*. Texte établi et traduit par Maurice Testard. Paris, "Les Belles Lettres", 1970, t. II.

Les Paradoxes des Stoiciens. Texte établi et traduit par J. Malager. Paris, "Les Belles Lettres", 1971.

CATULO. *Poésies*. Texte établi et traduit par George Lafaye. Paris, "Les Belles Lettres", 1966.

FEDRO. *Fabulae*. Con introduzione di Avancinio Avancini. Milano, Antonio Vallardi, s.d.

HORÁCIO. *Odes et Épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, "Les Belles Lettres", 1967.

———— *Épîtres*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, "Les Belles Lettres", 1955.

———— *Satires*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, "Les Belles Lettres", 1951.

HOMERO. *Illiade*. Texte établi et traduit par R. Mazon et alii. Paris, "Les Belles Lettres", 1926.

JUVENAL. *Satires*. Texte établi par Pierre de Labriolle et traduit par F. Villeneuve. Paris, "Les Belles Lettres", 1974.

LUCRÉCIO. *De la Nature*. Introduction et notes par Henri Clouard. Paris, Carnier, s.d., 2 v.

LUCÍLIO. *Satires*. Fragments revus, augmentés, traduits et annotés par E.-F. Corpet. Paris, Panckoucke, 1845.

———— *Satires*. Texte établi, traduit et annoté par F. Charpin. Paris, "Les Belles Lettres", 1978, t. I.

MARCIAL. *Epigrammes*. 3^e édition. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris, "Les Belles Lettres", 1969, t. I.

MARCIAL. *Epigrammes*. 3^e édition. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris, "Les Belles Lettres", 1973, t. II.

MARCO-AURÉLIO. *Meditações*. Tradução e notas de Jaime Bruna. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973, v. V.

OVÍDIO. *Héroïdes*. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Marcel Prevost. Paris, "Les Belles Lettres", 1928.

——— *Les Métamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris, "Les Belles Lettres", 1955.

PETRÔNIO. *Le Satiricon*. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris, "Les Belles Lettres", 1974.

PLÍNIO. *Histoire Naturelle de Pline*. Paris, Panckoucke, 1833.

PLUTARCO. *As Vidas dos Homens Ilustres*. Tradução do francês de Paulo Edmur de Souza Queirós. São Paulo, Ed. Américas, s.d., 9 v.

QUINTILIANO. *Institution Oratoire*. Texte revu et traduit avec introduction et notes par Henri Bornecque. Paris, Garnier, s.d., 4 v.

SÈNECA. *Lettres a Lucilius*. Texte établi, traduit et annoté par François et Pierre Richard. Paris, Garnier, s.d., 3 v.

TÁCITO. *Dialogue des Orateurs*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par Henri Bornecque. Paris, "Les Belles Lettres", 1947.

TERÊNCIO. *Comédies*. Texte établi et traduit par J. Marouzeau. Paris, "Les Belles Lettres", 1966.

TÍTO-LÍVIO. *Historiarum Libri*. Parisiis, Haar & Steiner, 1868, t. I.

VERGÍLIO. *Opera*. Paris, Hachette, 1895.

VIRGÍLIO. *Éneide*. Texte établi et traduit par A. Bellesort. Paris, "Les Belles Lettres", 1967.

———— *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris, "Les Belles Lettres", 1966.

———— *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris, "Les Belles Lettres", 1967.

V- História da Literatura Latina

BAYET, J. *Litterature Latine*. Paris, Armand Colin, (1977).

BIELER, L. *Historia de la Literatura Romana*. Gre-dos, Madri, (1968).

BIGNONE, E. *Historia de la Literatura Latina*. Buenos Aires, Losada, 1952.

GUDEMAN, A. *Historia de la Literatura Latina*. Tradução do alemão de Carlos Riba. Barcelona, Labor, 1930.

LAMARRE, C. *Histoire de la Litterature Latine*. Paris, Jules Lamarre, 1907, t. 2.

LEONI, G. *A Literatura de Roma*. São Paulo, Nobel, s.d.

MARMORALE, E. V. *História da Literatura Latina*. Tradução do italiano de João Bartolomeu Júnior, Lisboa, Cor, 1974, 2 v.

NAGEOTTE, E. *Précis d'Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Hachette, s.d.

PARATORE, E. *Storia della Litteratura Latina*. Firenze, 1962.

PICHON, R. *Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Hachette, s.d.

VI- Obras de Teoria e Crítica Literárias

- BOISSIER, G. *Tacite*. 3^e édition. Paris, Hachette, 1908.
- COSTA, A. *Temas Clássicos*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- CARTELLE, E. M. *Aspectos Lexicos y Literarios del Latin Erotico*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago, 1973.
- COUSIN, J. *Études sur la Poésie Latine*. Nature et Mission du Poète. Paris, Boivin & Cie., (1945).
- D'ONOFRIO, S. *Os Motivos da Sátira Latina*. Marília, F. F.L.C., 1968.
- MARCHESI, C. *Scriptorum Romanorum Supplementum*. Quinta edizione annotata. Milano-Messina, Giuseppe Principato, (1943).
- MAROUZEAU, J. *Traité de Stylistiquè Latine*. 2^e édition. Paris, "Les Belles Lettres", 1946.
- SAINT-DENIS, E. de. *Essais sur le Rire et le Sourir des Latins*. Paris, "Les Belles Lettres", 1965.
- VAN ROOY, C.A. *Studies in Classical Satire and Related Theory*. Leiden, E. J. Brill, 1966.
- WALTZ, A. *Anthologie des Poètes Latins*. Paris, Hachette, 1930.

VII- História de Roma

- AYMARD, A. e AUBOYER, J. *Roma e seu Império*. Tradução portuguesa de Pedro Moacir Campos. São Paulo - Rio de Janeiro, Difel, 1976, t. II.
- BALSDON, J. P. V. D. *O Mundo Romano*. Rio de Janeiro, Zahar, (1968).
- BLOCH, R. e COUSIN, J. *Rome et son Destin*. (Paris), Armand Colin, 1960.

FERRERO, G. *Nouvelle Histoire Romaine*. (Paris), Hachette, (1936).

KOCH, J. *Historia de Roma*. Tradução de José Camón. Barcelona, Labor, 1942.

ROSTOVITZEFF, M. *História de Roma*. 3ª edição. Tradução portuguesa de Waltencir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, (1973).

VIII- Filosofia

BREHIER, E. *La Théorie des Incorporels dans l'Ancien Stoïcisme*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970.

BRUN, J. *Le Stoïcisme*. 7^e édition. (Vendôme), P.U.F., 1976.

——— *Les Stoiciens*. (Vendôme), P.U.F., 1973.

MONDOLFO, R. *O Homem na Cultura Antiga*. A compreensão do sujeito humano na cultura antiga. Tradução portuguesa de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo, Mestre Jou, (1968).

FOBIER, G. *Études de Philosophie Grecque*. 3^e édition, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1969.

SCHULL, P.-M. *Les Stoiciens*. (Cléanthe, Diogène Laërce, Plutarque, Cicéron, Sénèque, Épictète, Marc-Aurèle) Textes traduits par Émile Brehier. Paris, Gallimard, 1972.

I N D I C E

Considerações gerais	1
I- Introdução	5
Biografia	6
Obras	11
A tradição manuscrita	13
<i>Satira</i> ou <i>satura</i>	16
A intenção de Pêrsio	17
Argumento das sâtiiras	19
Sâtira I	19
Sâtira II	21
Sâtira III	23
Sâtira IV	24
Sâtira V	25
Sâtira VI	27
Obscuridade	35
Causas da obscuridade	38
A língua	39
O diálogo	41
As imagens	43
As transladações	49
As alusões	52
A mudança brusca das cenas	52
A imaturidade	53
O Valor Literário	60
A representação da vida	63
Caricaturas	66
A força dramática do diálogo	68
Originalidade e lugares-comuns	70
A métrica	75
Conclusão	83
II- Tradução e notas	88
Sâtira I	
Tradução	89
Notas	96

Sátira II

Tradução110

Notas114

Sátira III

Tradução122

Notas127

Sátira IV

Tradução137

Notas140

Sátira V

Tradução147

Notas155

Sátira VI

Tradução170

Notas174

Bibliografia183